

Parusia

Parusia

*A Segunda Vi(n)da
de Jesus Cristo*

Victor Mota

Título: Parusia -A Segunda Vinda de Jesus Cristo

Autor: anónimo

União Europeia

Depósito Legal

ISBN:

Parusia

Ao Valdemar,

a tod@s @s que me inspiraram,

direta ou indirectamente.

Ao Rafael, ao Guilherme,

*ao Rodrigo e, **last but not least,***

à Matilde.

Ao Manuel Marques, para sempre.

Parusia

Do Fundo da Solidão

Parusia

Pouco a pouco, Paulino Marques procurava recuperar a sua forma de falar, de descrever o mundo, as relações, interações dos homens, mulheres e crianças por quem passava a não se apercebia somente daquilo que ao seu olhar escapava. A seu ver, o restante da sua vida seria passado, pelo que sabemos, escrevendo, descrevendo a forma como se entendera com situações, apesar de, como *Cândido*, de Voltaire, tinha sobrevivido a tantos acossamentos, diríamos assim, do espírito e como com o mesmo espírito poderia dar conta de que a vida que tinha ao seu dispor poderia ser vivida com alguma calma, com o mínimo de turbulência, com alguma predisposição para o Bem. O isolamento que sofria naquela época em que desejava estar com alguém, era marcado por grandes alterações sociais que não haviam afectado o modo de vida de Paulino. Sua filha Juno frequentava a escola secundária e pretendia seguir medicina, como era desejo do pai, mas para que tal acontecesse não bastava o desejo e incentivo de Paulino, era preciso uma conjugação de factores. Quanto ao outro filho, Pedro Emanuel, procurava seguir artes e dentro destas, as visuais, dentro destas as gráficas, isto segundo desejo de Paulino, pois desejava ter seu filho junto na gráfica onde trabalhava. O seu ofício, sendo as letras, não era propriamente o de escrever, mas aprendera, ano após ano a ter uma certa emoção vendo os livros dos outros impressos, aprendera a querer ver as suas palavras impressas, fixas nas máquinas e encadernadas, coladas, etc., até aos olhos do leitor. Uma dor de cabeça de cabeça particular ocupava-o naquela tarde, e a origem não eram as máquinas. “A disposição não podia mais ser pensada, tinha de vir do coração” -havam sido as palavras de Samuel Torres, seu primo, no dia de ontem, quando haviam ido ao cinema para pôr a conversa em dia. Samuel deixara Paulino preocupado, pois sendo seu primo, seus problemas naturalmente o afectavam. Podia ter sido uma excelente pessoa, por fora e por dentro, mas algo lhe faltara, uma certa estranheza e ar sinistro. Era demasiado fácil com as pessoas. A dor apanhava-o de surpresa a qualquer momento d dia, quando menos esperava, parecia estar ultimamente atolado em areia movediças, quando mais se mexia mais se enterrava em seus próprios problemas. Sua mente parecia um íman que atraía tudo o que era negativo à sua volta, ficando

Parusia

sem reacção devido à dor, fumando um ou outro cigarro de raiva, que não ia longe, já que se havia declarado há bastante tempo não violento mas a tensão estava lá e havia de sair de uma forma ou doutra, ajuizava danado. Assim, nessa luta com uma doença crónica como a fibromialgia, lembrava-se da namorada que o havia abandonado, não sabe se uma coisa se outra, se outra ou se a mesma coisa como vítima de uma doença que punha abaixo de qualquer um, uma neste caso. Mas Samuel Torres não desistira do amor. Pensava mesmo assim, o que poderia fazer em relação a isso. Neste particular, a mulher de Paulino, Magda, era sua confidente. Pouco a pouco ia avançando na esperança de demover sua ex-namorada de ficar no silêncio de sempre, um silêncio de dor e classista, um silêncio incompreensível, que só podia ser entendido se Samuel se colocasse no lugar dela. Samuel havia escrito uma carta à Baudelaire para reconquistar Francisca, mas ela, da última vez que se haviam visto, apenas mencionara o facto, sem comentários e o seu autor deixara para sempre aquela cidade e no futuro que se seguiu apenas de passagem havia por ali passado. As imagens que povoavam a sua mente eram certamente cenas eróticas de que não era autor e tal parecia ser altamente frustrante, sentir desejo e não lhe poder dar caminho, no entanto tais imagens funcionavam como um lenitivo para a dor de solidão e travavam o seu desejo. Paulino falava amiúde com Samuel, naquele início de século, pai e filho falavam animadamente das suas vidas sexuais, até um certo limite, aquele que lhe permitia a diferença geracional. Era óbvio que Pedro Emanuel não falava da pornografia que via com seus amigos e Paulino não falava da sua conquista com que regularmente dava asas ao desejo. Não era uma questão de tabu, mas de respeito pela privacidade de cada um, um respeito simplesmente geracional. Entre os amigos Paulino e Samuel, a abertura era maior. Tendo tido ambos um passado religioso, criticavam a forma como os contemporâneos tratavam a questão do desejo. Os que permaneciam ancorados na religião viam nela uma forma de exílio, outros, que nunca haviam tido uma experiência religiosa, não davam favor nenhum a aspectos sociais e vivam tal qual monásticos em pleno mundo profano, servindo-se disso para influenciar os outros, que deveriam aceitar as suas teorias e

reverberações de egos à procura de Deus sem nunca o terem encontrado. Para os dois, que haviam de facto encontrado Deus e conhecido as cambiantes da fé, nada nos dias actuais lhes causava admiração maior do que o desejo humano, que o próprio Cristo provou sendo que tal o fortaleceu na sua missão altamente ingrata de salvar os homens. Se era pois de admirar quem se consagrara à vida religiosa eram de lamentar aqueles que para ela tinham feito permaneciam neste mundo secular imitando a vida religiosa, fundando uma subserviência falsamente sagrada, como sacerdotes do transcendente num mundo profano que por eles se via iludido porque a maior parte das pessoas nunca haviam tentando por a sua vida e projectos e risco. De admirar seriam aqueles que em plena juventude haviam dedicado sua vida a Deus e, adiando o desejo, haviam permanecido transtornados entre amor profano e sagrado. Poderá o leitor contestar que esta opinião que os nossos protagonistas perfilhavam será errado no mundo actual, mas tal argumento é perfeitamente falacioso e frágil, pois a questão de identidade não é meramente social, objectiva, mas subjectiva, intersubjectiva. Essa luta que Paulino e Samuerl haviam tido em jovens solidificara uma consistente amizade, como a de *Era Uma Vez na América*. Só que neste particular, o teor das aventuras era completamente outro, apenas a música e a amizade salvara o filme. Samuerl não sabia bem por onde ir, se tentar insistir sobre Francisca se partir para outra, como se aconselhava seu amigo Paulino. Fosse como fosse, Samuel não desistira do amor. A noite caía com poder sobre a sua mente, os mais novos sentiam o que ele já sentira, só que tinha a impressão de estar cada vez mais atento ao seu sentimento, ao sentimento de si. Envelhecia e seu amor por alguém inconfesso, indefinido, por alguém que havia de aparecer faziam-no tornar refém do quotidiano. Ao fim de tanto tempo, ainda procurava um motivo para a fuga do seu último amor, mas já não o tinha por referência, seu pensamento estava posto no futuro. Só que esse futuro era invariavelmente postado contra uma realidade que lhe fugia mais e mais. Quanto a Paulino, desconfiava que Samuel punha por escrito o que sentia e não fazia ideia de que o original que agora lhe passava pelas mãos era de seu melhor amigo. Magda encontrou Samuerl por acaso na padaria de manhã e

Parusia

convidou-a para um café, ao que ela acedeu como confidente que era. Falaram de Samuel e do modo poético que andava vivendo ultimamente. “Trata-se de Francisca, ela deixou-lhe marcas” -dizia placidamente Magda. “Isto dos amores faz-nos sentir vivos, o mais importante é viver” -retorquia Paulino. Despediram-se e marcaram uma ida ao cinema para ver a música dos ABBA (humm...) em breve. Absorto na realidade, Samuel estava queixoso por estar só e afogava suas mágoas num livro que prometera a si mesmo escrever como um filho que nunca teria, teria então a oportunidade de deixar um livro em vez de dinheiro, era a sua herança para os sobrinhos e para os que haveriam de vir depois daquela geração. Numa noite em especial, Samuel encontrava-se preso aos seus pensamentos, extraordinariamente obcecado pela união entre a sua pessoa e o mundo, uma parte menos conveniente do mundo, aquela que menos importava. Seria digno de substituir essa ligação por outro pólo mais positivo, preferencialmente humano? Se Paulino sofria de fibromialgia, Samuel sofria de Saudade e ela empurrava-o para algo triste e ao mesmo tempo terrivelmente Belo: o pensamento. Era na circunstância de ter consciência de ter infringido leis fundamentais para aquilo em que acreditava que se encontrou só e questionava de que forma tal doença aparecera no seu corpo, de que modo se instalara na sua mente que forma havia conquistado seu coração, substituindo uma pessoa de carne e ossos, um outro pensamento. Demorava até que Paulino visse o reconhecimento público com o seu livro, isto tudo num contexto em que a obra de Samuel estava sendo impressa. Eram bastante diferentes um do outro. O primeiro era dedicado e perfeccionista, o segundo emotivo e amigo de todos. O primeiro tinha dificuldade em fazer amigos mas tinha poucos e bons, o segundo facilmente fazia amigos, era algo gastador, e não conservava os amigos que fazia. É claro que naqueles dias de crise para a generalidade das pessoas e de proveito para alguns, outros factores havia que se colocavam diante destes dois factores. Chegou o dia de Magda e Paulino irem ao cinema. O filme, uma realização francesa, era o pretexto para falarem de assuntos mundanos. Eram 10 horas da noite quando resolveram até às docas passear um pouco. “Faço tudo para provar a mim mesmo que não sou um homem falhado” -confidenciou Paulino.

“Não precisas de provar a ti mesmo isso” -afirmou Magda- “vive do etéreo, do Espírito, e perceberás qual a tua missão na Terra”. “Queria saber se sim se não, se a solidão é a chave para a procura da felicidade, porque quando estamos com a nossa consciência e parte nos sentimos arrebatados, em outra parte nos sentimos frustrados, anquilosados, inertes com uma impressão de falta de realização, de completude”. “Talvez seja a consciência te alertando que não podes estar só, mas também tens de conviver com a tua consciência. Se não te suportas como podes esperar que outros te aceitem?”-intimava Magda. E a conversa decorreu assim com Paulino procurando saber de tudo o que de mais era evidente e Magda tentando conduzir um cego que era na sua busca de lugares mais luminosos. A sua cegueira pela felicidade era algo de relativamente usual, que podia afligir qualquer pessoa que aquele achava estranha e descabida. Quanto a Samuerl, depois de concluir o seu livro, não pusera os pés na tipografia onde a obra estava sendo impressa e já que o segredo havia surgido por si próprio, assim ficaria e estava assente para o autor que só nas livrarias iria confessar a seu primo quem era o autor daquele livro. Só depois dos autógrafos, da sessão de lançamento, da publicidade nos *media*, só depois disso tudo Paulino saberia que Samuel escrevera a propósito das coisas que o afligiam em seu redor. O presente para este autor, ou actor, era coisa de somenos importância e o passado ainda menos, diziam os filósofos que o presente era o que mais importava e que não havia nem três tempos nem contratempos e que a felicidade era daqueles que a procuram numa base espiritual, num pretexto transcendente onde os pensamentos autodestrutivos se haviam de aplacar, dando lugar a uma paz e a uma protecção em relação ao que se passa de mau à volta de nós. Não se tratava de enterrar a cabeça na areia, como lhe haviam dito alguns maus sacerdotes que mais procuravam discípulos e atenção, na verdade onde e quando Samuerl tirava o chapéu seria numa calma abordagem ao problema, pois estava farto de abanões dos outros e na verdade o que queria não era o que os outros queriam, e sabia no fundo que o que os outros queriam para ele de bom seria o que ele próprio queria para si próprio. Num caminho de floresta caminhava naquela manhã de Novembro, altura e que sua sobrinha Juno fazia exames de

admissão à universidade, chegando a um lago tirou para fora da bagagem o balde e a cana de pesca e aproveitou seu espírito para saborear aquela paz rara e inusitada que se colocava como um quadro impressionista diante dele. Mas mesmo assim, as turbulências do seu espírito não pareciam cessar. O livro parecia ter sido pouco, apenas um exercício pessoal de retórica do absurdo. Os pensamentos que o ocupavam não o deixavam desde que lhe dera valor e a sua mente parecia um enorme íman que atraía impressões de carga negativa. Tal punha-o abaixo no final do dia e quando estava pronto para ir descansar tinha uma última lucidez para começar dia. Assim começava a noite. Não raro acordava sobressaltado durante a noite e andava de um lado para o outro com o pensamento fixo em qualquer coisa de menos importante. Achou o caso merecedor de ida ao médico e foi-lhe diagnosticado uma depressão e uma doença crônica psicológica. Juntamente com a falta de exercício físico, os hábitos alimentares traziam-no muito em baixo. Samuierl esforçava-se por dissimular a doença, mas não era fácil, sempre um dia acabaria por voltar a aparecer, sobretudo a parte depressiva, pois a parte crônica era constante, estava presente no seu dia-a-dia. Ao contrário de Paulino, Samuierl havia sido influenciado pelos anos no seminário a este propósito, embora reconhecesse que já antes seria assim, que o seminário apenas foi um sintoma, apenas teria ajudado a revelar o que estava escondido. O pequeno Jonas crescia então numa atmosfera fortemente erótica, onde seu tio procurava lidar com a sua sexualidade do meio mais saudável. Tal era uma tarefa que requeria qualidades superiores de espiritualidade e transcendência. E de que modo Magda, sendo sua confidente, estaria à altura de conselheira? Esse papel cessou quando ambos se aproximaram demais um do outro e Samuel achou que devia viver sem conselheira, afinal o que faz a maioria dos homens? Um homem entre mulheres cresce efeminado, dizem os especialistas, e Samuierl não era o tipo de homem que se encolhesse diante de uma mulher. Assim, temos um quadro algo patológico, ao qual se juntam desejos incomensuráveis e fantasias recomendáveis. O ambiente era quente como um mês de Agosto, com festas e ruidosos emigrantes com seus carros topo de gama, seus casamentos, suas folias legítimas. No seio da família alargada de Samuierl e

Parusia

Paulino, a insegurança, sob o ponto de vista de Samuel, era significativa. Dado o seu carácter instável, distribuía-se o mal pelas aldeias e nesta medida também Paulino era uma pessoa afectada. Se Magda era conselheira de Paulino, Samuel tinha os seus filhos a quem dar atenção, não podendo ter margem para veleidades. Isto criava nele uma pressão que o levou a ir ao médico e a ser-lhe diagnosticada epilepsia. Contudo, ambos faziam desporto e não fumavam, o que contribuía para o seu bem-estar. Mas também havia válvulas ou suportes de segurança na família. O avô Tiago tinha um feito difícil e Samuel por vezes confidenciava a Paulino se valia a pena ter um homem tão intratável como família só pela segurança económica. Pai de Samuel e tio de Paulino, Tiago Marques crescera no seio de uma família numerosa, 11 filhos, tendo passado necessidades de uma família modesta da beira nos anos do regime ditatorial de direita. Todos eles haviam sucedido, apesar de a mãe ter morrido de tuberculose aos 40 anos, tendo deixado a tarefa educativa para o pai Clemente e os mais velhos dos filhos, especialmente Josué e Maria Arminda. Esta vive ainda hoje junto à habitação onde a maior parte dos filhos nasceu. Tiago Marques ainda mantinha a mesma esposa, estando para comemorar cinquenta anos de casados em breve. Augusta Torres, esposa de Tiago, desde cedo se revelou mulher dedicada e mãe exemplar, liderando o forte espírito familiar que unia sua família. Samuel tinha saudades da família de sua mãe que havia sido destroçada por doenças –que Augusta atribuía a um destino especialmente cruel- e pobreza –atribuída à má-orientação de Miguel Torres. Estes pólos, estas personagens, eram a órbita de Samuel e Paulino, se podemos ter a veleidade de a atribuir aos dois personagens ao esmo tempo. Na verdade, havia variações a que cada um deles estava consciente e as quais não revelaremos aqui na íntegra. Tanto Paulino quanto Samuel encontravam-se regularmente com Magda, mas a partir do momento em que um deles se aproximou demais desta, Magda foi-se aproximando progressivamente de Paulino, a ponto de lhes acontecer o mesmo. De modo que, sob esta perspectiva, estavam ambos dependentes de Magda, mas com distanciamento progressivo a efectuar-se, pois a confiança era uma necessidade que ambos sabiam poder acabar e tal aconteceu porque a

mulher de Paulino, Magda assim o destinou. Os filhos estavam de permeio e tal foi a razão que levou à reaproximação entre Paulino e Magda. Esta vivia naquele Outono de uma cidade média portuguesa, uma forma estranha de dependência dos dois primos, mas depois do pesadelo do acto praticado com Samuerl, Magda estava ferida e voltara a casa reprimindo as suas tendências exogâmicas. A vida de Tiago havia sido tudo menos fácil. Desde cedo era o irmão mais novo, pontapeado pelos mais velhos de um lado para o outro, encontrando somente solidariedade naqueles que eram da mesma idade, foi talhado para sacrifícios e quis proporcionar aos seus três filhos bem-estar que nunca ele tivera gozado. Cedo os filhos o ajudaram, mas um deles influenciava os outros a não ir com tanta força para com a vida e talvez por isso estivesse só, como Samuerl, moendo a raiva, habitado de uma sede de revolta como a que se vê nos livros de Camus. Contudo, sabia viver com isso e o amanhã era sempre outro dia, pelo que não se envolvia em contendas com os seus contemporâneos. A relação entre pai e filho terminaria um dia? Porque não continuar a caminhar se Tiago nunca tivera uma conversa sincera com ele? Os motivos, de não ter havido uma conversa, os motivos do desligamento seriam certamente explicáveis por uma qualquer teoria freudiana. Mas ninguém se importava com isso, estavam todos mais preocupados com coisas globais ou nacionais. Aparentemente, Samuerl, vendo-se só, sem confidente, apenas teria de cortar o cordão umbilical, a dependência em relação à mãe, para ser perfeito em relações humanas. Se todos fossem como ele certamente que o mundo estaria melhor, julgava ele e relação à turba que não o acompanhava em pensamentos, actos e omissões. Quanto à Igreja, muito longe estava de ser um católico escrupuloso, era cristão e a distância na corrida da vida estava maior atrás do que é frente e então porque não continuar a correr em frente? Não, Samuel Haia estado certo quando passou o que passou no seminário, afinal ele tinha radicalizado um grito de revolta arriscando a sua vida. Não ia ele também salvar os outros? Todos temos especial atenção para com os religiosos mas nunca lhe queremos vestir a pele e não teremos o direito de mudar aqui de ambiente, na rua, nas casas, nos centros comerciais? Há uma tendência para o deboche quando se juntam seres humanos desequilibrados,

descompensados, e tal era mais do que evidente junto dos amigos de escola, desde cedo. Não se pode suportar tanta depravação, há que fugir onde se possa respirar alguma transcendência. Resta saber se há forma de continuidade entre a depravação e a vida normal. Brandos costumes, poderia dizer-se, mas está lá a semente do medo e da ignomínia, potenciada pelo silêncio. Não há guerra, mas as pessoas são sacudidas por dentro no seu racional bem viver e segurança conquistados desde há séculos. O perigo parece vir de fora e a sociedade vai-se desgastando pouco a pouco, num esmo de instabilidade e tremura, numa dor profunda e falta de reconhecimento. Assim se vive, com a cabeça entre as orelhas, julgando que tudo está assegurado, como uma vida e morte tranquilas, cumprindo o destino. Em Wall Street as coisas não vão e nós por cá somos afectados com isso, deveria vir alguém com uma espada e nos libertar de todas estas dependências que só aumentam nossa fraqueza. Na sequência de nossa trama poderemos ver como nossos personagens se procuram libertar das rédeas do parentesco e o jogam ao ar como um sapo cheio de ar, como se vão envolvendo sentimentos e fulgurações, como assim se traça a noite de quem perdeu o juízo e vagueia pela cidade, rosto entre rostos e expressões, desistindo ali descortinar qualquer familiaridade com uma moça e insistindo em ajudar uma velhinha acolá. Parece-nos relativamente fácil aparece incauto por entre a turba e dizer-se que se é honesto e bom amador. Na realidade é fácil, mas parece difícil. Ora, pouca gente terá experimentado a ignomínia e o gozo como Gonçalo Esteves, um jovem de trinta anos e poucos que resolveu acabar com a vida e ainda está vivo, premeditado e convicto de que não terá com os seus actos ofendido os seus e sua própria pessoa e coisas em que acreditava, pois se pelo acto se fez ele próprio como poderá viver de tal modo com cabeça dentro do turbilhão. O certo é que andara Gonçalo Esteves muito tempo aflito por considerações como a opinião dos outros e como havemos de vier e como havemos de urinar, se com a mão esquerda, de com a mão direita, tal é a estupidez das pessoas que se reiteram velhos hábitos de dar todo o mérito e não demérito a Deus por coisas que passamos. No final sua vida, havia uma agonia breve, mas incisiva, que lhe dizia que anda para aí muita gente a

Parusia

cometer crimes em nome desse Deus que permite o sofrimento dos loucos e a instalação da loucura naqueles que à partida estão ao seu serviço. Assim terá morrido Gonçalo Esteves, com meia vida tapada, sedo que nessa parte tapada estaria mais vida que uma concentração de homens e mulheres e festa já que era apenas o *locus* da representação dos outros, assim tão sublime quanto simplesmente terá vivido Gonçalo Esteves. Alguém veio depois e tomou em segunda mão a vida do Esteves e ficou com sua casa e ter-se-á interrogado por que homem tão sublime terá morrido só, o que terá acontecido até então para que tal tivesse acontecido. Mas não se crê ter-se José Esteves envolvido em mulheres ou religião. Foi um assalariado prestimoso, pontual e eficiente, trabalhava na serração da aldeia, ia sim à missa de Domingo, teve um ou outro caso com raparigas da aldeia, neste aspecto foi suficientemente endogâmico. A um ponto ter-se-á interrogado se bem valia uma ou outra porque começou escrevendo num pequeno caderno preto de linhas finas, à francesa, certas observações sobre o voo dos melros e a descoberta de corvos em torno na casa e as marés, o florescimento de certas flores e daí se explica a um certo ponto ter-se dedicado à fotografia. Assim, momento após momento, esse alguém foi reconstruindo a vida de Gonçalo Esteves, o *Estebes*, através de memórias feitas de instantes e palavras por ele dadas. Juntou duas mesas na sala de jantar e fez uma pequena exposição para si próprio. Esse alguém era filho de Paulino Marques, Juno, a jovem que conhecera Esteves muito de raspão. Lembra-se de brincar com ele à bola e de lhe ter dito “já cabou fumá?” e ele esboçar um sorriso do tamanho do sol ao ponto de lhe fazer sombra no seu próprio rosto de criança. Esta criança tinha agora 23 anos e tinha entrado na Faculdade de Medicina, mantendo a admiração por Gonçalo Esteves como um amor platónico que consigo portava através dos dias de pós-adolescência. Na Faculdade conheceu vários colegas que a haviam atraído, mas nenhum conseguira tirar o lugar a José Esteves. Essa pessoa não apareceu e Juno ficou solteira, amando o que restava de m cadáver e seria isso o mais importante? Ficou só, médica brilhante, mas só, será que isso era modo de vida? E compreendia o desespero das pessoas que procuram a sua alma-gêmea, que

não faziam política com a sua virgindade, e não era estranho isso? Que caminho havia em vez daquele, em vez das noites só, e ainda por cima diziam-lhe que uma mulher facilmente arranja homem. Pois no *facilmente* é que estava o busílis. Não, nada é facilmente, tudo é forçado e violento, o mundo é feito de violência e barbaridade. Dias depois de ter estado tormentoso o espírito de Samuel, continuo vivendo dia após dia e pressentia que cada vez mais os dias seriam grandes para que pudesse deixar um obra e tal era mais importante até que a alma-gêmea que não era dramaticamente preciso procurar. E no seu romance, como poderia Samuel pensar personagens, colocá-los no palco, sem viver também ele com os outros. Do fundo da sua solidão nasciam em cascata, melhor em fogo-de-artifício, ideias que iluminavam os seus dias seguintes. Esperava por isso pacientemente pelo dia em que suas palavras vissem a luz do dia. Sem o saberem, Paulino e Samuere escreviam cada qual as suas próprias coisas e não falavam nos seus projectos pessoais em favor dos respectivos originais. O gato que ambos viriam no cimo da rua, não tinha duas cabeças como da mesma cor que passara num ecrã, a rapariga de seios ajustados já não lhe causava impressão, uma reflexão filosófica já não lhe espantava, uma criança já não lhe causava dores de cabeça por porventura a ter ofendido com o seu pensamento na véspera, a fé já não que causava febre nem suor nem lágrimas, o Papa era cada vez mais conservador, a Igreja era cada vez retrógrada, e que importava isso se Samuere vivia a só, se Paulino estava só, ambos compondo a sua música do acaso, a música dos dias, preferindo ambos o silêncio ao holofotes, na verdade cada qual tem o que merece e nessa medida do fundo do silêncio, da dor e da solidão, ambos esperavam encontrar algum tipo de remissão pelas palavras. Juno, a filha de Paulino crescia lentamente como surge num ser humano, cumprindo várias preferências culturais a propósito de temas e disciplinas variadas. Com quinze anos escreveu a sua primeira mensagem de amor numas férias de verão e combinou na casinha feita pelo grupo de amigos um encontro com Pedro Laves e ali perdeu a virgindade, não na casa dos seus pais ou dos pais de Pedro, mas na casinha que juntamente com Luís, Tiago, Amália e Josefina haviam posto em pés nas férias de verão do ano anterior. É certo

que aquele sítio, como dizem os brasileiros, iria desaparecer um dia mais tarde, mas por enquanto não, havia que desfrutá-lo da melhor maneira. O que afinal parecia mais determinante para Paulino, Samuere e Magda seria a solidão e o modo como eles lidariam com essa situação. Uns dias por vezes ficava Samuel retido em casa, mesmo que não chovesse e que estivesse um dia bonito e radioso. Imaginava as vidas que podia ter tido, quando na verdade se encontrava vezes sem conta numa posição ou atitude de anular a sua própria existência. Um qualquer olhar, pensava ele, podia ter sido lançado contra a sua pessoa para ele não vingar. Os néones da cidade começavam a fazer efeito na Moraes Soares, a noite caía mais uma vez e as cintilações da alma teriam feito mais preponderância se usadas em luz solar, mas não era tarde para este triângulo amoroso. Todas as incidências da subjectividade destes personagens teriam de ser descritas minuciosamente a fim de comprovarmos qual a relação entre elas. As mudanças que se poderiam e deveriam operar nas mentes dos personagens estavam relacionadas com o modo como estavam presos à realidade, de que modo viviam, seus hábitos e até agora podemos dizer que estas personagens estavam demasiado atreitas umas às outras e a suas famílias para poderem empreender alguma forma de autonomia sentimental. Vivemos livres numa prisão, dissera o psiquiatra eminente. Assim, podendo fazer alguma forma de libertação destes personagens, dois dos quais também se encontravam presos pela escrita, vício maior do que haxixe ou nicotina, vício que nos acompanha até à cova, podendo fazer com que estas personagens se libertem do jugo dos sentimentos, não sem gerando uma atmosfera densa e nevrótica, pois estão em causa sentimentos demasiado fortes para deles se liberarem completamente. Mas o verdadeiro milagre consistia no facto de ainda os dois terem paciência e clarividência para escrever, por mais frustrante que fossem suas duas vidas. Ambos haviam nascido em França e de alguma maneira nunca haviam compreendido o que se é sendo português, talvez fosse esse mesmo o tema de fundo dos seus livros, como é ser-se português? Até ali tinham uma espécie de distanciamento da realidade, mesmo em termos de solidariedade, de compaixão pelo outro, estavam um pouco enferrujados, havia, por terem sangue espanhol e terem estado em

Parusia

França, uma espécie de distanciamento dos dramas do próprio povo português. Contudo, o grande mistério estava no facto de nunca terem emigrado, mesmo com crise após crise, crise nacional, crise mundial, não tinham escolhido outro país para ganhar a vida, e seria boa óptica tentar perceber porquê, talvez nem o narrador seria aqui capaz de dar conta das verdadeiras e fundas razões para tal insistência em ficar em Portugal. Uma explicação, tentando nós empreender tal empresa, seria o facto de os pais de ambos serem portugueses e desde quando a nacionalidade dá direito a direitos que se conquistam ao longo da madura idade, não, não haviam perdido a sua identidade mas, ambos vivendo em Lisboa, embora distantes um do outro, procuravam algum tipo de explicação para aquelas noites passadas no café de Vila Nogueira, noites que pareciam intermináveis para Samuerl porque os fins-de-semana punham-no abaixo, aquelas noites em que no meio de gente simples se sentiam profundamente portugueses no Portugal profundo. Bastava uma bica e um jornal para nada obstar à conversa, em que ambos exorcizavam fantasmas relativos às mulheres em tiradas e gargalhadas cúmplices, porque na verdade o que unia Samuerl e Paulino era uma amizade profunda, raiando a cumplicidade. Samuerl de facto, como houvesse sido deixado por Magda, andava de novo disponível e essa amizade ajudava-lhe a sentir-se menos só. Não é todos os dias que temos um amigo de infância com quem falar de coisas cúmplices e será isso o que falta a muita gente. Estes personagens que aqui vos apresentamos não são, digamos, assim ortodoxos, mas complexos, tal como o mundo em que vivemos. Quem espera muitos rendilhados e ditos pungentes não vale a pena continuar o relato, pois o que aqui se adiante são personagens conturbadas tentando encontrar o norte numa sociedade que lhe oferece algumas saídas, mas tentar descrever um caminho em que, olhando para si próprias, se possam reencontrar com elas próprias com certa surpresa ficando admiradas como se a solução estivesse ali tão perto e perdendo de vista essa paz pouco perpétua se desencontrassem de novo, chegando a negar-se a si mesmos, chegando a bater fundo no seu existencialismo e regressando de novo à superfície. Na superfície havia muitas coisas para descrever, mesmo que a vida no *underground* fosse suportável. Na

superfície havia um mundo teoricamente maravilhoso à espera de ser vivido e nisso os nossos personagens nunca haviam perdido o norte. Viviam estas personagens num mundo onde a razão lógica parecia ameaçada, os valores substituíam-se por outros pelos válidos, talvez. Ou talvez não, talvez se estivessem substituindo paradigmas e nossos personagens estivessem *démodés*. Nas noites de Domingo, combinavam Paulino e Samuêl passar um tempo no café de Vila Nogueira e que encontravam eles senão a si próprios, qual vencidos da vida, mas tal aparência era fugaz excepto na cabeça de Samuêl. Era um tormento passar aquele tempo e não ter com quem falar do sexo oposto, uma companhia como a de Magda, que lhe havia fugido como areia entre os dedos. Magda não havia sido mal nascida, muito pelo contrário, talvez quisesse apenas ter mais um caso, Samuêl nunca saberia porque é que lhe havia deixado, mas nesse caso não valia de muito pensar ou indagar, do fundo da sua solidão havia que compreender a solidão de Magda. O que passava na tv, naqueles tempos era futebol e humor, programas que uniam os portugueses diante do pequeno ecrã, como o Benfica que nunca mais ganhara nada e que mesmo assim era uma fábrica de sucessos etéreos, mesmo para os mais pequenos. A maior parte dos dias, estas personagens gritavam do fundo da solidão um grito surdo, que somente podia ser aplacado pelo sucesso de ambos na escrita, quando sabiam que o que deveriam fazer seria escrever um romance conjunto, pois duas cabeças parece pensar melhor que uma. Na verdade Samuêl era o mais insistente deles os dois. Todos os dias tinha algo para escrever, falando da sua visão do mundo caminhava pouco a pouco para um romance volumoso com intriga e personagens atraentes. Hellás! Crimes, sexo, violência verbal, todos os ingredientes estavam lá, não nada como a prosa filosófica de Paulino. E quando se sentava para escrever era criador, as palavras orbitavam à sua volta soltas do chão e do peso da gravidade orbitavam à volta da sua cabeça como os pensamentos translúcidos de um santo. Assim, ambos iam fazendo a sua conspiração no silêncio, desempregados, sem mulheres respectivas. Quanto a espaço, procurava Samuêl um espaço onde se desse melhor a achava que a isso tinha direito, pois morar numa cave já estava sendo demasiado tormentoso, ainda mais com

o barulho de um ringue de futebol. Dentro em breve podia voltar a juntar todos os seus objectos e reconstruir a sua intimidade. Tinha sobrevivido até aos 38 anos e assim ficaria como resistente dia após dia tanto mais satisfeito com a sua sorte quanto mais merecedor dela. Juno praticava algum desporto mas aplicada como era na escola, em breve teria caminho aberto para frequentar a faculdade de medicina. Jonas vingava dia após dia e Samuerl tinha-o como seu sobrinho, na verdade era seu padrinho e fazia constantemente projecções com o miúdo como se fosse seu próprio filho. Paulino era indiferente e naturalizada tal atenção. Samuerl tinha na verdade vontade de criar Jonas como seu próprio filho e quando visitava os seus outros dois sobrinhos, ficava contente de ver seus progressos. Samuerl tinha uma irmã que representava para ele todas as aspirações que tinha. Como tivesse sofrido um *breakdown nervoso* em certo tempo da sua vida, ela esteve sempre a seu lado. Com a sua ajuda ele poderia chegar a algum lado. Diferentes realidades viviam cada um dos nossos personagens e se uns negavam a realidade com base numa afirmação da sua racionalidade de ocidentais e citadinos, outros confiavam as suas aspirações e desejos a um mundo que tinha alguma coisa a dar. Como receber do mundo com uma mão e rejeitar com a outra? Este seria um jogo verdadeiramente desafiante para Samuerl, que andava entretido por aqueles dias de Outono deixava cair sobre seus ombros a dúvida como neveiro londrino ou mesmo do nordeste transmontano. Este desafio –a realidade e a racionalidade- seria um desafio que teria sobre os ombros nos próximos dias, mas por outro lado, devido à sua kafkiana formação, tanto poderia olhar o ontológico como o sociológico e o antropológico. A cada cigarro, pensamentos ontológicos saíam-lhe dos ouvidos e tal qual embrião ou feto, assim se atinha à natureza das coisas, do mundo, da sua transparência da fé. Quanto a Paulino, os filhos e seu caminho tinham-lhe traçado um distinto modo de pronunciar a sua existência, mais voltada para as coisas concretas. Magda estava curiosamente no meio-termo e se alguma questão daqui se poderá levantar seria a transcendência de Samuerl pelo simples facto de ser homem. Porque as mulheres têm por natureza mais

aptidão para a transcendência, atitude e postura essa que a sociedade não reconheceria ainda por completo.

Ainda assim, Samuere procurava uma explicação para o facto de estar com mais inspiração agora do que antes, quando era mais novo e tal insistência na escrita seria devida a quê. Na verdade, era assim que ele se exprimia e não valia a pena procurar explicações. Noutros dias daquele Outono do princípio do século vinte, num país da Europa do sul, entristecido e stressado pela crise, dava por si pensando no ontem e alimentava os seus pensamentos dessa matéria estranha e confusa que é o passado. Só que quando estamos mergulhados no passado não há volta a dar, estamos de uma maneira ou de outra projectando um certo tipo de futuro. E sim, vivemos planeando o futuro, como será, tendo três sobrinhos e a mulher amada nunca mais aparece, estranha situação em que sempre se deseja o que se quer alcançar e o chão foge debaixo de nossos pés. Não adiantava nem pouco nem muito, estava mergulhado num presente esponjoso, que tudo retém mas não liberta até que venha uma mão e esprema a esponja e essa mão só podia ser de Deus, assim entendia Samuere. Naqueles dias sombrios, em que o sol se afastara da cidade capital do país, Paulino levava sua filha à universidade onde a medicina se praticava. Pedro Emanuel trabalhava aos 15 anos já na gráfica onde seu pai era agora encarregado geral. Percebia de tudo quanto a livros e seu filho ia no mesmo trilho. Um dia, lá na gráfica, chega um manuscrito anónimo com um cheque respeitante ao montante a pagar para uma edição de 1500 exemplares, com todas as indicações necessárias à impressão. O local de entrega dos livros tampouco era referido. A encomenda ficou uns dias de lado, como se Paulino aguardasse que alguém aparecesse na gráfica. Mas como estava tudo tão bem instruído, resolveu começar a impressão, até porque o cliente havia pago adiantado. Quando o nosso interior está preenchido, como uma pilha que tem pólo positivo e negativo, a **ergeia**, mais do que a energia, tem de libertar-se por todos os poros do corpo, da alma, a fim de que o espírito da coisa subsista. Heidegger trabalhou a questão da “Coisa”.

Parusia

Magnitude

Parusia

Passava o ano de 1932. Simão Prestes, antigo tarefeiro do estado, assim designado no papéis que estavam no fundo do saco que o acompanhavam e que o revisor lia para comprovar o seu estado de aposentado nas viagens que fazia de comboio, vivia na estação do Oriente, esbracejando e abanando a cabeça e a barba socráticas em interrogações indizíveis que ali marcavam o insólito dos dias de mais uma sociedade industrial em fim de tarde. Naquele ano, Simão Prestes resolvera não aceitar esmola de ninguém, viver da rua e da sua pensão, por mais que custasse. Quem passava, qualquer transeunte, não adivinhava as interrogações que lhe passavam pela cabeça, nem o seu verdadeiro drama. Teria morto alguém? Quantas pessoas, para ser exacto? Que tipo de crime teria cometido? Ou então, teria sido vítima de algum crime? De uma doença súbita, progressiva, linear? Porque alguém se havia, naquele torpor estúpido da cidade que a todos atropela, havia de se preocupar com Simão Prestes, precisamente ele, que estava a mais, que acumulava e atraía todas as dúvidas e problemas da sociedade?

No dia seguinte, concluía a história de Simão Prestes, pois quando fui beber café na estação de comboios ali próxima, reparei por estranha ou não, mas ali estava a coincidência, de que o pacote de açúcar constituía um convite para uma sessão de lançamento de um livro de um autor que me pareceu ter todas as semelhanças com João Prestes. Fui até lá, como um curioso entusiasta dos livros e dos romances, há muito tempo que não viajava para aquelas paragens e resolvi dar uma investida por aquelas terras do sul, terra de gente habituada a sofrer com um sorriso. Pensava afinal que era um privilegiado e que afinal tinha um dom e que não podia desperdiçar. Tinha o “dom de revelar a palavra escondida” e não o podia desperdiçar, já que me tinha dado a oportunidade de o mostrar. Longe estavam os tempos de São Francisco, da Canção da Irmã Terra, Irmã Árvore, embora houvesse uma clara reminiscência desses ideias nos temas ecológicos actuais. Fosse como fosse, estava ali, ainda em Lisboa, à espera e lutando por qualquer coisa, estava e sentia que estava cedendo, sabia que depois desta crise não iria mais ter vontade de voltar para França para trabalhar, que só iria para “visita, um dia destes, de fugida”. Depois de tratar dos dentes, depois de me

Parusia

recuperar para a sociedade, para parece andava toda a meu lado e eu a par a caminhar mas sozinho e a precisar de fazer um esforço enorme para acompanhar. Era hercúleo. E sem companhia. O sentimento de solidão naquelas noites porvinha certamente numa lágrima, que secava a meio do rosto e se ligava a uma desses filhos dos que sofriam nos bairros aqui perto de Chelas e à volta de mim, em torno de mim, que diabo de visão a minha, eu olhava somente em frente como os jumentos, não tinha capacidade circunferencial para olhar em volta, desta vez o inimigo não tinha cor, não era visível, mas era a invisível, era o marasmo, a indiferença, o cansaço, o desânimo, a fome, a inveja e tantos outros itens que nos fazem olhar para nós mesmo e não olhar para os outros. As minhas defesas estavam cedendo. Eu não podia mais calar a autocensura e o preconceito, sentia que me tinha de libertar das amarras que a solidão me tecia à medida que a idade avançava entrava num poço sem fundo, ali mesmo à sombra, aos pés de um império caído, o império português, estava um filho do que poderia ter sido um filho do império francês, um papillon. Porém, tudo isto era ilusão minha, ou sonho, não sabia bem distinguir, em sucessivos insucessos dos dias que cumpria. João Prestes continuava lá, debaixo do vão daquela escassa da estação de comboios, aparentemente imerso na sua loucura, indiferente ao que se passava em seu redor, refém do seu problema que o traumatizara bem cedo ou ainda recentemente, era o que estava para saber. Passava por ele quase todos os dias e quase que podia sentir as suas radiações negativas sobre mim, quase ninguém se apercebia todos fugiam e evitavam-no como o diabo da cruz, mas eu ousava passar por perto para ser visto por ele, para que ele ousasse no meio da sua loucura reconhecer-me e ter um pouco da minha lucidez para despertar do sono da sua razão. Todos os dias chegava a casa e encontrava-a vazia, sem mulher e filhos, meu emprego desejado estava longe, cada vez mais me convencia de que a minha vida era um vale de lágrimas chamado escrita e nesses particulares dias a presença de João Prestes abatia-me fisicamente e esgotava-me psiquicamente. Além do mais, para mal dos meus pecados, e como se não chegasse, provando que não se pode ter bom coração numa grande cidade, um Orestes não parava de me chatear e telefonava quase todos os dias. Eu, que estava esgotado por ter escrito uma série de livros na flor da idade, numa aventura introspectiva

Parusia

incomum, estava sendo esquecido por aquele tempo, estava simplesmente inserto numa cápsula do tempo, estava fora do tempo, a dor de espírito era atroz e o meu espírito alimentava-se mal pois aquele tempo não abundava de exemplos edificantes. Literalmente, eu estava numa situação em que ou comia ou era comido. Uma situação canibal. O que aumentava o sentimento de impotência e solidão. E nada mais precioso para a literatura que este tipo de sentimentos. E aproveitando a “prisão domiciliária” em que me encontrava, procurei saber junto de João Prestes o que motivara a sua abstracção da sociedade, psíquica e fisionómica, porque aparentemente física não acontecia, porque ele estava ali, todos os dias, no seu lugar, à vista de todos, mais visível que o comum dos cidadãos, exposto na sua dor e loucura. Numa tarde, servindo-me dos meus poderes de clarividência, acostei-me a uma das colunas e esperei por ele na estação de comboios. Eram 17.06 da tarde. Três quartos de hora de pois, lá chegou, partindo de um local de onde vociferava e acercou-se de uma das colunas próximo de onde eu estava, rosnando cada vez mais baixo, como se quisesse dormir. Foi então num assomo de lucidez, num insight para a sua alma, que vislumbrei todo o seu problema. João Prestes defendera o pai que tivera um filho ilegítimo na aldeia e que se zangara com o irmão por esse motivo. Irmãos e amigos à altura da discussão, passaram a odiar-se mutuamente desde então, passando suas famílias a estar separadas, mesmo politicamente. Prestes João apoiou-o sempre mas ultimamente revoltara-se contra o pai porque o seu silencia em questões essenciais era atroz e porque desde pequeno nunca tivera uma conversa franca com ele, sempre o tratara com violência e fora exigente para com ele. Recentemente, Lily fizera-lhe compreender como uns filhos têm de se esforçar mais do que outros e mesmo assim não têm tratamento igual. Depois, Prestes fizera o seu curso e havia procurado sair do país para os Estados Unidos continuar a estudar. No ano seguinte, era internado numa instituição. Ora, põe-se a pergunta a este propósito. Sempre que se interna uma pessoa que tenta ir para os estados Unidos estudar, porque se deixa um criminoso andar por aí dando-lhe oportunidades de se ressocializar e permitindo que faça todo o tipo de atrocidades? Até que ponto é legítimo fazer uma coisa e legítimo fazer a outra?

Parusia

Dei por mim substituindo João Prestes naquele lugar de sociabilidades imprevistas, em que não se ousava ir muito além do permitido. Todo aquele lugar dava para uma tese de doutoramento, mas eu não estava para isso. Num lugar de sedução, de oportunidade de sedução, eu não tinha coragem para dar de investida, pois estava tremendamente deprimido pela falta de amigos e problemas familiares. À minha volta tudo se desmoronava. Eu só podia resistir, dia após dia, atravessando aqueles tempos difíceis, fazendo-me sobreviver através deles para um futuro que não sei bem o que me traria.

Decididamente, eu não gostava do rumo que as coisas estavam a gostar. Não vi naquele dia João Prestes. Talvez o mundo que eu via através dos olhos estivesse a entrar nos eixos. Mas eu não, continuava louco como sempre, desinsofrido por factos e pela realidade volúvel e transcendente, pelas ideias, pela transformação. O primeiro ministro do país tinha ido para Paris estudar filosofia. Não me tinha dito nada. Teria tido alguma razão para me dizer? Só porque eu tinha projectos e aspirações nessa área? Não, talvez porque tinha investido nele e quando se aposta numa pessoa espera-se que ela retribua com algum esforço ou consideração, que dê pelo menos algum sinal de que está ali por nossa razão. Mas não era o caso. Aparentemente, o liberalismo tinha beneficiado a voragem egoísta do primeiro-ministro deste país pouco mais ou menos *turbolento*. Sim, estamos num país turbolento. Turbolento. Entretanto dou por mim a pensar num investimento de uma vida aqui em Portugal e depois a sul, em Lisboa. A solidão numa cidade negra e asiática. Ser português nesta cidade também gera solidão. Já me chamam padre. Pudessem sair eu daqui...ir para longe. Entretanto vou sonhando mundos, com uma mulher, já que as que cá estão não me agradam, no corpo ou na mente, umas porque bebem e querem masculinidade exacerbada, outras porque querem mais fineza no trato. Vá-se lá compreender, a perfeição não chega para as pessoas que não sabem o que hão-de fazer ao dinheiro. Dou por mal empregue o meu investimento nestas terras e chega um tempo para voltar atrás. Tanta coisa escrita de elogioso e em vão...de facto não consegui encontrar o verdadeiro amor em Lisboa, que não é nenhuma cidade do amor, mas da lassidão e do obscuro, pois está na minha cabeça, mas está também fora de mim de modo a que o capte, se

não houvesse não era absorvido por mim, se não fosse real talvez nem sequer seria pensado por mim. Devíamos decretar um mês de censura a certos na net para as pessoas se amarem como deve ser. Um mês, por favor, só um mês. Depois cá o projecto que tenho. Um segredo que poderei transportar comigo durante muito tempo e desenvolver, para meu proveito e de todos. Tudo depende se me convencerem se vale a pena ou não investir cá. Digamos que sou agora um investidor luso-francês, subi de grau na escala social, tenho outro estatuto. Nem mesmo o grau escolar me pode valer de muita coisa. Que aulas posso eu dar? Durante um ano? Alimentar a cabeça dos infantes para serem antropólogos? Enfim, como eu? Serem frustrados de amores? Uns revoltados contra a sociedade por não se encaixarem? Uns eternos aprendizes solitários que somente noutra vida, se ela existir, pois esta leva-nos todas as crenças? Depois, tenho um amigo de 12 anos que podia ser meu filho, mas não posso acompanhá-lo muito mais para a frente porque quando chegar à altura do *barely legal*, a expressão foi usada por Pedro Paixão, terei de me afastar porque de certo modo alguém me marcou nessa altura de modo ontológico que ainda hoje me perturba, talvez se tivesse sido fisicamente teria sido pior, mas assim passa, ninguém se importa e fica para outra vida, se alguém acredita nisso, hoje em dia os jovens apenas se riem e todos parecem viver expectantes da realidade do encontro entre dois ou mais seres, independentemente do sexo, da realidade do encontro de uns com os outros, essa expectativa cultiva-se ao ponto de modificar as relações de trabalho, já não há quem contemple, quem se perturbe com o encontro, que se envergonhe, entretanto quem se retire porque tem alguma coisa de privado para fazer, é tudo publico, mesmo o mais ínfimo pormenor da vida das pessoas, de modo a que tudo seja revelado até a mais ínfima réstia de consciência do inconsciente do próprio Deus e isso o homem não descansa enquanto não conseguir porque não matou ainda a divindade e anseia por fazê-lo a todo o momento e dar um golpe de misericórdia assim nele próprio e na sua aspiração enquanto ser dotado de transcendência. Essa expectativa é na realidade algo que é tão precioso que se adia a todo o momento, é como que um momento de felicidade que se procura “arranjar” (no sentido de manobrar, de arranjo de flores, de arranjo de orquestra), que depende inclusive de fenómenos económicos enquanto que também

Parusia

depende das relações que nos são de certo modo alheias, sendo que nada nos é alheio de certa maneira e estou só traduzindo os veios ou laços com que cozo as ligações com a realidade envolvente, a minha EXISTENZ. As relações entre os outros que nos são indirectamente respeitantes dependem, de certo modo, de fenómenos de maior duração, menos imediatos, de fenómenos culturais ou, se quisermos dizer, artísticos, já que também são essenciais à vida social. E aqui me recolho, em mais uma noite de silêncio, Lily deve estar pensando em mim, comigo de rádio portátil à cabeceira da cama em vez da Bíblia, ouvindo em vez do relato uma música grega de discoteca trepidante enquanto na Grécia há alta tensão em Portugal passam-se dificuldades e ninguém parece importar-se está tudo bem, não quer dizer que houvesse de haver revoltas, às tantas estão para chegar, mas parece que está tudo bem, a maioria está assegurada, chegou-se a um novo estado de coisa, que castigo, agora a história repete-se, já viram o trabalho, no fim de contas tem de haver outro 25 de Abril, os tempos que vamos passar na clandestinidade, eu não talvez, eu pior ainda que nem comunista sou, já viram o castigo, o fado, o enfado, estamos entregues a mais um série de intentos de uma classe que dispensou um primeiro-ministro que por ora vai estudar filosofia em Paris por se chamar Sócrates ou sabe-se lá porque meninas de razão de *parfum philosophique*, na loja da Avenida da Liberdade ele que não sabe sequer que a filosofia também se faz com classes diversas, com pretos, ciganos, chineses, paquistaneses e húngaros de quem ninguém quer saber, com aqueles da Chelas e da Outra Margem. Aliás parece haver um conflito enorme entre esta filosofia elitista que esquece as classes, as etnias e aquela antropologia que esquece a universalidade do pensamento, no fundo é este um mais dos grandes enigmas da humanidade, a luta entre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto, vá-se lá saber que mais agora e sempre, todos os dias em que temos estes pensamentos, no fundo a luta entre pensamento ocidental e não ocidental, entre memória letrada e iletrada, entre conhecimento prático e teórico e é isto que eu procuro ligar nas minhas pesquisas, tentar demonstrar o que parece que mais ninguém neste mundo vê, que a etnofilosofia não tem necessariamente de ser uma filosofia africana, mas pode ser muito mais, quer dizer, uma forma de encarar a diversidade inserida na universalidade, a que chamaríamos

diversalidade, um conceito forjado em português que instrumentaliza uma noção antiga que serviu aos navegadores dos mares para se guiarem no universo das águas e das rotas, por mar, e que pode servir a futuros navegadores das ciências sociais para se guiarem nos mares e terras, pelas universos das gentes como instrumento teórico, ferramenta de precisão que permita enformar dados relativos à diversidade existente que é um dado em si irrecusável e que espanta causando novas interrogações e alimenta estoutro conceito de universalidade que guia como bitola o feixe de relações entre as gentes, substituindo de certa maneira o lugar das leis divinas escritas pelos homens que outrora guiaram na conduta dos grupos sociais pela determinação de sua subsistência e perpetuidade. Mas, meu amigo, tu que lês este livro, poder-te-ás perguntar, que tenho eu com isso? Pois eu te digo, não vou iludir-te vendendo-te um livro americano de como ser bem-sucedido com as mulheres independentemente da tua classe social e dos teus rendimentos, um liberalmente neoliberal, mas proponho-te uma agenda mais democrata, olhas para a minha experiência e tinhas as tuas conclusões, lembras-te dela no teu dia-a-dia depois de leres a minha sina de monge escrevedor e podes agradecer-me daqui a uns séculos quando ainda estiveres comigo a rir noutro mundo, noutro planeta ainda hoje ignoto, nós plenos de mulheres para satisfazer nossos imensos apetites e construindo ao mesmo tempo imensas cidades, dando aulas, aliando o intelectual ao sensorial, pois aqui neste mundo e nesta Lisboa não há hipótese dita de o fazer, tal o fechamento das coisas e das pessoas ou de mim mesmo agora não entendo mesmo já de quem é o problema, se do relógio, se de quem o fez, afinal de contas, eu digo-te, podia dizer-te os dez mandamentos de como ser bem-sucedido com as mulheres e mesmo assim não conseguires nada porque afinal tens de ser tu próprio, essas coisas não se transmitem, lá estou eu a dizer que o que é americano é tudo artificial, plástico, provocado, forçado, superficial até. Podia dizer-te que poderás encontrar o amor em Lisboa, mas como eu...se o não encontrei em todos estes anos? Quero até confiar-te caro leitor, que poderia dizer-te claramente que amei só para me considerar uma pessoa realizada...até ao momento em que ela me deixou porque comecei a ter problemas com os dentes e acontece que ela era dentista. Azar...não? Acontece, como diz o outro. Para já não falar daquela que

Parusia

não queria ter sexo completo porque queria casar virgem. E com quem além do mais estive para estar noivo pois me colocou um ultimato para lhe oferecer um anel. Podia ter assumido. A esta altura do campeonato tinha uma empresa, com sorte, com fado e enfado até, com amigos, tinha um em casa, casa minha garantida, trabalho, filhos para cuidarem de mim em velhos com garantia de ter netos para me coçarem a barba e ouvirem as minhas histórias neste Portugal reino tradicional de choramingas pinga-amor, e com sorte tinha pelo menos mais uma garantida, pois parece que já é oficial que se pode por mútuo acordo entre casados ter um affair mutuamente consentido sem que isso estrague as relações, sem contar com os flirts no autocarro, durante o longo dia de trabalho na empresa, no comboio, nas idas para o carro quando se leva a colega, no estúdio de televisão, na espera do transporte, no barco, quando se dá mais uma, no avião, quando se paquera uma hospedeira e até se dá mais uma que o ambiente até suscita porque até parece exótico, enfim, é só dizê-lo, uma infinidade de situações para flirter e arranjar mulheres, para eles e para elas, multiplicado pelas hipóteses e combinações masculino/feminino, isto é, caso se seja gay ou bissexual as hipóteses podem aumentar exponencialmente o que permite retirar a ténue ilação de que um homem hoje em dia não trabalha, passa o dia entretido a pensar em ter sexo, trabalham todos aqueles que procuram trabalho, esses sim, pensam em trabalhar, porque estão preocupado em cumprir das 9 à 19 respeitando o patrão mesmo sabendo que vão encontrar um português inferiormente dotado e com sorte não lhes sai um estrangeiro ou um chavalo ressabiado, hoje em dia não se trabalha, não há vínculo laboral e isso está admitido pelo governo que tomou posse, por lei firmada em decreto escrito com tinta que até vinga a superfície opaca do papel timbrado, que une de uma face à outra, como selado a união de sangue entre dois namorados ingenuamente enamorados da mesma realidade cola de sabão que nunca rebenta mesmo que o mundo rebenta e que sorte têm eles. Podia dizer-te, caro leitor, como não encontrar o amor em Lisboa, mas talvez me acusasses de ser pessimista e isso é coisa poucas vezes fui, melhor, as circunstâncias ensinaram-me a ser duro comigo próprio antes de ser com os outros, o que não acontece com a maioria das pessoas que tenho encontrado por cá, diga-se, o que me resta deste tempo, se há naturais de Lisboa, que não os há

Parusia

(então porque alimento este sentimento se Lisboa é cosmopolita e se a ruralidade nela contida subsume de certa maneira da própria ruralidade concreta das diversas regiões do país?), é mágoa porque tenho uma certa ilusão que se tivesse mais masoquismo e travessura decerto vingaria neste cenário, mas de certo modo seria limitada a minha vitória, bem a este ponto não sei bem o que quero dizer, vingar em termos profissionais, em termos pessoais, ter uma família, uma rede de amigos, enfim, posso dizer-te, leitor, não me chames isso, dizes tu, pois eu te digo, não me leias, vai fazer outra coisa, rasga-me desfaz-te de mim, mas sabes que não podes destruir este momento de terapia que estou tendo por mais ínfimo que seja eu estou aqui deste lado respirando e essa é a minha suave vingança e no fundo todo o jogo, se isto é um jogo, pelo menos parece enquanto todos estão lutando em competição, até alguém se cansar ou se render, é que eu sou um covarde e tu não me podes roubar esta covardia, este momento covarde que eu cultivo, essa insubordinação que estou tendo à tua mente, intrometendo-me nos teus pensamentos, porque a grande mensagem da cidade perversa é que na realidade ninguém quer saber do teu corpo, se és bonito, apazível, ou se de um momento para o outro assim mesmo se és TU MESMO por inteiro, apenas quer foder-te o juízo, fazer-te rabiar, e quando descobre que é um conjunto deles e para piorar a situação descobres também que é uma imensidão delas, sim, DELAS, organizadas para te tramar, para te diminuir, para te impedir de teres direito a uma vida normal, uma vida de trabalho regular, com uma namorada, com roupa decente, com comida saudável, com direito a drogas permitidas, com direito ao afecto que não só todo o artista merece mas todo o ser humano merece. Podes então ver as coisas da seguinte maneira: das duas, uma: ou se trata de uma conspiração e estás tramado, tens de desistir e recomeçar do zero, ou podes lutar contra isso, só que aí tens de te organizar gerir o teu pessimismo e aí talvez juntar-te a outros pessimistas e tornar essa pressão e negatividade em força massiva e daí talvez esperar que se transforme por si própria numa enorme força positiva. Tanto maior é o teu desalento caro leitor quanto mais se sentes excluído sistematicamente no local onde vives, desde o bom dia, tens de te expor continuamente, de ter dar e sacrificar continuamente quando vês que todos não arriscam nada como répteis linguados à cata de presas e aranhas estrategas

Parusia

indolentes à espera que lhe caiam moscas e outros insectos ou bicharocos ilustres, exóticos e estrangeiros. Sim, quem arrisca?, ninguém arrisca, todos preservam o seu emprego como se de uma oportunidade vital se tratasse, como se fosse mais importante que o juízo final, seu de sua família e de toda a sua descendência e de toda a humanidade que falsamente carregam, poucas são aqueles amigos da luta que caminham de peito aberto pelas avenidas aludindo a ideais de libertação e de saudade de liberdade e os jovens encolhem-se e riem enquanto que os mais velhos preservam os costumes como os democratas conservadores norte americanos que precisamente por isso gostam muito dos portugueses, porque se pode contar, para bem e para mal, com alguma coisa. O Fado é a canção nacional e em breve será considerado património imaterial da humanidade. Nenhum exemplo mais adequado para servir o meu argumento: a nossa canção, o nosso destino, está (d)escrito, estamos fadados para ser alegremente tristes, pobres, belos, dominadores, contudo nunca realizados por si próprios. É o que sinto, caro leitor, daí a vontade, das duas, uma: de criar mundos alternativos como o da escrita que te sugiro aqui em vez de estares namorando, curtindo ou entretido com o teu pirilau, a sós ou acompanhado, ou tu, cara leitora, entretida com a tua passarinha, com as tuas maminhas, a sós, ou acompanhada, ambos, seja de que sexo for, pois que não censuro coisas ditas ou pensadas, enfim, em nome das coisas que hei-de viver e que dou por direito viver a todos aqueles que se seguirão a mim, por não elido a possibilidade do mundo se acabar quando se fechar o pano da minha existência, eis as coisas que podes fazer, ler estas bondades que aqui plasmei nestes acto de cobardia, porque pela primeira vez tens um escritor que se verga ao leitor, à atenção do leitor, outros talvez nunca te terão dado a importância devida, terão estudado a melhor forma de te ludibriar no âmbito do orçamento que tinham pela compra do teu exemplar mais ou menos isso, enfim, sabes que esse acto consiste em que eu não estou verdadeiramente presente a teus olhos com estas palavras mas o poder da literatura consiste em transmitir o universo do que está do lado de cá como se houvesse uma ligação com o lado de lá, sendo que o lado de cá é o mundo em que eu estou neste momento, que agora está calado escuta, não te interessa, por acaso até estou sozinho se queres saber, como de costume, também se estivesse

Parusia

acompanhado arranjava maneira de vir trabalhar, e o lado de lá, seja, o teu mundo, o mundo de que tu estás ciente ao leres estas palavras e letras. É esse no fundo, em essência, o poder da literatura, da escrita, da palavra, aparentemente une o que não se pode unir. Podes acreditar que há qualquer coisa de sobrenatural em tudo isto. E lá estou eu a puxar para a religião. Deixa lá que não te maço com isso. A religião não te traz aquelas miúdas da televisão, da gente ligada à televisão, as meninas de Cascais, enfim, parece-me que estou sendo um pouco faccioso, no fundo até tenho algumas expectativas de ascensão social, mentira, até julgo ser um *drifter*, um *hitchycker*, seria se minha palavra chegasse mais longe, mas como sabes talvez me lendo aprendas alguma coisa, pelo mesmo a ser escritor, que talvez seja esse o caminho para descobrires um caminho, para ti próprio, o que é um grande sinal para ajudar o mundo a dar as voltas de que precisa para seguir em frente, se assim de pode dizer.

Mas a questão é simples e nada tem de intrigante. Porque é que as miúdas não vão ter com João Prestes, que parece repulsa-las e ser um poço de enfermidades e um peso para a sociedade, sim, porque é que as miúdas não vêm ter contigo, por exemplo, caro leitor, e vão ter com os outros, logo tu que escreves, que estudas e trabalhas, que te esforças tanto, que és bem-parecido e nem nada tímido, razoavelmente desembrachado, pareces ser perfeito, contudo elas vão ter com o outro no último instante. Há qualquer coisa de errado em tudo isto, acredita. Nem tu nem eu pagámos para ver este filme. Tu com as tuas angústias e desilusões, eu com as minhas amargas doidices de malandro que acha que engana alguém. Mais, há qualquer coisa de gay nisto tudo, como se não tivesse feito a tropo e andasse à procura de um lado para o outro do meu quartel e o tamanho absoluto do pénis importasse para alguma coisa. Talvez importe neste país que olha mais para a quantidade do que para a qualidade. Outros cometeram o mesmo erro e nós ainda não aprendemos com eles. Insistimos em persistir no erro. Digamos que estamos fartos de confessionários, de conversas de metro, de conversas de psicólogos e psiquiatras, até de livros e de todos os tipos de conversas, digamos até que o leitor está numa situação involgarmente pouco usual e certamente terei as culpas disso pois quem semeia devem colher, não

posso querer fazer ciência nem filosofia ao mesmo tempo, nem ficção nem descrição realista ou jornalística ao mesmo tempo, irá culpar-me de ter sido eu o causador da situação em que se encontra, mas pense nas vezes em que despendeu dinheiro inutilmente até agora e no dinheiro que poderá poupar e até dar aos outros daqui em diante, pense nisso, talvez seja uma questão religiosa, talvez uma questão de dinheiro, uma questão económica, sim, porque os tempos estão difíceis e talvez a situação em que se encontra seja relativa a estes dias difíceis que passamos, escute não sou bruxo nem tenho aspiração a psíquico ou psiquiatra, digamos que sou um testemunha dos tempos e que apenas estou dando testemunho de qualquer coisa, usando um dom que desenvolvi exercendo-o através de uma profissão, dizia, há qualquer coisa gay em tudo isto, riem-se as mulheres espantam-se os homens, porque haveria ele de “desviar” para esse tema, enfim, quando falta mulher, uma pessoa pensa que perde qualidades e perdendo ganham-se outras...para outras mulheres, é o meu ponto de vista. Portanto, o facto de estar aqui falando consigo, caro leitor, é apenas mais terapêutico e benéfico para mim do que para si. Digamos que na relação leitor-escritor ou mais exactamente na relação escritor-leitor, quem mais ganha é designadamente o escritor, e isso ninguém em certo sentido lho disse até agora, mesmo no sentido económico, antes de mais. Seria claro dizer que ganham todos em todos os sentidos. Seria diplomático e até genuíno dizer que o leitor perde em todos os sentidos de modo a gerar uma forma de compaixão e intimidade favorável aos cantos escondidos e pouco iluminados de antes de adormecer ou dar a queca final antes de adormecer. Mas quem realmente hoje dorme com a sua mulher? Quem pensa realmente na mulher que tem a seu lado? E quem estando sozinho, se atreve a sonhar e a desejar uma mulher ideal para si e sonha todos os dias acordado, através e por dentro dos olhos e da mente confuso e enfebrecido, com aquela mulher ideal que lhe virá aplacar os ódios que tem contra uma sociedade que se não lhe vira as costas porque não é marginal, põe-se de lado para o deixar passar? Quem se atreve a desejar sem ter? Neste reino da laicidade, em nome da comunicação humana, da inovação e do desenvolvimento, tudo é possível, em nome do desejável, tudo é possível, não só revelar o mais ínfimo pormenor da nossa alma, excluindo toda a possibilidade do segredo de que fala Gilles Deleuze,

Parusia

mas em nome do desejável, do desejado, alcançar o antes inalcançável, subvertendo a noção de tempo, alterando os ritmos, fazendo complexificar os ritmos biológicos dos seres biológicos, multiplicando as formas de acerto temporal na escala dos compromissos sociais. Não se trata já de uma cisão entre público e privado, entre sagrado e privado, que foi totalmente elidida nos últimos tempos. Com um simples clique, com um simples interruptor, a nossa memória é invadida e novas se constituem e se não há defesas, talvez haja outra capacidade de realização, de elaboração, de imaginação e jogo simbólico e isso também seria interessante desenvolver. É nesse sentido que pretendo desenvolver o meu argumento. Espero que o leitor me acompanhe. Para responder a esta pergunta da atracção das mulheres, nada mais ilustrativo que o liberalismo ou o capitalismo: estamos numa época e num lugar em que não se pode investir, em que não há sorte, por isso não pode haver atracção, não há dinheiro nem sucesso, por isso não pode haver mulheres, que falsa é a literatura que vive disso. Simplesmente a vaga que está passando por aqui, nesta altura, neste lugar, é uma vaga de azar, de má-sorte, estamos fora de época, não é época de mulheres. Talvez seja preciso trabalhar para isso. Dizer muitas banalidades. Errar bastante. Quando esta vaga acabar, elas virão. Por um punhado de moedas eu não trairia um amigo, muito menos uma mulher. Por um punhado de moedas eu iria daqui para longe, para não morrer aqui, deixado à minha sorte, procurando uma vaga mais favorável. Ainda assim, faço do trabalhar, do meu trabalho consigo, leitor, uma forma de subsistência. Uma agri-cultura da mente de subsistência, se se quiser. Depois há a realidade que vejo diante dos olhos. Se cegasse ouviria mais vozes do que as que ouço. Talvez viesse a desenvolver aptidões filosóficas e intuituais, tácteis. Assim, desenvolvo as visuais, construo cidades invisíveis que desenvolvem as de Calvino. Por isso, a este momento do tempo, do que consideraria meu tempo no tempo que me é permitido viver, ou do tempo que me é permitido escrever, escre-viver, cheguei a um ponto em que deveria começar qualquer coisa a que chamaria algo como “NOVA DIVINA COMEDIA”, que seria fundamentalmente uma transposição para os dias de hoje do enfoque de Dante, fazendo uma leitura dos tempos actuais, em que representaria o Céu, o Inferno, o Paraíso. Contudo, o meu público seria limitado, pois a maior parte das

peessoas, sobretudo em Portugal, e além do mais a classe bacoca crítica intelectual portuguesa, não acredita sequer na simbologia da tripartição de Dante nem nunca via a obra de Greenaway. Mas é um objectivo a cumprir, um projecto a apresentar para os próximos anos, um projecto de anos. Vamos ver o que sobra do que fizeram ao Ministério da Cultura.

Continuei assim, amargurado pela noite dentro, na floresta de enganos da minha consciência, tentando discernir o que se teria passado com a minha consciência, se é que sobrara alguma coisa dela e dessa susceptível fuga em frente que empreendera para elevar Beatriz aos píncaros dos degraus da Divindade. Deitei-me um pouco, ensaio que caíssem sobre meus olhos alguns pensamentos; sabia que os movimentos futuros seriam sábios, que podiam aprender muito mais do que antes da relação com os outros, contudo negava-me a isso e fazia finca-pé das minhas posições como que entavando o curso do mundo, com seus avanços e recuos próprios, como se eu não pudesse ou devesse interferir no seu desenvolvimento. E aí, caro leitor, está o verdadeiro enigma da questão. Até àquela altura eu pensava que não me era dado intervir, jogar com a realidade que me punham diante dos olhos, simplesmente pensava que não tinha esse poder. Até que um dia desejei que alguém caísse de uma bicicleta. E aconteceu. Estava por esse tempo lendo alguma coisa de Victor Sanchez sobre Carlos Castañeda. Só eu próprio e minha família sabem o quanto a antropologia portuguesa, ou melhor, os antropólogos portugueses era classistas e elitistas, burgueses até. A própria antropologia, a retórica antropológica seria, em última instância e em termos teóricos, o discurso de uma classe sobre outra inferior. Era o que acontecia em Portugal na antropologia, em profundidade na análise das relações do mundo social e na superfície no jornalismo. Mas não levantemos demasiadas suspeitas, até porque também quero salvar a nossa pele. A minha e a do leitor, pois é consigo que tenho um compromisso, um elo que ninguém mais pode quebrar, lembra-se? Nessa noite, percebi que podia intervir, mas que teria de ter bastante força para impor meu ponto de vista e que sozinho seria trabalho de anos. De modo que seria melhor começar a espalhar a palavra. E assim começa a nossa relação, caro leitor. Quero apresentar-lhe as minhas ideias e projectos

Parusia

sobre o que penso fazer, ideias sobre o que vai acontecendo, reflexões sobre o que se passa, o que não se passa. E olhe que nunca é demais pensarmos e reflectirmos sobre a realidade que nos envolve, ao invés de nos arriscarmos a fugir à felicidade, que se não se pode agarrar, pois isso de facto não prometo ao leitor, sou realista e não vendo a banha da cobra, pelo menos dou umas luzes de como conseguir bons momentos que sejam caminho para lá chegar e tentar formular a conclusão de que a vida, apesar das fugas em frente, vale a pena ser vivida. Estou deitado, acontece muitas vezes. Tudo o que posso fazer me influencia. As ideias acontecem. Levanto-me depois de duas ou três chegarem à mente, nascerem nos afluentes da consciência. Abro os olhos e vejo a face do meu terapeuta e pergunto-lhe à queima-roupa: “então porque é que não me fez isto antes?”. “Nunca me pediu e, aliás, ultimamente não tenho tido tempo, mesmo que quisesse ou me tivesse dito”. A explicação não me convenceu. Tinha de mudar de médico. Ou ficar sem médico para sempre, entregue ao papel branco, condenado ao diálogo entre mim e o leitor, um monólogo inicial que começava na feitura do texto (depende de facto de o texto fosse um monólogo ou não) e acabava com @ leitor num café, conversando comigo. Seria o meu ideal de felicidade, se querem que saiba. A razão do meu trabalho e dos meus dias. Mas é assim, brutal, a inspiração de todos os escritores depende do seu percurso social, da aprendizagem, do seu estatuto e ascensão social. Uns há que nascem para isto, outros fazem-se com o treino, como em tudo. Então para andar de metro é preciso treino? Para viver é preciso treino? Aparentemente parece que sim. É preciso treino. Em santa Apolónia já é preciso uma moeda de 50 cêntimos para poder urinar quando a 50 metros a água do Tejo está mais poluída que a minha urina.

E depois de um dia de reflexão, encontrei uma questão relativamente interessante para colocar ao Professor Brandes: “A Origem da vida humana está relacionada com qualquer coisa de orgânico como por exemplo uma esponja do mar ou deriva de qualquer fenómeno imaterial? A minha pergunta final, a minha bitola conceptual durante aqueles tempos em Berkeley teriam de andar em volta daquela questão. Leva-me imediatamente a estouta de conciliar do criacionismo

Parusia

de Teilhard de Chardin, a conciliação entre o darwinismo e as teorias ingénuas da criação defendidas pela hierarquia católica e mais ou menos aceites pelo povo na sua vida quotidiana. Podia adiantar neste contexto o meu conceito de diversalidade, mas isso pouco interessaria aos americanos. Eles queriam qualquer coisa de novo, de original, tal como a descoberta de uma nova espécie de pensamento, um novo modelo de pensamento. De certa maneira eu já o descobrira, estava convencido disso há algum tempo. Todo este tempo isolado em sofrimento compondo Terra Seca deixou-me um amargo de boca e dissabores, como se fosse um joker que ninguém quer mas que quando jogado tem o poder de modificar todo o jogo e influenciar todas as cartas em questão. Por detrás de uma cortina semi descerrada, uma cortina de pano primitivo, eu descobria uma Lisboa promíscua e obscena e descobria que não só eu era assim, que afinal eu estava num mundo isolado totalmente à parte e que sonhava ainda com uma dama quando outros e outras haviam já partido para outros e outras das mais variadas maneiras. Ali, eu descobria uma vocação escondida e reprimida há muito tempo, desde a infância, o voyeurismo da cena primitiva, do sexo ao vivo, estava muito perto de passar por isso, bastava-me dar um passo, fazer um sorriso, fazer-me forte, ou fazer-me fraco, sei lá, mostrar empatia, contudo nada acontecia, eu continuava a ser o Estrangeiro em Lisboa como Camus em Alger, ou Tarkovski em Odessa. E este nada acontecer era absolutamente fértil em termos de ideias, digamos que era verdadeiramente o meu segredo profissional. Naqueles dias, a minha personalidade obsessiva deambulava pelos seios e ancas das mulheres nos autocarros, no metro, à minha frente, a meu lado, na expectativa de algum encontro, a espera durava horas, a expectativa durava horas e agora estou descrevendo exactamente ao leitor como funciona este mecanismo psíquico como se eu estivesse no divã e o leitor fosse meu terapeuta, veja o leitor a relação que estou estabelecendo consigo...o grau de intimidade a que pode chegar a escrita e que você não precisa **disso** para conseguir a felicidade. Entretanto, vejo as coisas noutra plano: percorro distâncias relativamente pequenas, normalmente a pé, algum tempo de autocarro público, de metro público, raramente de carro, quase todos os dias desde há três meses o mesmo percurso, no entanto não há quase nenhuma sociabilidade gerada mesmo que eu force a entrada em locais de

consumo onde tenho de debitar dinheiro por obrigação, digamos assim. As pessoas andam tensas e recolhem-se na praia, estamos muito longe de uma Grécia, onde tudo fervilha, aqui temos o Algarve e a Costa de Lisboa, só que as coisas funcionam como que ao contrário: as classes desfavorecidas empobrecem e vêm-se “obrigadas” à delinquência porque lhes é vedado o acesso à educação, ao vestir decentemente, já não estou a falar na moda, para condizer com a pseudo-hollywoodiana classe artística, é-lhes vedado o acesso à saúde, de modo que lhes resta a luta de rua, a manipulação da imagem do som e da palavra nos espaços públicos, não controlados pelos altamente infiltrados dois ou três poderes privados que tudo controlam em termos de comunicação. Esta podia ser uma boa definição de como está funcionando este país neste momento. Mas não é tudo.

Eu estava avisado naqueles dias para o que iria acontecer. Se não pudeses demonstrar, não o digas. Teria de ter muito cuidado com as minhas palavras. Se aqui tinha alguma liberdade, lá então, para onde queria ir, a liberdade não iria ser nenhuma, e a pressão para trabalhar iria ser sufocante. Podia contar com seis meses do mais terrível que podia imaginar. E eu pensava: bem, quem aturou os Mortos do Quinto Império podem aguentar isto. Mas não se tratava de aturar. Era um desafio final. EU não tinha de estar sereno, eu tinha de ser profissional, não sei se me entendes, ser profissional, corresponder. É certo que não tinha nenhum objectivo em vista, um objectivo em vista e já estava, como é hábito meu, exigindo demasiado de mim antes do tempo. De modo que foi assim, a expectativa de ir para Berkeley gerou mais uma obra, uma espécie de ensaio ou introdução a *NOVA DIVINA COMÉDIA*, uma sequência de *Terra Seca*, um romance que queria escrever ao jeito neo-realista e que nunca vou concretizar na realidade já que não me vejo, não percebo se estou andando para trás no tempo. Representa também este volume, uma tiragem da consciência de ideias para a tese, mesmo antes de ter um orientador definido, mesmo antes de partir para lá, com toda a expectativa espero que desta vez a experiência não me atraíçoe e que esteja muito mais seguro e consciência. Tenho ideia segura, se tivesse ido em 93 tudo se tinha arranjado, teria sido bom, a instabilidade que vivia na altura teria sido recomposta pela vida lá, sou positivo em pensar que sim, que teria sido bem-

Parusia

sucedido, ao invés de ter penado, mais uma, se passei o que por cá passei na psiquiatria, nada me pode perturbar por lá, mesmo que me perturbe, por mais que me perturbe, é bom que me recomponha e volte ao início, volte a por a bola no centro do terreno. Em todas estas minhas incursões, sinto o receio de não ter ido demasiadamente longe e perto das coisas, das pessoas e das ideias, sinto não ter chegado ao âmago das questões e dos que acontece, do que aconteceu, do que está para acontecer, pois queria assistir a tudo, fazer de tudo, estar presente em tudo, substituir Deus, não queiras isso, filho, que dá muito trabalho, mas Ele tem sempre a sua dama, pois tem, por isso é que tu não tens. Depois, uma ideia, mais do que isso, uma realidade com que me confronto hoje em dia, mas que sempre estive presente, digamos, desde que aqui cheguei, a da força física. A maior parte das mulheres daqui não gostam de homens inteligentes, sábios e doces (seria o meu caso?), mas gostam deles com braços grossos, narizes grandes, a que corresponde um membro grande sexual, manobrando fisicamente a dama, dando a sensação de segurança física e psíquica. Não gostam de homens que levantam questões e que pensam, isso não se usa em Lisboa. Lisboa é para curtir, não é para pensar. Se vens cá para ser pensador, conta em seres posto de lado, aí talvez as pessoas se fores bom te respeitem. Enfim, são gostos, que eu chamaria de primitivos e o facto de eu não corresponder à descrição não ajuda o meu sucesso junto das mulheres por aqui, isso é lógico. E também é facto que o tipo de mulher que eu procuro não está em Lisboa, por isso tenho usado soluções de recurso. O tipo de mulher que eu procuro anda espalhado pela Europa e alguma parte está nos EUA. Para ser objectivo. Mas estou desviando-me do assunto, o que nos traz aqui, nem isso interessa ao leitor, não é o tipo de mulher que eu gosto, pois reservo-me o direito de privacidade nesse aspecto, mas o que se tem passado por aqui, neste reino da memória deste território circunscrito e que amplamente não quer dizer nada onde se desmultiplicam lógicas estereis e dominantes, tremendamente agressivas e irracionais, a que por motivos que não consigo descortinar, pois não creio ser “tudólogo”, nem com antropólogo, dizer que resolvo todos os problemas dos homens quando nas verdade os homens dando-lhes eu garantias em retribuição me dão um saco cheio de ruínas, cacos e mau ar para respirar. Fosse como fosse, também naquele dia depois do dia da cidade de

Parusia

Lisboa, compreendia que dava muitas vezes comigo pensando em inglês e que essa linguagem era a maior das vezes agressiva, obscena, violenta, o que só poderia vir de outras mentes perturbadas e de outras violências anteriores e diferentes da minha. De facto, não era preciso demonstrar isso. A minha vida demonstrava isso. Eu quase fugia da violência e passava neutro por situações de grande perigo e tensão, gerindo a sangue frio medos e agressividades dos dois lados que sentia embaterem contra mim. Era um íman, tudo atraía, porém não tinha em quem descarregar a energia acumulada. O sexo não era solução. O exercício físico ajudava-me a sentir bem, sobretudo quando fumava menos. Naquele tempo não conhecia nenhuma miúda em particular, depois de perder o interesse definitivamente por Lily ao calcular que ela se divertia com a minha imagem e os meus sapatos chamando-me palhaço. Estivesse onde ela estivesse, não sentia nenhuma espécie de ódio contra ela, nem contra as mulheres com quem estive. Creio aliás que todas foram tratadas muito bem e a maior parte delas se sentiram intimamente tocadas com a minha presença, para lá da insegurança ou não da coisa. Sabia que o maior desafio daqueles dias era voltar a pensar em inglês mas ao contrário, e.g., pôr tudo de bom que eu tinha em português, francês e espanhol, toda essa raiva saudável e genialidade, ao serviço de um palco onde me podia salientar definitivamente, e esse seria através da língua inglesa e da escrita em língua inglesa. Sentia que, decorrendo o concurso para professor na Universidade, poderia corresponder na íntegra no meu primeiro ano, revendo os meus apontamento à medida que avançava com a escrita e a **es-crítica** da tese. Uma questão que eu não podia contornar e que não podia esquecer tinha a ver com o orientador, se faria filosofia, em que curso me inscreveria, se iria andar pela mesma faculdade de sempre pensando só por andar por motivos de subsistência. Tinha um ensaio pronto, surgira-me mais uma ideia, o culto dos mortos, uma questão que me absorvia algum tempo quando me deparava em situações de alguma violência (nunca me deparei com situações de extrema violência, felizmente). Em geral, nestas situações, sentimos uma arrebatante solidariedade que corresponde ao desejo de saber o que se está a passar, no sentido de ajudar, de compreender. Mas quem sou eu para julgar alguma coisa...

Parusia

Terceira grande ideia daquele dia. Percebi que não podia continuar a escrever, que me ia espalhar, que seria uma armadilha a curto ou médio prazo, que seria caçado nessa doce vingança que ousava empreender pela escrita contra gigantes numa planície com varapaus. Um mecanismo de adolescência que havia incutido a mim próprio, descrevo-o agora, seria o de pensar o que quisesse, mas só falar o que era politicamente correto no grupo, ou para ou indivíduo, e neste caso, para o indivíduo, usar alguma ironia, isto acabou por funcionar contra mim, agora explico por que é que sou um escritor solitário e porque a solidão é necessária senão essencial ou fundamental à escrita. Esse mecanismo consistia na recusa de ser espontâneo e em colaborar na espontaneidade dos outros. A autodisciplina era tal que gerava efeitos de solidariedade em cadeia à minha volta, mas não a meu favor, eu só queria um emprego e se possível uma companhia. Agora, já que aqui cheguei, quero mais. Mas reservo-me o direito à privacidade de sonhar com o que quero e dizer o que não quero. Porque há muita coisa que não quero. Enfim...mas isso é outra história. Esse mecanismo psíquico funcionou, aparentemente fiquei solitário e gerei tensão suficiente, mais um dos factores propulsores da escrita, a tensão psíquica, de modo a escrever com desenvoltura, densidade e qualidade. Com o tempo aprendi também a desenvolver as questões e aprofundá-las, o que me daria bastante jeito para dar um ar de falsa erudição. Acontece, curioso olhar para aqueles dias, que toda a gente queria fugir a sete pés do que era olhado e criticado, como se fugissem da fome ou da peste. Toda a gente procurava fugir de vestir limpo e decente, de ser normal, de ser pobre equilibrado, remediado, ter uma mulher um emprego, todos no fundo e numa palavra para ser exacto, queria chegar à sobriedade que eu tinha e na verdade nem uma certavam. Na fartura dos meios de que dispunham, gastavam rios de dinheiros em conhecimento, em prazer, SPAS, férias, filhos, educação, ténis, religião, carros, luxos, espectáculos de toda a ordem, sociabilidades, palavras, reflexão, mas nunca, nunca nesta vida acertavam com a sobriedade de algumas pessoas que eu felizmente conhecia. E tinha o gosto de ser uma delas. E como não acreditavam noutra vida estavam feitos, não podiam remediar o caso. De modo que isto leva-me de novo à questão essencial do Professor Brandes, o culto dos mortos, que seria a questão filosófica da vida após

Parusia

da morte. Socialmente, sabemos que é possível, mas biologicamente... E isto liga-se à minha primeira questão levantada no início dos problemas de hoje e aqui tenho de dar a mão à palmatória a um transeunte que me esclareceu para este aspecto, que seria, a morte revigora, a morte contém em si a vida, tanto social como individual. Ora, não será isto um contra senso? Si, mas o fenómeno é exterior a nós, escapa-nos, por isso é objectal, é coisa, é orgânico, daí que seja obrigatoriamente passível de ser possível e realizável. Antes do mais porque contém em si a potência de se transformar por si próprio em outras formas distintas que a dele próprio e a isso se chama transformação, evolução. Assim se dá a vida, assim se passa o testemunho. Agora temos de compreender o culto dos mortos? Para a dizer a verdade do meu estado naquele momento, eu estava em todos os termos, bastante longe de chegar a alguma conclusão sobre o que iria fazer a Berkeley. Não recebera nenhum email do Professor e estava mais uma vez trabalhando em seco, como diz a minha irmã, sem rede, como diz o meu terapeuta, roto como dizem alguns, falido mas não acabado, não vencido. Impunha a mim próprio tarefas árduas, não aceitava que me dessem ordens, debitava frases instintivas...compelido a escrever compulsivamente, que fome, não parava, cade vez mais tinha a força de mil homens para fazer frente a um sociedade que se recusava a qualquer coisa que eu não sabia o que era. Podia ter passado docemente o fim-de-semana a casa dos meus pais, ver o meu sobrinho, viver um momento de descontração, mas não, sacrificava-me por este trabalho árduo e que me deixava cada vez mais magricela e feio. Imaginava-me como Heitor, velho, corcovado, tal Corcunda de Notre Dame, debitando da ponta de seu cigarro interjeições lamentosas acerca da vida. Ia para esse caminho, tinha mais dois dias para chegar às oitenta páginas, estava em vinte e cinco, tinham passado três dias. Nada mau para quem só tomou um Redbull, hã? Precisamente, a questão era essa, dar tempo ao tempo ou esperar pelo tempo, ficar ou ir, gerir ou investir, o que fazer na realidade, como conjugar as várias variáveis de que dispúnhamos naquele tempo? E não haveria acaso variáveis estranhas, indirectas, intrometidas ao fenómeno em causa, que poderiam estar a interferir? Era isso que eu suspeitava. Precisava de ir lá fora ver melhor essas variáveis.

Além do mais, o meu interesse é defender o leitor, cumprindo assim essa linha que chega até aí, a esses olhos que ora vêm estas palavras, estas letras, este pensar. Na verdade, o meu interesse é fazer com que o leitor defenda a minha tese de que controlando cada indivíduo a vida, energia, que tem em si, por meio de efusões, respirações, gestões de adrenalina e serotonina, possa relacionar-se intersubjectivamente da melhor maneira evitando conflitos, e.g. isto seria o ideal de perfeição de toda a vida social, a panaceia social que todos procuramos, dir-me-ia o leitor o que o senhor me pede ou me apresenta é a solução para todos os problemas com que nos deparamos no quotidiano. E eu digo, SIM, É. Na verdade, o sonho de qualquer indivíduo é na verdade, seja homem ou seja mulher, gerir a sua vida com o máximo de proveito e lucro, evitando conflitos, isto é, fazer um *slalon* social. O que eu entendo por isto? O mesmo que um esquiador de gelo, evitando as bandeiras, sendo que as bandeiras são indivíduos e que os indivíduos não estão fixas estão em movimentos e têm redes, o que é muito mais difícil de transpor e ultrapassar. Daqui se depreende que qualquer lei social é muito mais difícil de comprovar que uma lei exacta, porque obedece não só às leis naturais como também a leis subjectivas, o que aumenta o seu grau de complexidade, por isso devemos ter uma perspectivas de complementaridade e uma abordagem mais ampla neste caso. Mas não me vou alongar mais neste caso. Como se evita a violência. Por vezes há impossível evitá-la, pelo menos a verbal, tal como é impossível evitar a morte individual. Em situações de violência, quando somos ameaçados por alguém, numa sociedade agressiva, que fazer? Responder com a mesma moeda? Recuar? Alhearmo-nos do comportamento daqueles que nos provocam? Delegar a tarefa para a autoridade? Sim, que fazer? A ausência naqueles últimos dias na praça que eu frequentava de João Prestes podia ser uma chave. Entretanto, entregue aos meus pensamentos, deixava livre curso a questões filosóficas e deixava-me levar por questões aparentemente complexas e técnicas como a inteligência artificial e outros assuntos de quejando interesse. De facto tinha chegado a uma formulação final, para apresentar ao professor Brandes, só que tinha um pouco receio de a revelar, mas escrevi-a no meu caderno de notas: “pode a antropologia ocupar-se da inteligência artificial Pode a vida eterna acontecer? Pode a vida ser anatomicamente reproduzível?” No meu

Parusia

reduto de reflexão, equacionava estas questões como se últimas se tratassem, enquanto a vida lá fora continuava decorrendo. Os carros passavam diante da minha varanda, para além da minha janela, as obras de Santa Engrácia do Supermercado Pingo Doce estavam paradas porque era sábado, decerto mais daqui a pouco, depois de algumas mais páginas, iria fazer um intervalo até ao café do Sr. Adão, viria de novo para continuar a inserir dados aqui no ecrã branco até que telefonasse um amigo e viesse à noite para conversarmos um pouco no bar aqui do bairro. Entretanto, tinha-me preparado langorosamente e ido às compras, suspeitando como seria difícil minha vida longe e o quanto eu estava a milhas de alguma *chance* de me adaptar a esse estilo de vida. Contudo, continuava com esperança e até achava divertido uma aventura hollywoodesca, em que eu pudesse discretamente assumir um papel de “disruptive lives reporter” qualquer coisa assim, bem seria uma inversão total, uma volta 360 graus na minha vida, não era questão de ponderar, era questão de embarcar sem pensar, mais uma experiência, aí vamos nós, o que se há-de fazer, aproveitar a oportunidade para nos promovermos criativamente e conhecer outras realidades, sejam elas quais sejam. Pensava naqueles tempos um pouco dessa maneira. Seja como for, estavam ali, estacado, num sábado em que podia fazer muita coisa, estava refém das minhas palavras quando só as palavras eram meu peso e minha libertação. Mas parecia que quanto mais eu as suscitava e convocada, mais elas apareciam para me complicarem a vida, como se eu tivesse criado um mundo cujos habitantes nunca me dessem sossego com seus problemas. Os personagens perturbavam-me e não assumiam verdadeiramente o papel de personagens, não se faziam de convidados, eram como que marionetas, pior, modelos de uma montra de roupa parisiense que eu contemplava mas que não me falavam, pouco me diziam, estavam noutra mundo, noutra esfera de conceitos e sociabilidades, não me afectando senão no sentido em que os via e de algum modo tendia no meu modo de vida *para* eles. Era esta a grande diferença entre mim e eles. Não a diferença na roupa que usávamos, o facto de eu andar a pé e sozinho, de viver sozinho e não ter trabalho nem horários a cumprir e ter um projecto de vida totalmente diferente, para não dizer uma concepção de vida totalmente diferente, talvez muito mais metódica e exigente do que a deles, em certo sentido. Mas aqui

Parusia

estou eu a polemizar sobre a diferença de estilos de vida entre mim e os meus contemporâneos e quem me cruza. Isto tem a ver com os estudos das sociabilidades num espaço que é o Parque das Nações. Tudo se passa neste território diminuto, onde habito só, onde não comunico com um familiar, enfim, onde me movo, com intriga, aventureirismo e curiosidade. Convém também dizer que há um jovem aqui que me intriga e está em plena ascensão social e que já tem família, vem da margem sul todos os dias e trabalha aqui no café, o patrão já lhe deu um cargo de responsabilidade nos movimentos do negócios e ele move-se que nem patinador em gelo. Sei os tempos que vivemos, sei que não posso voltar para trás, voltar para trás seria o caminho de um Portugal triste, grupal, opressivo, dependente, estigmático e de alguma maneira percebo esta viragem à direita nas políticas; voltar atrás seria um caminho de saudade para com a França, a infância, mas eu quero talvez ir mais longe antes, primeiro. Como no início, em Curvas Apertadas, vou dar uma volta maior, leva mais tempos, mas espero que as *vistas* sejam melhores. Pouco a pouco vai saltando da minha memória todo um imaginário cinematográfico mas também literário que espero rebater naqueles seis meses. Será tempo de dar tudo. Vou voltar seco. Cá vou ter tempo para descansar e continuar a fazer o doutoramento em calma e sossego, já com outra perspectiva. Bloqueio. Aguardo o bloqueio. Que fazer? Vou beber café. Causa do bloqueio: vejo dois namorados beijando-se, sinto-me sozinho, sem nada para fazer. Como pode haver inspiração num cenário destes? Frustração. No pendor daquele momento de fraqueza sobreveio uma certa lucidez e tive uma lucidez e então sobreveio uma grande e definitiva ideia. Estava nas lonas, cansado de escrever, de ter ideias geniais e fundamentais num país que não acreditava em mim e que me dava por mal empregue nos seus pensamentos e dias. A frustração era imensa. Então vislumbrei uma fórmula que ultrapassaria toda a psiquiatria, religião, medicina e filosofia, oriental e ocidental: destacando-se do corpo, o espírito da pessoa fazia reparações à sua própria pessoa, como se fosse a sua pessoa, operando através de narrações do passado, uma recuperação dos sentidos da alma. Seria algo do âmbito da alquimia ou da magia primitiva, tinha de estar a pau com os inimigos, à cautela com invejas acerca desta nova fórmula terapêutica encontrada para resolver questões psicológicas delicadas do passado.

Parusia

E como vislumbrei o caso para mim próprio? Vi o meu espírito soltar-se da minha anima e do meu corpo e ver tudo o que o meu corpo agressivamente tinha feito contra os outros e contra ele próprio, impelido por forças estranhas e irracionais ao Bem, à sua vontade própria, ao seu destino, ao seu caminho próprio. Via falos, penetrações, sémen espalhado por todo o lado, ecrãs acesos com as mais díspares formas inumanas, pedaços de máquinas desejanter, segundo expressão de Luís Quintais, onde curiosamente não havia indício de crime e perturbação, mas onde habitava a desordem a selvajaria desordenada dos desejos. Uma transposição do círculo dos viciosos do Inferno de Dante. Que nome daria a esta nova fórmula? A este movimento terapêutico do corpo para se revitalizar, se abstrair de si próprio para a si regressar de novo sob uma nova forma, para uma nova forma, consertada, rearranjada, reordenada? Era sem dúvida um movimento gnosiológico importante, podia entrever, qualquer coisa do âmbito do fantasmático, do mágico, do sobrenatural. Daí que nunca teria de perder de vista o fenómeno religioso, que para mim teve e tem importante como revelador da mais profunda e fundamental consciência e verdade da natureza humana. Eram 21h. Talvez precisasse de sair de novo. Mas para onde? Que fazer? Não sei se teria mais uma ideia em carteira...ler um pouco...acender a televisão, não. Esperar, esperar um pouco, estar atento, as vibrações não se faziam esperar por muito mais tempo, deviam estar aí para chegar e eu estaria pronto com as minhas antenas para as receber, aliás, eu era não só um poderoso transmissor de vibrações, como também retransmissor de ideias, também ideais que por mim passavam e que filtra sob meu desiderato e aprovação. Com o envolvimento das ideias nem dava o tempo a passar. Telefonei ao meu amigo (de sempre?), que estava ocupado com os resultados das eleições legislativas e umas aulas de viola e eu cá preocupado obsessivamente com a formulação final que teria de apresentar ao Professor Brandes. Bem, ainda não havia recebido a sua resposta, pelo que tinha em teoria algum tempo ainda. O trabalho na editora ia ficando em *standby* enquanto que ficavam para trás as personagens deste Terra Seca II, que por enquanto iam só em João Prestes e eu próprio e numas breves menções a Lily e mais dois ou três personagens secundários. Não havia trama. Então isto era um ensaio ou uma novela? Chegaria a ser romance? Teria de agregar alguns

personagens senão ao futuro pelo menos ao passado de João Prestes para o fazer. Casos perdidos. Tinham-me dito para nunca me ocupar com casos perdidos, e eu estava agora em risco de ser um deles, como podia sonhar ir para Hollywood? Esta é que era a verdadeira questão para investigar, como se chega a Hollywood? Não basta golpe de sorte e confiança, é preciso dinheiro, de facto, muito dinheiro e conhecimentos, e uma forma de ser especial de se adaptar a circunstâncias especiais. Para além de vir a ser ma espécie de monge, de coioote, quem mais podia ser eu por seis meses em terras do tio Sam? Teria oportunidade de visitar meu primo em Calgary? Pé ante pé, lá ia minha consciência desfilando hipóteses, cenários eu não tinha muitos para além dos que a net me fornecia, por isso haveria um certo elemento de surpresa.

E então, não por cansaço, não por ressentimento, mas porque sentia que não valia mesmo a pena, pensei em desistir de tudo. Como aos 15 anos, desistir de tudo, deixar morrer tudo, deixar tudo para trás, namorada, família, amigos, projecto de vida, vida, tudo para trás, abandonar tudo, esquecer tudo, porque simplesmente sentia que o sentimento de isolamento era tal ao longo de tantos dias e a solidão era tal que ninguém me acompanhava em nenhum projecto. E se me acompanhavam era para dizer mal. E se me queixava era porque não tinha que chegue. Por isso chamava a esta terra, Terra Seca. Não deixavam que a gente crescesse. E isso acontecera comigo. Queriam os americanos mais provas do que isso? Eu, eu era a prova viva. Eu não tinha casado, pelo menos que eu saiba, com nenhuma mulher, nem nenhum homem, embora tivesse tido extremo proveito em fazê-lo. E porque não o fiz? Porque decididamente consegui ser feliz nesta terra, como é que queriam que escrevesse livros belos e bem-dizentes sobre este país que fossem prémios literários e belas obras de contemplar se não conheci a felicidade nesta terra? Podem dizer que é culpa minha, que não sou fácil de contentar, de encaixar, que não tenho capacidade de encaixe, que estou procurando justificar-me, mas decerto que não estou só, há uma multidão de emigrantes lá fora que pensa como eu e muitos cá dentro pensam como eu, que as coisas não estão bem, porque só estão bem para aqueles que estão bem na vida. Seria uma coisa a pensar, desistir, desistir de qualquer coisa, deixar de me

Parusia

importar, começar a olhar pela saúde, arranjar uma companhia, começar a praticar desporto, vestir bem, sair frequentemente, conviver, gozar a vida em vez de trabalhar tanto. Porque para maioria das pessoas eu nem sequer trabalhava, era um meteco, não tinha direitos, só tinha direito a me alimentar e por sorte podia votar. Na realidade, a única liberdade que tinha era a net e não era realidade nenhuma, era uma ilusão bacoca, pois só mostrava o lado perverso, o lado finalista da questão, desses mundos alternativos e idílicos com que sonhamos nos filmes. Entre o cinema europeu e americano deambulava nesses dias, enquanto lia Coetzee. A noite caía, um carro passava, acendiam-se as luzes do terreiro em frente de casa, na ponte Vasco da Gama os carros passavam espaçados entre os prédios, veículos iam e vinham de um lado para o outros, uns trazendo mercadorias, outros pessoas, mercadorias e pessoas, bens e pessoas. A roupa estava estendida a secar. Dali a pouco o meu corpo repousava depois de um chá e um cigarro alemão Davidoff. A minha irmã está bem.

Agora, já noutra situação, eu estava dentro de um pêndulo de um relógio do tempo, um pêndulo de Foucault. Andava à toa de um lado para o outro encerrado e convencido do meu argumento, prisioneiro das minhas certezas conhecia agora as amarras do dogmatismo a falta de liberdade da dúvida. O tempo e a cadência eram certo, sabia o que queria, para onde ia, exactamente o que podia acontecer no momento seguinte, podia prever o desfecho de alguns acontecimentos próximos e isso não me dava nenhuma satisfação por aí além nem me distinguia dos outros, nem me fazia, estranhamente, conquistar mais mulheres ou sentir-me mais atraente sensualmente falando, por isso quebrei o vidro e fixei esse anátema no tempo, essa certeza, esse dogma, e foi à procura de outro, embarcando na dúvida navegando nos mares da interrogação na fluidez da imaginação. Sabia que nestes territórios era quase imbatível, que era um saltitão nas interrogações, que saltava como beija-flor de flor em flor em busca de alimento e nisto me divertia e trabalhava ocupando meus dias e noites de lua. A este ritmo chegaria às oitenta páginas deste volume que ainda não tinha nome definitivo em breve, havia chegado às 33 em pouca mais de três dias e esta noite contava poder chegar às 40,

Parusia

faltavam portanto mais seis, havia que ter paciência. De modo que quebrei o vidro e fui de encontro à dúvida, como o velho francês. Mudei o lito de letra inclusive para me ajudar. De um Times New Roman 16 para um Euphemia. Corresponhia um pouco mais ou menos ao tipo de livro de Michel Serres que tinha em mãos. Podia ajudar-me a atravessar aquela noite como o voo de noite e regressar a uma noite, a um quarto em que a chuva batia insistente no vidro na janela, fazendo frio e eu lia com para além da 11 horas quando todos já se haviam deitado. Então, pouco depois da meia-noite, estava eu lendo um pouco Descartes e Leibniz, ocorreu-me esta singela ideia junto à máquina do café: não terminaria este romance apenas com o meu movimento físico daqui para algum lado, ou seja, ficaria aqui eternamente entregue a estas questões e até que ponto estava como que criando uma sociedade sem história, ou de história mítica e repetitiva, circular, ou seja, finalmente, seria preciso sair daqui para terminar esta história ou melhor ainda, seria preciso sair daqui para continuá-la e acrescentar-lhe novas coisas ou contar novas histórias? Mas sair com que orçamento? E com que matéria prima podia sonhar? Tinha de recolher bibliografia, estudar mais, ocupar mais o meu tempo com a escrita e a leitura, mas simultaneamente sentia-me cada vez mais sozinho e fraco, o meu coração começava a apertar, sentia que chegava quase às quarenta páginas naquela noite, mas que fumava imenso e minha imaginação estava em rédea solta, não parava, porém sentia também que lé longe a esperança poderia renascer e poderia ver as coisas com outros olhos e seria mais uma grande oportunidade para desenvolver a escrita e haveria só que aproveitar enquanto fosse tempo. Uma certa calma se impunha. Resolvi, pelas 00.16h fechar a janela da sala onde trabalhava, pois andava quase nu pela sala, já que estava calor, em redor de uma pequena luz no centro da sala. Estava de mente aberta. Depois disto, concentrei-me mais um pouco. Concentrei-me nas ideias que tinha tido ao longo do dia. Olhei de soslaio os meus livros da sala. Inspirei. Vi de relance os momentos em que me desviara das pessoas que realmente amo na vida. A minha família. Risquei da memória a forma como os tratei mal, os humilhei. Tentei esvaziar desta sala toda e qualquer forma de tristeza e ressentimento, mesmo as mais recentes, para com a minha vizinha, mesmo para comigo próprio, para com o meu corpo, para com a Lily, para com a minha

Parusia

sexualidade autofágica e destrutiva. Era um homem só. A minha família estava suspensa numa árvore. Os frutos começavam a cair. Os outros eram os frutos. A minha família mantinha-se lá. Os frutos eram podres. A minha família mantinha-se. Eu olhava, mas não tinha olhos, nem corpo. Eu não estava na família. Até que minha mãe deu por minha falta e gritou por mim. Meu irmão e minha irmã foram à minha procura no prado verdejante e encontraram-me brincando em pequeno junto a uma represa, construindo uma cidade, acompanhado do Tuísca. Levaram-me para a árvore. Lá estava eu também, junto a eles. E ali fiquei. Depois, estava vendo um quadro numa exposição, entre várias pessoas, numa vernissage, com música ambiente agradável mas ligeiramente misteriosa, com belíssimas mulheres e pessoas de várias etnias, estilos e classes sociais, estilos e tendências de pensamento e vida. Alguém veio retirar o quadro da árvore que eu olhava e onde também estava e disse que iria ser levado para um Museu. Passamos então para o Museu onde há uma Conferência por um historiador de arte célebre a decorrer, amigo do curador do museu, que podia ser o Louvre, o d'Orsay ou o Trocadéro. Nessa altura, eu oiço a conferência num gabinete, onde estou tomando em estudo algumas notas. Permaneço aí uns 5 minutos, tomando notas, analisando espécimens, papéis, etc, saindo do Museu (neste caso podia ser o Trocadéro, já que é um museu de estudo e formação académicos), e entro nas artérias de Paris de bicicleta. Tudo isto é forte demais para os personagens em meu Redor. Oiço ratazanas saltarem das tampas de esgoto abertas, Paris inunda-se de ratazanas invejosas que procuram sugar a minha criatividade como vampiros. Mas foi só um sonho. Pelo menos aqui ninguém me dá valor e gozam comigo como se fossem um deficiente das forças armadas ou coisa do género. Contudo, quando chegar ao Brasil, esta obra irá atingir uma magnitude tal que em breve chegará também aos EUA senão por minhas mãos pelo menos pelas mãos de alguém amigo e creio que aí terei algum reconhecimento justo do trabalho que tenho feito por aqui em Portugal. Depois de Saramago.

Mas o sonho continua. Como a odisseia de Papillon, se dermos corda à imaginação, enquanto se respira a imaginação nunca pára. Não esqueçamos que esta obra seria, entre várias coisas, uma espécie de introdução à prevista obra em verso Nova Divina Comédia. Nesse sonho, chega uma misteriosa e sensual personagem, de seios redondos e grandes, que me acolhe em seu quarto nas caraíbas. É o prémio merecido de qualquer escritor que corre em direcção às 40 páginas. Ela reserva-me a educação dos meus futuros filhos e uma velhice tranquila, longe do bulício e da *regrice* (da normalidade, no sentido de obediência às normas) da vida da cidade). Sim, como Papillon, estou eu busca da minha liberdade, talvez provisória, mas que será pelo menos uma janela física temporária que me permitirá essa libertação física e após isso a libertação psíquica para criar e desenvolver o meu trabalho. Ainda me inquieta esse trabalho, embora não tenha um compromisso real de produzir uma tese ou um texto e seja algo informal e não obedeça a estritos parâmetros. Imensas coisas tenho a fazer se quero ir e mesmo se não quero é de aproveitar esta altura para as fazer: cuidar da aparência, nomeadamente dos dentes e do cabelo, dos olhos, do rosto em geral; comprar alguma roupa logo que tenha tempo. Ir fazendo, ir caminhando, Mas e o sonho, onde estamos? Saímos do museu, estamos em Paris, numa cidade inundada de ratazanas, como saímos disto? Atraímo-las para uma lixeira. Paris, Nova Iorque, São Francisco, Los Angeles. Todas têm pontes, tal como Lisboa. São Francisco tem uma ponte semelhante à nossa 25 de Abril. Bem, pausa. Dei por terminado o meu trabalho naquela noite. Não ia ficar toda a noite, não tinha ficado esgotado com dois Redbulls nos dois últimos dias e a fraca alimentação (aliás, tenho de ir comer), mas acho que ficaria por ali naquela noite, não tinha mais ideias e iria encerrar a sessão, a não ser que algum fenómeno despoletasse mais duas ou três em série, como uma mulheres que tem vários orgasmos em série ou ao mesmo tempo, diz-se. Isto é incrível, o tempo que eu perdi bloqueado, as ideias brilhantes que eu tive ao longo do tempo e que não anotei, não desenvolvi, não comuniquei à pessoa certa (sobretudo isto) da maneira mais correcta (também isto). É constrangedor!... Por estas e por outras

Parusia

razões nunca quis trabalhar oito horas por dia e comprometi a herança do meu pai e dá-la à minha irmã que me está sustentando em nome da minha obra. É o que farei se tiver juízo. Entretanto, quando penso nela, penso em coisas positivas que sua lembrança me traz. E não me ocorre nenhuma outra mulher a não ser a Magda. Ou a minha mãe. Mas aqui falo como que por obrigação, pois nem sempre ela me defendeu ultimamente, não compreendo medo ou a loucura dela. Estranho este sentimento, mas creio que perdi o rumo da minha mãe. Perdi. Estou desviado da sua rota. E do meu pai também. Desde sempre. Talvez eles esperassem que eu me aproximasse mais deles em vez de me afastar, mas o que é certo é que me afastei. Desde cedo uma estranha doença me separa da minha mãe. Psíquica, complexa, ventral, insolúvel. Tenho aqui matéria para falar até ao fim, mas certamente que tenho aqui matéria para me calar desde já e ficar recolhido em silêncio e meditação quanto a este respeito. Não sei se vou continuar neste assunto. O tempo é tão profundo que não ousou tocar-lhe. Seria desafio para esta noite o que ponho agora diante de mim este de questionar-me sobre a minha relação com a minha mãe? Porque não surgem os amigos, as festas, o emprego normal, as chatices, as miúdas, as mesmas coisas de sempre, tudo isso que eu evito para ter uma vida perfeita e interessante, literariamente perfeita e interessante, quando chego no final e tenho uma vida chata e escrava da escrita e deste algoz que me pede mais e mais? Porque será? Perdi o elã? O enlevo? Passaram os meus tempos dourados? Não, parece que estou esquecendo, quando formulo leis fundamentais do comportamento, estou esquecendo uma simples lei, a lei da vida, nascer, crescer, morrer e está acontecendo, quer queira quer não estou envelhecendo e não posso evitar isso, por mais argumentos que forje, o tempo foge e eu posso puxá-lo para trás. Como proceder então? Não sei, sinceramente aqui não sei. Estou perdido, neste paraíso da abundância das palavras, perdido, elas caíam da minha cabeça para o chão como se fossem água de uma fonte jorrando para o campo, por isso não dou conta, não sei, não sei como saber, não está em mi saber isso, pelo menos por ora, pelo menos por enquanto.

Parusia

Talvez minha mãe estivesse a pintar enquanto eu escrevesse ou estivesse lá fora e viesse daí a descobrir alguma coisa que não soubesse antes. Não sei porque pensava assim. Era uma esperança minha. Era como sentia uma angústia de morte, uma angústia em pleno voo ou aterragem, nem quero pensar, tenho medo só de pensar. Estava tão desligado do fundo que precisava de ir com muita cautela para partir para as coisas, antes de fazer alguma coisa, tinha estado muito tempo isolado, parado, não atribuo a culpa a ninguém senão a mim próprio, foi uma opção, mas agora teria de partir para outra, modificar as coisa, começar a sair, a mostrar-me mais, a mostrar o conhecimento produzido, a comunicar, a dialogar com os outros, inclusive noutros idiomas e nomeadamente traduzir a minha obra em inglês.

Tentando desconstruir a memória de minha mãe, digamos assim, falaria das mulheres que sempre desejei ter, cujas ancas sempre desejei manobrar. Eu sentia um carinho e dedicava atenção especial às mulheres na minha infância e adolescência. As revistas de moda francesas serviam para ver alguma coisa, mas na escola e entre os amigos via-se o resto. Contudo, saltando bastante tempo no tempo biográfico, eu só fui um verdadeiro fã de alguma pornografia a partir dos 25-26 anos. O que foi evidente é que me autodisciplinei bastante enquanto jovem porque sabia a força que tinha. Dos 15 aos 19 anos, nada, do 19 aos 25 anos apenas filmes e masturbação. Depois, uma ou duas namoradas. E mantém-se até hoje relativamente linear o percurso. Agora, se todos se interrogassem como eu, o que se passaria? O mundo não seria um local melhor para se viver? Se todos se preocupassem e se expusessem como eu não seria melhor o mundo? Tenho o forte pressentimento que sim...então não digam mais nada. Eis então que me vejo neste reino do desejo, rodeado de belas mulheres, tal Hugh Heffner, realizando todos os seus apetites sem limites, um verdadeiro éden, e então o que é feito da funcionalidade do mundo e das coisas (do mundo, pois então) sociais? O que é feito dos grandes problemas da humanidade? Eu cá tenho um pressentimento que se formos como a toupeira e resolvermos os problemas pela via hedonista eles acabam-se resolvendo por eles próprios. Será verdade? Pensemos um pouco na questão? A filosofia pode ser uma tarefa extremamente atraente, mas quando

Parusia

realizada exclusivamente, sem o auxílio de mais nenhuma disciplina, pode ser pelo contrário uma tarefa extraordinariamente chata e maçuda. Como pode a filosofia resolver problemas sociais e conflitos? Como o caso da violência étnica por exemplo? Facilitando o diálogo, apelando à comunicação, ao enterro da violência grupal, abrindo vias ao diálogo entre as gerações, estabelecendo vias de comunicação entre os sexos e os subgrupos de interesse, trabalhando no fundo em colaboração com a antropologia, pois que em termos de dados e conhecimento de terreno esta tem muitos mais para dar que a filosofia, pois tem ao seu serviço a etnografia e um conhecimento experimental que deriva do método do trabalho de terreno (de campo) estabelecido por Bronislaw Malinowski em princípios do Séc.XX. Tudo isto são questões que pode aqui ser debatidas e desenvolvidas com o decorrer do tempo, questões para as quais chamamos atenção, pois não se limitam a ver a sociedade num curto e médio prazo, mas a olham num longo prazo e numa perspectiva de longa duração. Estas reflexões surgem a propósito das minhas aulas previstas de Metodologia do Trabalho de Campo que estou em vias de empreender e que seguirá um pouco mais ou menos um percurso dos meus últimos anos de pesquisa metodológica no meu trabalho de campo em Riachos. Bem, mas não temos, antes de desenvolver mais este assunto, que também seria interessante, não temos mais personagens, pois passou tempo e ainda não tivemos a oportunidade de estar com João Prestes e indagar se ele teria alguma personagem na sua órbita. Cabelos tem e muitos. E sujeitos.

E vai 1:53. Estou chegando às 40 páginas. O que parecia impossível, ou pelo menos muito difícil, está-se concretizando. Vou dormir e talvez volte ainda, no meio do acordar do sono para continuar, se ainda der mais ideia, que eu resgato ao sono e ao pêndulo da consciência criativa. Cheguei. Oxalá já estivesse lá. Do outro lado do atlântico. Mas não. Estou aqui ainda. E o destino deste país está traçado. Sócrates regressará daqui a uns anos para ser Presidente, regressado de França, depois de uma experiência de direita que porá o país dos eixos fora dos eixos. E nós sabemos isto tudo, pior, consentimos isto tudo como se fosse a coisa mais natural do mundo como comer um prato de caracóis. Falo do eu e do nós.

Parusia

Da minha solidão de escritor. Da tentativa de chegar a um 2º ano do doutoramento e poder um dia chatear alunos com os meus ensinamentos acerca da vida, esse grande mistério do antropólogo, a vida humana, que resumiria em dois três aspectos e que essencialmente se pode dizer dá muito trabalho e pouco proveito, pelo que mais vale vivê-la naturalmente e não pensar em vivê-la. É esse o meu conselho que ultrapassa a psiquiatria e até a alquimia: não perseguir o mistério das coisas, saborear a brisa das coisas como uma dádiva (divina ou natural, cada um entende como queira). Depois, esta minha descoberta de que a antropologia é um caminho espinhoso que nos tinha proveito fama e conhecimento e nos traz uma cruz, pobreza e dor, como tem sido verificado em mim e noutros colegas até agora. Clandestinas têm sido minhas obras, até quando. Esta espécie de abatimento e condição e meteco pode ser muito frutífera, mas até que ponto não escraviza a minha mente ao ofício da escrita e me torna um mero burocrata das palavras, como o seria se fosse um burocrata das imagens ou dos números. Sinto que quanto mais coisas visse na realidade, tanto mais teria par acrescentar e transformar em palavras, mais se multiplicariam as razões para lhes dar contorno lexical e metafórico, uma forma de tradução por assim dizer. E eis que surge a tentação do cinema, construir argumentos, para livros ou para actores, o que facilitaria abranger uma rede, ampliar a minha rede de amigos, fazer amigos, numa palavra. Abro a caixa de Vegafina baunilla. 1,70 euros :10 unidades. Tenho 6 unidades até amanhã. Quer dizer que esta noite ainda vou estar vivo. Já não penso em Berkeley. Porventura não terei coração para aguentar uma viagem de regresso. Oíço um avião passando. Está calor. Passa um carro. A solidão morde mas não se vê. Será que existe ou é uma construção social para nos movermos e construirmos redes de solidariedade entre nós, um alarme do organismo social contra a destruição e a desagregação? Talvez seja isso. Já não sinto falta de mulher. Gastei o último dinheiro num café, há pouco. Não torno a sair de casa. Sinto que estou fazendo, construindo, uma tese em filosofia, não em antropologia, tal o meu grau de recolhimento e concentração. Em todo este processo tenho trabalhado imensamente isolado, concentrado, dedicado, sem partilhar opiniões e comentários ou reflexões com colegas ou especialistas. Tomo uma cigarrilha nas mãos, passo-a longitudinalmente sob o nariz para sentir o

cheiro. Agradável. Tomo um pouco de água e como chouriço e queijo. Coim bem há pouco, estou bem de saúde, pronto a enfrentar mais uma tarde de trabalho, aqui, à volta dos livros, enquanto me é permitido. Acendo a cigarrilha e vou à varanda. Recolho a roupa do estendal da varanda. Levo-a para o quarto. Arrumo a cozinha. Descalço-me, mudo de roupa. São seis e meia. Lá para as nove, com a noite, vai vir uma nova vaga de inspiração. A televisão ou qualquer música é-me indiferente. Estou bem com o meu espírito, estou sossegado e a produzir, como se vê, podia estar a relatar mais que meras coisas domésticas, disso tenho consciência, se o cenário diante de mim mudasse e se rasgasse no horizonte (mais uma ideia cinematográfica, teatral, no mínimo). Arrumo um pouco a sala onde estou. Abandono este ecrã branco por um pouco e entretenho-me a procurar ler um pouco. Há um instinto de sobrevivência em tudo isto ou uma atracção do martírio? Não percebo, obedeço sem dúvida a uma qualquer lei que me é superior e que irei descobrir daqui a uns dias (com o tempo sempre acabamos, de balde, por descobrir, tudo o que nos fizeram à socapa quando tínhamos força mas não tínhamos o conhecimento).

Vamos agora trabalhar noutra âmbito e deixemos a possibilidade de criar mais personagens, até porque hoje finalmente vi os pés de João Prestes sobressaírem fora de uma coluna juntamente com alguns dos seus sacos, e concentremo-nos no próximo trabalho que temos que empreender e que implicará nossos esforços para além do contexto, se é que há um contexto desta obra a que designo finalmente **Magnitude**. Supomos que na próxima 2ªfeira teremos a possibilidade de nos matricularmos no 2º ano do doutoramento e, com um orientador, prosseguir algum trabalho de campo e finalmente orientar os nossos esforços na feitura de uma tese e acabar um doutoramento, o que levará mais dois anos. Supomos que terá o nosso financiador essa novidade para nós, para sermos esperançosos e positivos. Na pior das hipóteses, não teremos bolsa nenhuma nem frequentaremos sequer o primeiro ano, muito menos iremos lá fora, portanto deixemos de sonhar por enquanto com o que se passa ou poderá passar connosco lá fora e pensamos no que se passa e poderá passar aqui dentro, neste espaço delimitado. E construamos, para bem do nosso intento, um texto forte e

Parusia

consistente, forte teoricamente e na **empíria**. De modo que tinha uma de duas opções possíveis e ainda não tinha orientador, nem sabia o que iria sair do meu financiador, nem sabia sequer se iria ter financiamento para o projecto, de modo que estava a fazer um pouco castelos no ar, mas era bom preparar-me antes do tempo, quanto mais que não seja porque em caso de ser escolhido para dar aulas de Metodologia, estes aspectos iriam ser todos rebatidos e contemplados nas aulas. Que confusão! E a confusão é maior quando estamos sozinhos e sem informação. Tenho de fazer tudo sozinho. Quem me mandou meter nesta aventura?! Nunca mais saio disto! Mas bom, estava eu a dizer, tinha uma de duas soluções, ou mudava o projecto e ia fazer qualquer coisa totalmente nova com novo fôlego para outra região do mundo ou levava este até ao fim, só faltavam dois anos, ou um na melhor das hipóteses, redigir a tese. Estava mais virado para a segunda e fazer uma síntese de todo este meu ingente esforço pessoal (e familiar) feito até agora, seria o culminar. Depois se veria, depois partiria para outra aventura, quem sabe noutra lugar. E aqui fazia sem dúvida sentido um ano de pesquisa nos Estados Unidos para tomar um novo fôlego à escrita da tese, coisa que eu tinha mais tarde de falar com o orientador. Não sei quem seria, mas estava apto a trabalhar com quem quer que fosse, não era especialmente selectivo em escolher uma pessoa com tal ou tal características, acho que desde que fosse uma pessoa minimamente decente servia para fazer um bom trabalho. Agora é tempo de voltar atrás. Como tudo começou? Eu estou nas aulas de história com o meu amigo Flávio, o gosto pela antropologia nasceu pelo gosto pela cidadania grega, com Sólon e Pitágoras, quando começámos a ser grandes amigos. Eu tinha de preservar esse gosto e fui guardando-o no seminário, guardei-o comigo mais do que guardaria comigo o amor de uma miúda adolescente, esse gosto antropológico pela cidadania. Mais tarde, em Braga, cruzava-me com o filósofo Borges, que escrevia no Diário do Minho enquanto frequentava a Faculdade de Teologia. Talvez o destino do país estivesse na mão daqueles 4 postulantes franciscanos que se espalharam agora pela europa. Talvez, ninguém sabe. Sabe o leitor? Quem o pode demonstrar? Seja como for, esse interesse pelas coisas sociais já vinha do Estudos Sociais da Telescola...mas intensificou-se com a colecção Conhecer Universal...com séries televisivas como O Aparecimento do

Parusia

Homem, de David Leakey, mas foi nas aulas de História do Professor Álvaro que tudo se desencadeou na minha mente, abriu-se uma brecha, deu-se um cataclismo humano sem precedentes e a parti daí foi só recolher dados, absorver, absorver. O caminho para a antropologia estava aberto, como ciência que ajuda a fazer filosofia, estava traçado. Pausa para imprimir algumas ideias. São 19.58. Vamos ver as notícias para não perdermos o rumo dos acontecimentos que nos podem enquadrar com alguma coisa de relevante. Chegaremos às 50 páginas no final desta noite? Claro que chegamos, nem que seja para explicar como funciona a economia da crença, a gestão da economia da crença a nível local, já que fundamentalmente há mais dignidade do que se julga nos aglomerados locais do que se julga quando há redistribuição da riqueza. Bloqueio por interferência da figura paterna. Fazer outra coisa para desvanecer. Ver email, por exemplo. Já foram impressos alguns textos com tópicos para continuar cimentar a estrutura teórica da tese.

Agora estou tramado. Depois de um banho, fico sem tabaco. E sem dinheiro para tal. Sou obrigado a deixar de pensar, a deixar correr espontaneamente os pensamentos. O que irá acontecer. Bem, pelo menos se continuar a escrever, vou de certeza chegar às 50 páginas esta noite. Junto alguns livros. Por hipótese estou pensando já na tese, na estrutura teórica, depois vem o trabalho de campo, ou é antes, bem, não posso fazer as coisas sozinho, o meu amigo não telefonou, não nos vamos encontrar, sinto necessidade de estilhaçar todo este mundo em que vivo com uma granada, esta capa que me protege de qualquer coisa oca e sem sentido que se avolume como um monstro conspirativo a pouco e pouco. Amanhã telefono para o meu financiador e fico a par do que ele me quer dizer, vou ver o andamento das coisas, depois tenho ainda de concorrer ao último e verdadeiro financiamento, o do estado, esse é que é definitivo. Se não conseguir este último, chapéu, vai tudo, ou quase tudo por água abaixo. Lá terei eu de esperar mais um ano e procurar empregos de recursos, actividades de empata-vida para procurar fingir estar entretido e nos interstícios ir avançando com a tese. Cheguei às 45 páginas. Tou sem inspiração. Sinto-me vazia, pudera, não converso com ninguém há semanas! Há um vazio dentro de mim, uma tristeza,

Parusia

um tom de angústia sem fim e melancolia como se nada valesse a pena. Enfim, é o desalento. Ninguém telefone, ninguém se importa, parece que não existo. Acho que vou sair, do mal o menos, vou comprar tabaco, lá arranjarei dinheiro, quero lá saber.

Fui e já regresssei. Aqui estou de novo diante do ecrã branco. Nesta aventura ultraliberal, lá encontrei o condutor do autocarro, falei com ele sobre miúdas, tantos para cá como para lá vinham três pessoas jovens. Levei óculos diferentes, que vou levar amanhã também. Não ficam mal, o modo como tenho o rosto e o fâcias arranjado agora e o cabelo agradam-me bastante, não vou cortar o cabelo, tenho bom aspecto. Vou entrar na noite. Uma noite longa. Faltam-me cinco páginas para as 50. Vamos então. Na ida para lá no bus pensei em fazer um programa na cadeira que possivelmente vou dar que viesse do futuro, retirá-lo a uns dias do futuro. Estudar o que já tenho e elaborar um que viesse mesmo do futuro. Fazer umas leituras no ISCTE, caso seja positiva a resposta da amanhã da entidade financiadora. E entretanto devo ter de preparar o projecto final para a FCT, que possivelmente ainda vou ter de o fazer com o orientador, reunindo-me com ele, é isso talvez que a entidade de acolhimento quer falar comigo, dar uns retoques no projecto antes de dia 27. De início sentimos sempre uma tristeza, uma melancolia funda e cava, mas acabamos por voltar as costas e tudo isso e recomeçar a luta, vejo o condutor do autocarro, vejo os passageiros, vejo pessoas no centro comercial e na volta para casa mais um indivíduo sozinho, muitos como eu não arranjam mulher, uma lágrima de raiva solta-se de quando em vez quando vemos todos se arranjam de uma maneira ou de outra e nós ficando para trás, por amor a uma ciência, a uma actividade, que não se sabe bem já se nos valoriza, cuja comunidade está completamente alheia a nós e é uma capela longe de nós, que não nos dá a mínima atenção, enfim, parece que somos a ponta de um território esquecido que pouca gente visita. Deste modo, acabamos por entrever nestes anos todos de estada em Lisboa o modo como os lisboetas nos vêem, observadores da sociedade lisboeta, nos vários locais da cidade em que vivemos, acabando nós por nos transformarmos lisboetas também. Alto! Fartote

Parusia

de escrever. Há qualquer coisa de errado aqui. Feche-se o documento, faça-se uma pausa.

Chega-se de novo ao convívio do espaço em branco para tecer um argumento. Um jovem na escola, dentro de um grupo. Ambiciona ser alguém, singrar no grupo, na vida, descobrir qualquer coisa, a vida aos poucos. Recusa-se a viver, sai do cenário, depois volta e reconstrói tudo e volta a acreditar. É este mais ou menos o movimento do personagem principal, agora há que recheiar os seus movimentos com situações diversas e enredá-los com os outros personagens. A noite está branca. Os pensamentos parecem vir em catadupa, não estou a mentir, vêm mais ou menos ordenados, como num piano de corda. Vou beber água. Tenho alguns livros para a bibliografia da tese. Punho um pouco de Cocteau Twins, o que me alegra um pouco. Estarei em breve para ir a Londres? É lá que vão ser os Jogos Olímpicos em 2012, poderia ir ver em ver de estar nesta Lisboa (de tédio?...). Adiante. O projecto, tenho de fazer o projecto, tenho de ter paciência. O argumento está traçado, há sempre esperança para reviver, vale sempre a pena. Mesmo que sejamos bonitos e inteligentes e os outros pensem que temos um problema por não termos uma miúda. Mesmo que sejamos mais civilizados, atentos, sensíveis, inteligentes, bonitos e carinhosos que os outros. Só que às vezes a justiça faz-se esperar. Outras vezes nunca se cumpre. E temos que nos aguentar com esse estado de coisas e partir para outra situação. Não há nada a fazer. Há mais marés que marinheiros. Foram tantas as oportunidades que tive de arranjar mulher que até nem me quero lembrar, foi ó, passaram assim tantas que nem sei, mas deixei de dar importância a isso, aprendi a viver na solidão. E cheguei às 47. São 2 e 12h. O que vou dizer nestas páginas seguintes? Que havia de ir a casa ver o Rafael e a família? Sinto saudades deles, especialmente dele. Gostava de estar perto dele, vê-lo crescer, mas também tenho vontade de partir para outra situação, crescer noutra sentido, é um sentimento que tenho cá por dentro. A minha obra ainda não é conhecida cá em Portugal, estranhamente não está publicada. Talvez diferentemente o nome seja badalado. Mas a obra não. Virá a ser talvez daqui a um tempo. Entretanto, vou-me ocupar na feitura da tese, caso para isso tenha fundos, é o que de mais fundamental vou fazer nos tempos

Parusia

seguintes. Gostaria de ter feito trabalho de campo noutra país, longe, mas entreguei-me à escrita em casa e creio que produzi um bom par de obras que marcarão. Disso estou convencido. Tenho a consciência tranquila quanto ao trabalho feito. Quando chegar às 80 páginas, será o ponto de equilíbrio a partir do qual posso sonhar com a publicação. Poderei passar pela editora e deixar o original à minha editora. Teoricamente aconteceria assim se as nossas relações estivessem boas, mas estão num impasse, muito por minha culpa. Ou talvez não. Alguém tem culpa de não ter amigos? Sim, posso pôr a questão nesses termos. Alguém tem a culpa de ser pouco sociável? Sim, afinal de contas, não seria um verdadeiro antropólogo, pois não sou verdadeiramente sociável, se é esse o ponto da questão, não sei criar laços à minha volta. Talvez para ser filósofo seja necessário também criar laços. Tenho então de aprender isso tudo? Então não é o que tenho feito todo este tempo, como a minha aprendizagem social, mudando de grupo em grupo, de sociedade em sociedade? Puxa!...Lembro-me do meu amigo Orestes...como estará ele? Estendido, a fumar...a pintar, encostado à namorada, a dar-lhe dinheiro, a pedir cigarros, a apanhar pontas...okay, falta mais uma página e estou lá, ainda teria muito mais coisas para dizer, mas acho melhor dizer as últimas e descomprimir e deixar isto (o ecrã) e voltar para o caso de ter mais ideias. Tenho de ligar amanhã a Orestes. Está a fazer um retrato a lápis do meu rosto, vamos ver como fica.

São 2,31h. Nada a fazer. Ler um pouco antes de deitar o livro para o lado e deitar o corpo para o lado e para baixo e deixar-me adormecer na noite, para mais uma noite. Entretanto bebi um café e fumei uma cigarrilha. Últimos pensamentos do dia. Talvez o homem do autocarro. Um último pensamento para o homem do autocarro, ou para as miúdas que se colam a ele que nem moscas. Que inveja que eu tenho! E eu que faço tudo por tudo para que isso aconteça e que no fundo nada faço para que isso aconteça. Devia ter investido em coisas distintas, agora me lembro depois de ter todo este caminho feito. Mas não me arrependo. Não dou por mal empregue o meu tempo. Durmo descansado e tenho bons sonhos. Mas há uma certa mágoa que o pai de família não tem, não tenho as preocupações que o pai de família tem, pelo menos por enquanto, por isso sinto

Parusia

atravessar-me um sentimento de azar e injustiça, como se fosse um a pessoa incapaz para viver em sociedade, como se tivesse o corpo pequeno, diferente, como se não fosse capaz como os outros...o sentimento de impotência é confrangedor e esta impaciência corrói por dentro e pratico alguma disciplina aqui com estes exercícios da palavra, sempre sozinho, que afinal o amigo não telefonou e há semanas que não converso com ninguém. É atroz. Conversei com o meu psiquiatra, e afinal tenho de ir ver no email se ele já me respondeu, mas foi coisa breve e ele não tem o brilho de outros tempos. Mas ainda lhe confio as minhas esperanças, confio na sua capacidade. Sei que uma mudança de plano em todo este filme que é a minha vida poderá trazer novos argumentos, novas perspectivas, novos enlances, novas personagens e novos cenários à trama, novos desenvolvimentos em que serei eu protagonista. Porque afinal é o filme da minha vida. Eis-nos chegados às 50. [...] Mas a minha cabeça não descansava, lembrando-me dos momentos, dos dias em que em criança ficava pensando ternamente durante a noite de olhos abertos em enigmas sobre o que se passara durante o dia, acontecimentos na escola, na aldeia, no grupo recreativo onde se teceram as primeiras namoradas, enfim, eu não deixavam de pensar em dois enigmáticos mistérios, o primeiro, de Brando, um jovem da terra que se suicidara por enforcamento depois de uma ida à América para resolver problemas financeiros. Tinha estado com ele há algum tempo. Ele tomava psicotrópicos, tal como eu. Era forte como um touro. Dissera-me que quase estivera para matar um colombiano. Eu avisei-o para ter cuidado. E ele mata-se a ele próprio. Diabo, o que passou com o homem? As coisas que se passam na aldeia...e a Floripes ficou viúva, provavelmente, seguiu o curso da sua felicidade com outro, numa aventura a dois, também creio que era uma das que gostava de mim...

Depois, o estranho caso de Frei Carlos, de que tive conhecimento recentemente, que deixara nos Açores a namorada americana para ingressar na vida religiosa...tudo isto me intrigava. Iria atrás do rasto de interrogação e suspeita deixado por estes casos?

Mas que me importa tudo isto se afinal as pessoas em geral até me podem considerar autista?

Parusia

Lacrei a candidatura. O Orientador associou o seu nome à minha candidatura. Deixo este livro nas 50 páginas? Entretanto, estou desalentado. Não sei o que diga.

Quantos dias passaram. Na realidade, vivi mais do que um romance, uma recolha etnográfica, uma entrevista sociológica, um trabalho de campo. Acordei de manhã numa praça plena de energia mais do que atómica pois que essa energia derivava das próprias pessoas e energia mais poderosa não há. Àquela hora, hora em que terminava este romance, muitos casais copulavam em Lisboa e eu imaginava ouvi-los. Tinha inveja, mas talvez a minha missão fosse poupar-me para outras tarefas. Talvez lá longe, do outro lado do mundo, o meu povo precisasse de mim, de um modo de escrita. Enfim. Vi João Prestes fazer a barba e cortar o cabelo. Vi Angélico ser cremado. E, na televisão, o drama de Sónia Frazão. Os portugueses continuam com problemas e eu rezo, resta-me fazê-lo. Se resolver o problema de Portugal admitir que sou gay, faço-o pelo país. Mas será que descobro a verdade sobre mim mesmo? Não será sempre a verdade o que os outros pensam acerca de mim? Para além dos rótulos, sou eu mesmo, comigo mesmo. Enfim, João Prestes entrou em minha casa e converteu-se no vivente de minha própria vida e eu substituí-o na sua estelar divagação pela praça, sem dizer nada realmente a ninguém, envolto em cabelos e interjeições, em sujidade de uma civilização à procura dela própria, aceitando os renegados do império como filhos e cidadão da pátria enquanto partilhando dos meus ideias democráticos e civilizacionais que só o tempo, o pó do tempo, depois de retirado com cuidado com os dedos, traz ao limpo da memória. E só ele –ou ela, que o tempo pode também ser feminino...ou seria em todo o caso neutro ou ainda mais....enfim-poderá dizer se a história, onde quer que seja, continuará.

M(ODOS)

1. TARDE DEMAIS PARA GODARD

Método, crise, a terra seca que encontramos nos caminhos. Para além do mito do eterno retorno avançamos, ligando o além ao aquém. A partir de alguma coisa sentida nos interrogamos, sobre as matemáticas da vida, da vida, o que é a vida senão a negação da morte, como diria alguém, alguém, nunca Alguém. Precisaria de estar noutra lugar para ver melhor a vida que vivemos? Podem as palavras, serão as palavras, a anular a negatividade que se instala por vezes nas nossas mentes, a maior parte das vezes, então agora, quando apetecia zarpar, não é que nos falte entusiasmo, falta-nos uma fonte onde beber água para o caminho, estreito, como sempre, ínvia é a verdade, está certo, a verdade de cada um, a justiça de cada um, como diria Emerson. Zarpar somente para a América (não necessariamente a do norte) ou para trás, digamos assim, para a Europa, onde as coisas são mais amargas que doces. Para cima e em frente seria Londres. Mas não podemos, isto é um labirinto, como os de Kafka ou Dédalo, os deuses gregos estão esgotados, também os latinos, mas estes ainda sobrevivem em catacumbas, onde neocristãos condicionam o poder pagão, a vontade de poder que trará o homem-novo. Tarde demais também para a escrita insistente; quando não há orçamento para viagens, passamos às viagens do espírito. Entre correr e fugir atrás das palavras, empurrando as palavras, atentando ir além delas para a conservar, eis nosso intento. À falta de trabalho, surgem as palavras, dificilmente, através da noite que nos traz a luz amarela, como se estivéssemos em Budapeste. Não chegaremos tão longe, nem faremos dez quilómetros, mas, passo após passo evitaremos a loucura de Nietzsche, andaremos à boleia de vários filósofos franceses, atentaremos nas palavras apocalípticas de um Mário Cesariny, de um António Botto e, porque não dizê-lo, de muitos outros que nos precederam e que temos respirando conosco, na solidão da humanidade, no privilégio de um *status* que se faz de palavras, a partir de uma descrição e discrição que se estatela num bar, onde bebemos uma pequena bebida para passar a noite sem frio.

2. TARDE DEMAIS PARA DUCHAMP E DARFUR?

A partir dos filmes que sorvi poderia tornar-me actor ou argumentista, caso houvesse financiamento para tal, contudo a minha biografia atormenta-me na medida em que procuro ser coerente a algum tipo de passado que me possa representar em alguma instância, afinal de contas estou marcado pela identidade marcada pelo meu percurso devida, a devida biografia dos filósofos diletantes. Considero-me portanto, um libertino barroco, usando a expressão de Michel Onfray. Seis, sete livros, marcaram a minha adolescência, antes da aventura religiosa, muito antes da aventura académica. Agora, claramente, estou em terreno aberto, contudo as fronteiras são cada vez mais marcadas na minha mente, mas isso não me retira liberdade. Alheio à realidade social, não sei como ficcionar sem realizar por aí. Forço a escrita. Não há diálogo com academias, instituições, encontro-me num solo de fagote e harpa imaginária. Que aprendi eu? A adorar a deus, a pensar antropologicamente; não certamente a ficcionar. Portanto, não se trata este relato de ficção, parto para outra, amanhã certamente terei a obrigação de tirar o tabaco que sorvo para retirar do meu cerebelo palavras e mais palavras com que construo as minhas obras, até agora não bafejadas com contractos milionários, mas apenas custeadas com o meu dinheiro, enfim, metade meu. Quando partimos de Duchamp partimos de arte contemporânea, se não me engano, o que me faz lembrar uma obra polémica nova-iorquina, de um autor que não me lembro, *Piss Christ* e que se liga, num certo sentido, à faceta humana do Cristo de Saramago, um Cristo que é cada um de nós, nos momentos mais íntimos e nas manifestações mais sonoras, colectivas, efusivas e rocambolescas. Mas não desenvolvo aqui este assunto. Talvez nem sequer em mais nenhum lugar. Do particular para o geral, um caminho. Agora, no sentido inverso, falando de Darfur, que merecia tantos escritos e reflexões quanto o holocausto. Conversa fiada esta, tenho alguns problemas pessoais para resolver, como poderei pensar nos outros? Entretanto, W.V. Quine, a expressão “linguagem como sistema lógico.

3. O GULAG E ODESSA

Das cinzas nasceu Fénix, dizem os gregos. Calma é o que mais impera entre nós, neste país de brandos costumes, onde escassa é a filosofia e todo o saber. Política internacional. Economia política. Fusão. Ponto de fusão. Posões. Nada faz sentido numa só cabeça, talvez a literatura faça algum sentido e ainda salve o mundo. Não a minha, que não celebra a vida e à qual não vejo propósito. Nem sei se sou eu que escrevo. Tenho a leve sensação que há quem se preocupe e quem não se preocupe. Com quê? Tanta coisa e o futuro aproximando-se.

Não gosto de italianos. Talvez porque seja um. Um Canossiano.

LivreMente

Não havia já palavras, o vento ainda se ouvia pelas janelas abertas. Toda a teoria social e psicológica havia desaparecido. Por uns tempos, dizia-se. Analisávamos pequenos organismos e sua adaptação às exigências da sobrevivência. Na noite última ouvi um grito de alívio, os carris saíram dos eixos, a vontade pessoal, uma obra pessoal foi realizada, de algum modo. Sim, diluído este discurso. Ainda assim...existente, sobrevivente, até quando não se sabe, aqui, preenchendo a solidão, segregando as minhas energias, sobrevivendo de mim. Serei eu ainda capaz de alguma ternura? Seremos nós capazes ainda, para além das classes sociais e diferenças raciais?

Nada de novo há na precedência entre o pensamento e o acto, é um facto dado da existência, por assim dizer. Eleutério e Spartacus foram libertos à custa disso, dessa superação pela acção, pois que seu pensamento já lhes tolhia os membros e o cérebro. Enfim, alguma obra foi feita, pena que não vamos a tempo de desenvolvermos os seis sentidos. Estava pensando em fanaticamente correr, correr o sangue pelas veias de modo a irrigar melhor o cérebro, mas enfim, depois de ler lido um pouco de Virginia Wolf, aqui estou na minha condição, tentando fazer um pouco do sentido de que sou portador, de uma maneira ou de outra. Entretanto, ando também às voltas com o problema cérebro mente, ou seja, como poderá ser ele ser resolvido sem ter acesso à filosofia oriental, de um modo mais subtil e matemático, formulando uma equação que nos leve mais adiante, se desejar demais, habitando o meio termo de que fala Virginia Wolf. Mas fico por instantes tentado a ler de novo Zizek. Não trato aqui de uma novela ou um romance, nem há alguém para conquistar pelas palavras? O que me move então? Nada me comove? Os meus olhos encolhem no escuro e a alma fecha portas e descobre um mundo novo a erguer-se diante de mim, à minha volta, por todos os lugares, claro que isto é lírico, mas trata-se ainda assim de uma cosmovisão. Não o neguemos. Lila, se quisermos ter alguma coerência nas nossas obras, deixou de dar notícias. Não fantasiemos, sejamos sérios, poucos são os objectivos que se nos

Parusia

deparam, contudo como vivemos chulamente no mundo das ideias, tudo pode acontecer. Há mais do que uma palavra-chave para convocar a inspiração, falsas promessa que fazemos a nós próprios, apenas para nos encontrarmos, tantas voltas damos para apenas nos conhecermos, daí a inutilidade da escrita, daí, que como diz Barthes, a literatura não salve o mundo. Salva talvez muitas almas, dá-lhes ânimo para continuarem entendendo-se ontologicamente através dos dias, na corrente dos dias. Vamos então contar o que nos aconteceu nestes últimos anos? Sim, a este personagem só, errante no vento, levado por uma corrente de que não consegui ainda descortinar o conceito, será preciso ir para longe para ver distanciadamente? Mulheres, desejos, reprimidos uns, esvaziados outros, também provamos do fel de ter namorada à vista e as tacadinhas no escuro. Muito se passou. Mas ficcionemos um pouco. Talvez alguém tenha vivido a mesma vida que nós. E que seja de outra nacionalidade, lá onde, na Nova Zelândia. É possível. Altamente provável, até. E que fazer com isso. Acaso Nietzsche se preocupou em dar factos das suas biografias para construir a sua filosofia? E Heidegger? E quem disse que estou construindo filosofia? No entanto, isto é um ensaio. E um ensaio baseia-se em outros autores? Claro que não, pelo menos explicitamente. Não tememos em nossa escrita, já que passámos pelos crivos da psicanálise e da psiquiatria, nem tão pouco nos conforma a ideia de a nossa escrita venha a ser útil a alguém (que sempre o é, pelo menos à partida, e aí está a sede da inspiração). Escrevemos para ocupar o tempo, enquanto trabalho clandestino, entregues aos pensamentos, a partir das vozes que ouvimos e que a partir do Inferno nos mandam à fava ou nos incentivam a enterrarmo-nos a inda mais, o segredo não é a alma do negócio, então e agora, romance, novela ou ensaio? Não, não estou inventando um estilo novo, mas apenas misturando um pouco as coisas, bastante as coisas. Procuramos a maior parte das vezes um livro que nos satisfaça e melhor será se esse livro for aconselhado por um amigo, um bom amigo, pelo que a aventura de estar procurando as palavras certas para aqui é tarefa gigantesca a que não nos furtamos, contudo, em nome do leitor, que é o futuro. Perdido por cem, perdido por mil, pois anda Percival às voltas com sua Maria Josefa tentando reatar o casamento que os levou ao contrato social e por aí adiante, Rousseau e Proudhon e até Engels. Evitamos ainda assim, a religião,

Parusia

embora sintamos que ela está por detrás das letras que digitamos, com nossos dedos queimados de nicotina. Enfim, finalmente tempos dois objectivos alcançáveis daqui para a frente, pelo menos até Março, na agenda os revelamos, por isso o leitor, se quiser saber por onde se esvai nosso pena e sentimento, terá de dar um olhar à agenda. Talvez a nossa esperança seja em vão. Mas morreremos com ela, não temos consciência de se intelectuais de esquerda, muito menos de direita (estarei mentido?...É isso que sou para os outros?...Não era preciso tanto trabalho para aí chegar, aos olhos d@ leitor). Não somos únicos, nem na noite nem durante o dia, quero dizer, as réstias que nos escapam do inconsciente atravessam as paredes e os vizinhos pegam nelas, boa vizinhança esta, pode-se dizer, em que quem decide é o inconsciente, nem Jung saberia explicar melhor a conspiração do Bem que a partir daqui se forja. Daí que chegaram mais ideais, nomeadamente aquela de ficar sentado à espera que as coisas melhorassem. Na verdade, nenhum golpe de génio ou milagre aqui estava à espreita, apenas o ciclar da mente, que passa de pensamento em pensamento sem que nos apercebamos e nos trai, por vezes e nos leva ao Bem, outras. Esquecida a América (a América nunca se esquece...), viramos as nossas baterias para a Europa, para o centro da Europa, onde iremos talvez buscar certas palavras-chave para continuar esta obra, sem que nos entretenhamos a adiantar desde já o que é a preparação para ver à distância. A janela está avariada, estamos habituados a ser considerados culpados por muita coisa, mas enfim, há quem esteja pior mas isso não nos conforta nada, ironicamente o não. Odeio Neil Diamond. Vou mudar de estação ou colocar um dos meus Cd's. Dão sempre a mesma música... Fico-me com *Amore*, de Andrea Boccelli e Merleau-Ponty.

Caminhos que levam a parte nenhuma. No entanto, prosseguimos, pois é mister de nosso ofício, de nossa actividade, de nossa tarefa, descobrir o que parece estar à nossa frente mas que na realidade está à nossa volta, por baixo, por cima, de lado, de viés. Essa energia, à falta de melhor termo, está em nós e em cada um de nós, no sentido em que se percebe que uma agonia não faz parte das diletâncias que entrevemos e vivemos. Há uma perspectiva nossa em vista, tendo em consideração o dado, o adquirido, o inato, o transversal, que eleva os nossos personagens a um palco que é a rua, através das pessoas, num fato castanho, sapatos por engraxar, calças não bem passadas a ferro. Na rua Augusta, havia estátuas sem conta, hoje. Sim, Lisboa é sem dúvida onde começa a Europa, o resto é conversa, diria não tendo por facilidade revelar quaisquer rancor íntimo, nem sequer rever o bem com o mal ou o mal com o bem, na medida em que temos consciência das nossas limitações, desenvoltas as consciências, na medida em que um esgar de civilização nos olha por cima, como se de uma câmara de vigilância se se tratasse. Não é assim em todo lado, nem secretismo nem alarmismo, cada qual parece fazer tudo o que quer nesta quinta das virtudes, representada por uma porta que se deixa entreaberta para que a história continue para além daquela que deixamos no papel. O casal de idosos ontem tinha um guia de Málaga, cidade em que morreu hoje um português. Teria sido o velhote? Chiça!...Ainda queres ir para além da morte, ou da vida? Porque não te aquietas com o que pensas e não pensas, porque não te contentas pelo que afluí à tua consciência? Procuras muito, procuras ser amplo, mas isso é trabalho de equipa.

Sem mais condição ou razão, mas contudo com uma razão forte, resolvi espelhar tudo o que houvera passado nestes anos, porque o orçamento não me permitia viajar para ver a minha vida à distância. Não me importava que me chamassem picuinhas. Neste pequeno *notebook* cabe, aliás, todo o mundo online, por isso, devo regressar ao que há entre o passado remoto e *A Explicação do Regresso à Superfície*. Resumindo, antes de desenvolver, mulheres, sexo, tabaco e

Parusia

café. Tudo o que Bukowski e Henry Miller teriam escrito, se tempo tivessem. É certo que fui um *dandy*. E que agora procuro acertar, chega de dar vitórias ao adversário, quem quer que ele seja. Ali, debaixo da terra, tudo se passou, enfim, o meu ficheiro clínico não deve ser assim tão interessante, afinal dei tudo para observação, desde Congóis a Victor de Matos. Se sou um pecador? Claro que sim. Ainda me julgo cristão, o marxismo e o niilismo não provocaram erosão no âmago da minha personalidade. Tenho ainda os livros que recebia às 10 horas na volta do correio, de todas aquelas publicações que vinham de Braga. Ainda as tenho, cá e lá, em Riachos. Por isso fui para lá. Há um sentido, ainda que não claro ainda, mas sem dúvida insidioso, nos passos que dei até agora, saltando, de aventura em aventura, assumindo esse salto, ora duvidando, ora crendo, que a fé não é cega, mas a justiça sim. Também me lembro de assinar o jornal desportivo *Off-Side*, que vinha do Dafundo...e o Diário Popular que pedia ao meu tio Zé, enfim, está-me a dar para o sentimentalismo, não deveria ser escritor das coisas dos outros? Depois admiro-me de não vender e de não ser conhecido, enfim, estas coisas do sucesso virão com o tempo, diz a virgem...de qualquer modo, sempre quis comunicar com o mundo, desde pequenino, como os meus irmãos, mas sou o irmão do meio, não necessariamente um génio, mas aquele que **exprimido** dá bom sumo, se é que me faço entender. E porque é que Sartre se lembrou *d'As Mãos Sujas?*, digo eu, teria ele TOC? Xana Toc Toc. Um dia destes, vou escrever sobre o amor, que me tem passado ao lado. Por agora apenas sinto ressentimento. Zangado comigo mesmo.

Tínhamos lá escritas notas várias, a propósito de várias coisas, com *passwords* de acesso a diversos sites, códigos de contas bancárias, enfim, quase tudo. O caderno está desaparecido. O caderno preto. Disseminámos assim a nossa personalidade, *au-delà* das contemporizações que estávamos dispostos a fazer sentir aos outros. Mas das duas uma, ele pode ainda ser achado, há que estar alerta, que nunca se sabe o que pode acontecer a uma pessoa que de tão concentrada, tão distraída é. Fiquemos por ora aqui. Já estamos ali....

Eles andam aí...quem, os bufos? Não estamos a milhas do Antigo Regime? Os Indignados estão vivos. Viva os Indignados! Não duvidem da nossa luta, dizem através do trombone. Hoje falei com Alice Vieira. Simpática... podíamos ter conversado mais um bocadinho, pois ando com falta de inspiração. Mas não, fui até à Baixa e, sempre sozinho, andei de um lado para o outro e num lugar pedi emprego. Talvez tenha sorte, nem que dure apenas um mês. O amor tudo vence, todos os mitos e preconceitos. A história é meramente simbólica, então? Não, mas não é puro fatalismo, o amor pode vencer um destino trágico anunciado.

O carteiro ficou furioso. Primeiro facto. Porque encomendei 400 euros em livros da Caminho e afinal foi isso que Alice Vieira me queria dizer, digo eu, puxa o homem era capaz de me matar, não se brinca com mensageiros, voltou tudo para trás, mas enfim, li Joseph Gabel e chegou, foi mais ou menos nessa altura. Um pouco de humor não faz mal a ninguém. E eu não tenho ultimamente cultivado o meu lado irónico, passar de introvertido a extrovertido, enfim, não se pode deixar fugir a imaginação sem que os especialistas da mente analisem de uma maneira ou de outra, toma lá que é democrático, querias multidisciplinariedade e aí tens, agora escreve. Sofrer por antecipação? Nem por isso, contudo a bola rola, o campeonato já vai a mais de meio, nem jornalista nem teólogo sou. Outras pessoas que ficaram furiosas perto de mim...o pai, a mãe, outros que não ficaram furiosos porque tinham maus sentimentos para comigo, nas costas e que não tinham coragem de dizer, outros que ofendiam a torto e a direito não sabendo que na realidade os espanhóis são irmãos dos portugueses. Talvez mais do que os brasileiros. Mas, enfim, Ernst Gelner explicou este assunto melhor do que eu o poderia fazer. Todo este malabarismo para abanar as coisas sociais e tudo fica na mesma? Não e sim, apenas somos testemunhas de algo que está a acontecer, O Evento, atrevo-me a dizer, o equilíbrio mundial é qualquer coisa com que não se pode brincar. Ou pode, por vezes, não abusando. Tudo com alguma moderação. Hoje falei com um Senhor que trabalhou para os americanos e enfim, tudo pareceu bem enquanto o estava ouvindo, depois peguei no livro de Shirley McLaine e comecei a ler um pouco de francês. A explicação para qualquer coisa que está para além de mim está dentro de mim. Dentro de ti, de todos nós que temos um dentro e um fora, travessias por fazer, por cima de águas calmas que os ventos podem contraria. E foi assim que me lembrei das ondas.

Nos meus dias, tenho encontrado pessoas ausentes de si próprias, configurando isto um crime contra si próprias. O secularismo trouxe satisfação, Teillard de Chardin, Giordano Bruno e Copérnico tinham razão. O novo Papa será canadiano. Enfim, para ele escrevendo, com coerência com alguns bons momentos do passado, fazendo o possível para que se estendam no futuro que há-de vir. Visitei Policarpo e sonhava com Alexandra. Depois, durante meses, anos, continuei sonhando com Alexandra-Alpha, a personagem do livro de Cardoso Pires. Em vão. Não provei o seu suco vaginal. Talvez fosse antioxidante, mas não, a civilização que se aproxima trará novos profetas, homens batendo-se em armas, alguma ordem por instantes e a morte, a morte lenta ou rápida do personagem que depois de 28 de Fevereiro se entrega a clausura. Há muito tempo que não abraço alguém. Lembro-me do abraço forte de meu irmão no seu Juramento de Bandeira em Cascais. Lá estávamos e Timor também conosco. O sonho do Quinto Império, propalado por António Vieira, pode ser concretizável, não somente possível como altamente provável. Nestas escadas do saber, uns descem, outros sobem e chamam-me o “pichas”, gosto de pichas pois então, nada há que esconder, que deixo à consideração ou consignação este pensamento popular. Bang! O Evento deu-se o mundo está em *turmoil*, revoltado interiormente, enfim, no nosso recanto repousamos o corpo, depois de uma investida contra o vento e a chuva miudinha que se atravessava no nosso caminho. De Leiria, sem tirar nem pôr, com um pouco de Coimbra, vencer sem levar porrada nem dar. Aí está o artista em todo o seu esplendor. Será que lhe espera alguma mulher no final? Nunca saberemos, talvez no seu leito de morte lhe venha visitar Maria Margarida Cardoso, uma jovem que entrou no bus antes de mim e não parava de vociferar Não Pode Ser! No fundo, eu precisava apenas de uma queca para aclarar as ideias, mas não sabia como equacionar a questão, como dialogar, nesse dia telefonei a cinco, seis pessoas amigas e esgotei o saldo de 20 euros do telemóvel e cheguei a uma boa conclusão: continuar a tentar. Tentando...morrendo a tentar.

Tenho perdido a vontade de fumar. Está difícil ser pai quando se dorme sozinho. Afinal, orquestrámos tudo isto, o crime perfeito, segundo Baudrillard. Homem tolo. E os dias que se seguem, e o meu dormir, o dormir dos outros, apenas sorvo um chá e repouso na minha casa, nesta Lisboa que me nega uma mulher. É esse o meu fado, ser daqui e não ser. Ter mulher e não saber. Tudo é matéria de pensamento. Matemática ou biologia? Ecumenismo. A mente tem capacidades ilimitadas, o terceiro olho, e só agora compreendi isso. Foram precisos vários anos. Tomo duche. Estou pronto para mais um dia. Pensamento positivo, que o mal não dá tréguas. Perdoo-me a mim mesmo pelo que não fiz segundo a minha natureza, segundo os ditames que herdei de minha família. A liberdade com condicionamentos que a razão desconhece. Foi a esta conclusão que cheguei depois de uma jornada pela cidade, entre fados e destinos cruzados, em que o metal se aproxima para me tirar o sangue, exangue estou, procurando repousar, procurando compensar a perda de energias durante o luminoso entrecortado zebreado quotidiano. Antes de entrar na rede, começo a perceber a liberdade tem de se merecer, não nos é dada pelo facto de nascermos, expulso do ventre de nossa mãe. A fé readquirida nos outros é a fé requerida a nós mesmo, olhando para os passados para aprender a lidar e preparar um futuro radioso e mais positivo, através seja do esforço mental ou físico. *Mens sana in corpore sano.*

Afinal foram duas quedas, a força com que me sustinha era enorme e tive de a expulsar. No entanto, Justino e Vila-Flor continuavam sua demanda em procura de um lugar confortável, entre a filosofia e a antropologia, nos dias que funcionavam como ensaio. Chegara a um ponto em que nada lhes interessava. Esventraram seus peitos e alimentaram-se do seu coração para viver. Foi o que aconteceu depois de Florival fazer 43 anos, apenas sua família lhe desejou bom aniversário. Ironicamente, o caminho faz-se caminhando. Conhecera muitos motivos de vida, cumprira bastante, falada do alto de sua benevolência, aspirando a um estado de conformação com os elementos, mais do que com as pessoas, que o tinham enganado e a polícia, que o tinha em prisão domiciliária, por assim dizer. Por vinte francos, continuava acalentando a necessidade de encontrar em Lisboa uma mulher de acordo com o seu carácter, mas Lisboa era uma aldeia e nada passava em branco naquela cidade. Entretanto, lia um pouco de Bourdieu, era um ser livre e cansado, como afinal de contas a própria cidade em que habitava. Iria a Paris em Julho próximo? Não se sabe. Tudo dependia do pouco dinheiro que tinha. E dos amigos de circunstância que pudesse encontrar. Não sabia o que lhe esperava, se era amado ou não, pelo menos pouca gente lho havia manifestado fisicamente. Uma grande energia negativa pousava naquele dia de chuva miudinha sob a sua cabeça. Cumpria-se mais um fim-de-semana. E não havia como arranjar forma de fazer dinheiro para fazer face às despesas.

Vários dias passaram desde que chego aqui. Voluntariamente, não sei se me apaixona a prosa, que tipo de prosa, pois então fui à Casa dos Bicos e paguei 3 euros para conhecer obra já conhecida. Das minhas obras, pouco se sabe, só sei que me perdi na rede e que dei uma sacudidela na vida, não sou monge nem padre, como muitos me querem fazer prever e muitas vezes a boa vontade vem disfarçada de maus intentos. Não possuo bens, por mim falo porque amei e não me deixam amar mais, entretanto deveria trilhar um caminho mais harmonioso, pois preparo a “minha” casa para visitas, não sei de que pendor. É claro que

Parusia

gostaria que minha obra fosse conhecida, como a vida de Juvenal, dizem-ma para parar de escrever mas não comprem as obras que eu edito. Atravesso a cidade em paz, deambulando, não me interessa a elite intelectual lisboeta, pois todos mais ou menos têm seus tachos. Chega uma obra e olhamos para trás, para o bem e o mal que nos fizeram ou não fizeram. Juvenal lembra-se de tudo isto e projecta seus sonhos acordado. Como que puxo a morte que me cai em cima, puxo-a para cima como se o céu fosse cair, entretanto, obrigam-me a ser gay, obrigam-me a tudo em nome de nada e estou deslocado nesta cidade, não há amigos, há somente, o que não é pouco, uma luta por palavras e conceitos. Parece que a vida se torna cada vez mais complicada, especialmente para mim, que vivo sozinho entre livros e letras, entre a obscenidade dos outros que pesa sobre mim e me atormenta enganadoramente. Deveria escrever uma história, acabar este livro o mais rápido possível, pois pesa sobre esta casa alguma culpa católica, entretanto o meu amigo Juvenal, casara e tivera dois filhos, filhos da noite e da inocência, sabe-se lá porquê, a mim não me disseram nada, apenas que talvez tenha mais garganta do que acções, mas enfim, não se pode saber de tudo e vá-se lá saber porque uns são intelectuais e são pagos por isso e outros o são de gema e nada por isso recebem. Que mais dizer quando a noite cai e acordámos tarde de um pesadelo de anos, foram comprimidos de toda a forma e conteúdo, horas e horas de análise, para chegar à conclusão que apenas queria amar. Entretanto, a vida continua, os progressos rumo a uma vida social aceitável são esparsos, como cacos de um prédio arruinado. A cidade cai em si e prevê-se um terremoto daqui a uns tempos, encontrámos Sílvia numa destas noites e concentrámo-nos nos avisos que ela nos deixou no sentido de abandonar a cidade, que há-de cair um dia. Virá um homem para a arquitectar de novo. E de novo, passados umas décadas, cairá de novo. Enoja-me estar aqui sem amar, perdido entre conhecidos que nenhum bem me fizeram, só teorias, vivem de teorias as pessoas daqui, cuja inocência abomino porque é só fachada, no fundo são más e malignas como toda a gente de bom coração. Retomar estudos de filosofia? Não, foi isso que apontou Saramago, era isso que ele queria ser, filósofo, e disso disseram seus críticos, mas não o seguirei nesse caminho, já o abandonei de resto, perdido entre a multidão, na praça da Figueira, consumindo na Pastelaria Suíça, nos Restauradores, no

Parusia

Nicola, tudo em prole do Benfica e da riqueza desta nação, dando, mais do que recebendo, sempre dando, o obscuro habita a minha mente e por isso não posso ter mulher comigo, o perigo espreita tanto quanto somos inocentes ou agressivos, a mente tem de se recompor, reorganizar as ideias, sistematizar, como dizia um gay de circunstância que se lavava em merda de papagaio, lá para os lados de Coimbra. Afinal a arte do romance, diria Platã, um novo amigo que conheci hoje, não está em construir uma trama, clássica ou contemporânea, mas deixar a alma respirar, o espírito progredir, e pedir à escrita a ajuda que não recebemos nos tempos mortos da solidão. A felicidade não perdura nestes dias. Toda a gente procura sobreviver e só agora acordámos para isso. Platã tinha razão, não o da Caverna, mas o homem que vocifera nesta repetitiva índole como um relógio que nos tenta a fazer qualquer coisa, faz qualquer coisa, dizia aquela que forniquei após o dinamarquês. Aquele amigo me dizia que o melhor está em continuar a esperar alguma coisa da escrita, mais do que das imagens, sejam elas de que site forem, de que fotógrafo forem. Toda a gente quer afinal, e isso é próprio da natureza humana, como disse num meu ensaio, fazer com que mereça copular e reproduzir-se. É essa a lei de Deus. Não há mais nenhuma. O mundo é cruel e não nos leva muito para além dos 50 anos. Nada acontece. Para passar o tempo, mata-se o tempo com tabaco. Nada acontece. Não há pessoas interessantes, a cidade já deu o que tinha a dar. A cabeça pesa-nos, a música do acaso é música do acaso. A irmã faz tudo pelo bem, entretanto tudo começou em 1994, numa casa debaixo de um cemitério. A partir daí, o país cresceu dificilmente, sim, é uma história que conto, entretanto não sei o que se vai passar amanhã, não há como fazer as coisas fáceis, aqui luta-se pela vida, solidariedade aparte, por isso talvez o país não avance tanto quanto é preciso, a razão está evidentemente do lado dos fracos como diz Sloterdijk, não há tempo para filosofias, o tempo é curto, quanto mais não seja em televisão, o trabalho que dá só para ter uma companhia, uma companheira, enfim, nos EUA deve ser mais difícil, ou fácil, segundo o ponto de vista, também na Alemanha, na Inglaterra ou em França deve ser mais fácil ou difícil conforme os contextos e as ondas que percorrem a mente das pessoas. Sim, cortei as unhas, e então, é mais uma manifestação do psíquico e não se trata de

Parusia

algo simplesmente material? Entretanto, vejo *Germinal*, a adaptação do romance de Émile Zola.

Sabia que todos os grandes escritores se sacrificam pela humanidade, se humilham para a engrandecer, que aqueles que compactam com o sistema serão, tendo suas obras publicadas em vida, rejeitados por gerações posteriores? À procura então de legitimação, não sei bem categorizar-me agora, as categorias fazem jeito para nos proteger o Ego quando saímos à rua. O arremesso é uma noção de boa vontade contra os franceses, com quem estarei dentro de uns tempos, vivo ou morto. Claro que queria ser enterrado em Paris, em vez de Riachos e Lisboa, em vez de uma terra espanhola. O medo do futuro, a incerteza, gera inquietação e furor nas ruas, o país está mal, é observado, mas não está mal para muitos, grande parte daqueles que votaram na maioria que se está engrandecendo. Como conciliar isto com a eminente eleição de um novo Papa? Não sei, apenas me reservo o direito de desconfiar do que fazem contra mim, por aqui e longe, nos lugares que percorri em criança. Deixei de sonhar com mulheres, dado que as vi, como toda a gente, desejando e sendo violadas pela net, tudo isso me tolhe o pensamento, me torna agressivo e irritável. Eu sei que é falta de afecto. Mas acho que me estou danando para isso, pois compreendi há bastante tempo a verdadeira natureza das mulheres, poucas são as que acreditam no acaso e no transcendente ou nas próprias capacidades da mente e do desejo, do desejo de eterno retorno, se quiserem. Há dois anos, uma queca. Quem aguentaria tanto tempo? Só um monge. Nem um monge. O eterno retorno tudo explica. Foi para bem da fé católica que dei as voltas tortuosas e malcheirosas que dei? Não sei bem ao certo, certo é que há uma Bíblia na minha casa, à cabeceira, dois missais e outras obras sagradas. Isto parece estranho para quem lê Rousseau e vê *Germinal*. Para quem lê Bergson e se imersa nos autores franceses. Como Teillard de Chardin. Ou Fuerbach, em *A Essência do Cristianismo*. Afinal não vivemos em democracia, mas na anarquia que a democracia permite, a selvajaria, como numa luta de galos, etc, etc. *As Lágrimas de Eros*. Que terá escrito essa obra? Siga-me o leitor, como segui outros. No quarto C, tudo aconteceu, desejo, misticismo, razão, emoção, lágrimas e reconciliação. O filme rodou duas vezes,

Parusia

saí de casa mas não piquei o ponto, estou sentido um certo bem-estar e consciência de que tudo está mais ou menos encaminhado. Devia pedir desculpas à minha irmã. Afinal, sempre quis escrever, procurar explicações através das palavras para aquilo que um dia Camus chamou de o absurdo. Ele vive hoje em dia, mais patente e explícito que outrora, no entanto os tempos de ontem reflectem nos de hoje como a nossa imagem danificada ao espelho. Vejo rosto na tv, não deixo de assimilar informação e depois de uns dias de tormenta, volto aqui, ao lugar da escrita, a minha prezada actividade, no entanto não estou bem em sintonia com a elite literária, talvez esteja e nem saiba, talvez alguém nessa noite me ame ou pense em mim não apenas o mal que me habita a mente por vezes e que me constrange o corpo e o coração. Afinal, apenas procuro amar e ser amado, onde quer que esteja. Paris é uma fixação. Acontecerá, se tiver de acontecer. Leio um pouco, fumo um pouco, os dias passam e continuo acreditando no amor, entre fugas e estalidos de Carnaval. Afinal nasci perto do dia dos namorados e durante o carnaval. Não é assim tão mau. Pensar por imagens e afinal o obscuro não foi assimilado, eu apenas procurava qualquer coisa que me dissesse respeito. Estou nesta casa com a maldição de fazer um filme porno, para isso me trouxeram aqui, e até quanto minha alma resistirá? E será que estou sonhando? Constantemente, sou arrastado para o desejo, para cumprir meu desejo, apaixonadamente, amando qualquer mulher, qualquer homem, sem limites, apaixonadamente, desalmadamente, como se minha alma se libertará somente quando o corpo se cumprir, estendido no vão de uma escada, subindo os degraus da escada de emergência, até aqui, no lugar em que desejo. Enfim, quando desligar a tv acenderei a rádio ou porei um pouco de Mendelsohn (acho que escrevo bem) no reproduzidor de som Cd. Sorvo um pouco de café e descrevo o que se passa. Grande salto dei, do Seminário e do Convento até à antropologia e depois para a Filosofia. E estou vivo, ainda, desejando, ingenuamente romântico, mesmo que me achem um monstro não desistirei de procurar, não com força, mas com ternura, afinal os livros nasceram para alguma coisa. De só passei a sozinho. Dentro de dias regresso a Riachos. Só, entregue à minha escrita, não acreditando já que escrevo, dividido entre a pulsão de morte e a devida, pouco entretido, exigindo demais dos outros, nomeadamente da minha família,

Parusia

procurando num canto escuro alguma consolação, ignorando as vozes dos outros, e o que há para além das vozes e da psiquiatria forense? Eu próprio, no reencontro comigo mesmo através dos outros. Meu cabelo cresce e não sei bem que impressão coloco nas pessoas, talvez esteja demasiado preocupado com isso. Casamento...filhos, coisas que me parecem tão distantes quanto conseguir um carro, enfim, devia tratar de renovar a carta, pelo menos poderia acordar bem-disposto, alegre por estar vivo, embora só. E em toda esta história pessoal, escapam os personagens, as teorias, as mulheres nuas, escapa o desejo que se perde na noite, afinal há uma poesia em tudo isto. Amanhã não existe, o dia é já hoje e não tenho vontade de dormir, apenas de ver publicada alguma obra minha, talvez seja demasiado invejoso, talvez queira ter o mundo na minha cabeça quando o que teria será um mal de Montano que nunca mais tem fim. Roberto Bolaño e Henrique Vila-Matas. Parece bruxaria, dois anos sem sexo. Quem aguentaria? Só numa prisão, onde não quero entrar porque não li toda a obra de Goffman. Não, são 3 horas e não vou já dormir, vou ficar aqui destilando a minha pura bebida como se estivesse embriagado de palavras, sei que perdi qualidades, inclusive as literárias, se é que alguma vez as tive, mas isto talvez não seja literatura, talvez seja apenas eu pensando, para mal e para bem de mim próprio. Novela e relações humanas não é brinquedo. Ou talvez seja. Quão longe estou de mim próprio... tudo é fantástico quando se vê, mas quando fechamos os olhos ao mundo, este revela-se de novo nos sonhos, nas imagens e palavras dos sonhos, entre desejo e proibição, entre traumatismo e rebelião social, entre vida e morte, entre medo e exibicionismo. Enfim, nunca serei conhecido no meu tempo, sei disso muito bem. A morte persegue-me, de todos os lados, para que me perca, para que perca a alma de amor que tenho e me alimenta por dentro o coração. Fora de órbita, a órbita de todos os habitantes desta cidade, a órbita de alguém que gosta de mim sem saber como me dizer, onde irei encontrar se o céu se abate sobre a minha Lisboa? O que quero dizer é que de alguma forma a minha solidão está ligada a qualquer coisa, a qualquer pessoa que está certamente na minha cabeça, a algo de incompleto que procuro por aqui e que desconfio existir, por aqui. Tenho a obra de Blanchot para traduzir e não me consigo decidir, pôr mãos ao trabalho, porque afinal o dinheiro é pouco para me dedicar à literatura. Talvez

Parusia

na ciência tivesse tido êxito se não fosse com tanta sede ao pote. Não fiz literatura. Talvez esteja fazendo prosa filosófica ou etnoprosa. Afinal é isso que me cansa e me leva às 3 e meia da madrugada a estar aqui, a impressão de ter descoberto qualquer coisa de novo, de ter desvelado uma estirpe entre ciência social, literatura e filosofia. Lerei um pouco mais? Procurarei estar bem a todo o momento, na minha zona de conforto, como se diz hoje em dia? Ou trilharei novos territórios, arriscando-me a ser ferido? E ferirei alguém mais do que feri até agora? Não sei, mas quanto mais reprimo, mais o sentimento e o desejo me abate, não sei como agir, eu, que estudei o comportamento. Um céu aberto se ergue diante de mim no horizonte, onde se inscrevem a negro as palavras. E tudo é nada. Um eterno recomeço. Uma eterna aventura.

Toda a gente pensa nisso, há uma espécie de humanidade comum a todos nós, pensamos em sexo, reprodução, divindade e transcendente como procuramos zona de conforto para sobrevivência, após o relapso de várias humanidades perdidas, no seio de um vulcão que procura expelir toda a raiva, como diria Onfray, que tem dentro de si, toda a lava que se transforma em terra e depois dá azo a novas transformações e vidas, vegetais, minerais, animais, humanas. No entanto, preocupava-me ainda com Hugo, o tenente que se tinha engasgado no dia em que fizera anos, procurando uma forma nova de expressão, em vez de conceitos, imagens, que no fundo, no íntimo de nós, são também conceitos. Neste sentido, a moça que o acompanhava naquela noite de Inverno, após *Les Misérables*, contraíra segundas núpcias com o jovem e Juvenal fora convidado para padrinho, numa festa popular de arromba, em que cada um procurava, procurava boa disposição de espírito, um interruptor, às cegas, como no filme *Blindness*, baseado na obra de Saramago, sempre presente comigo no meu espírito tal como Fierbach. Terão de ser sujeitas a análise estas palavras, que correm ao sabor da pena, para que a biologia não perca a chance de se cumprir, entre metafísica e regulações mais ou menos positivas, a negro, no papel branco, que bem podia ser creme, assim crescemos um pouco e damos azo novamente a personagens, no regresso à Casa Velha, bom título para um romance, já me estou lembrando dos títulos, isto seria sempre a abrir se a moça falasse comigo e eu

Parusia

falasse com a moça, de forma a convidá-la para uma viagem a Paris, não sonho com outra coisa que não seja isso e nisso voltar a controlar as minhas emoções, de forma a não ser o marginal por quem me tomam. Mas falávamos acerca daqueles romancistas que são conhecidos no seu tempo e aqueles que não o são, que ficam habitando a marginalidade, esquecidos pelo pó do tempo, e que embora tenham trabalhado arduamente, virão um dia recompensados após tempos e tempos posteriores. Neste sentido, a nossa argumentação segue, não nos serviram vinho, mas café, falta talvez um pouco de água fresca para limpar a garganta das coisas que se entavam na nossa cabeça, neste sentido, cabeça que está programada para o sucesso ouvindo *Paralamas do Sucesso* e *Mamonas Assassinas*, não há volta a dar, esta é uma escrita quotidiana que olha para a eternidade. Embora regresse com tristeza aos dias rurais, regresso ao lugar de alguma escrita, de alguma polémica, de algum amor, diria que Calíope está mesmo diante de mim fumando um cigarro, pensando na sua vida numa cidade quase morta, como no velho oeste, onde rolam poeiras e areia pelo ar, dirigindo-se a cantos e retornos, eternos retornos. É essa a lei que governa o mundo, já dizia Nietzsche e Morin. Quem for além disso, estará por sua conta e risco. Entretanto, um novo personagem aparece em cena, homenagem seja feita a Pessoa e de seu nome Hestnes, procura um sentido num labirinto como o de Dédalo, só que não tem cera nem sequer nos ouvidos.

A carta seguia, no entanto, merda, que me alejei, disso um e depois disse outro, o argumento válido ontologicamente será manifestado em seu devido tempo, com halo vital, em vez do elã vital de Bergson. Sim, Pedro Abrunhosa aproveitou-se da ideia, português a espanhol não engana que nada há que enganar, nesta terra somos todos eremitas, Victor Eremita, o pseudônimo de Kierkegaard, só para mencionar um autor que ficou para a posteridade. Outros autores temos, uma extensa e volumosa bibliografia que poderia ajudar a suportar os nossos argumentos, mas preferimos andar com o vento, a ver se sai fumo da Casa Branca, ou na Casa Verde, ou até do Capitólio. Estamos já na Casa Velha, ensaiando um medo, uma coragem, uma desgraça e um prato partido, entretanto Sukur e Ignomínia Carinhosa foram abandonados pelo seu dono, vi um deles passado um dia, ainda na garagem, mas tinha de os deitar porta fora, tiveram sorte não irem pela conduta abaixo, ao menos tinham alimento para três quinze dias. A carta aos 14 anos; aos 18, o primeiro cigarro e a violência sexual que passa na TVI, a tv da Igreja, dir-se-ia. Aspectos de teoria social ou da natureza humana, se quiseres. Entretanto, Juvenal teve um filho e para madrinha convidou Maria Emília, a prima que estava há já mais de 35 anos em Valence, mais propriamente La Roche-Sur-Grâne. Sabemos que nos falta qualquer coisa de África, talvez a Tunísia, para completar o nosso relato de uma viagem curta de finalistas, enfim, é isto que pensamos, é isto que pedimos, é filosoficamente em nome da palavra escrita que mais tarde se transformará em dita e vociferada no desespero, é em nome dessa palavra que escrevemos. Uma pontinha de ironia, a música do acaso, tal como a XFM, ou a Rádio Nostalgia, aguardamos pelo comboio que nos levará a casa, que trará a casa até nós, nós que derretemos dinheiro para publicar nossa obra. Não estamos em disposição de nos fixarmos numa qualquer rotina, cada vez mais nos custa acordar, para ver se ao final de tantos anos a carta chega às nossas mãos ou pelo menos que tenhamos uma pista do que dela aconteceu e o que evidentemente estava nela escrito.

Ou será a raiva, após o bocejo? Muito caminho está por percorrer nesta floresta, procurando uma clareira onde com os meus e aqueles que poderão ser meus, possam comigo assentar arraiais, perseguindo um objectivo que me mova mais para a frente, em qualquer direcção positiva, *au-delà* das vozes inconvenientes ou obscenas, uma semana passada em Riachos, não tenho tido senão a companhia dos meus problemas mentais que provavelmente serão os de muitos portugueses. Procuo nos meus dias e nas minhas noite, conciliar a literatura com a ciência que deixei para trás, entretanto, não vivo o mundo, fui subsumido do mundo, vivo uma vida clandestina, entre Riachos e Lisboa, na qual o meu comportamento simplesmente não existe, condiciono-me à minha condição de escrever, no sentido em que estou pobre e algo me puxa para a mediocridade, como se não tivesse de provar nada, como se fosse obrigado a ser medíocre para bem dos outros, estou vendo o quadro todo, não sou apenas a legenda, sou a história da minha própria estória. A ficção supera a realidade. Leio *Tecnognose*, de Erik Davis, e entretanto a vida continua apesar do sofrimento que me infligem com seu destilado ódio. Do ócio, do bocejo, à raiva. Então, prossigo o meu caminho através destas teclas pretas, não é muito diáfano o meu linguajar, o meu pensamento, nem recomendaria uma obra de filosofia a um calceteiro de Miranda, antes diria que Euclides continuava a sua obra na sua alquímica oficina, esse homem que suportava o mundo. Sua mulher, Jocasta, havia preparado o jantar e Euclides, depois de ter estado bastante mal disposto durante dias, talvez fosse a menopausa, a menopausa dos homens, a andropausa. Projectemo-nos para personagens, reflexões antro-po-lógicas, esta escravidão liberta da escrita apega-nos a nós próprio, apega o nosso Ser ao Ser que não somos. Ou que somos. Daqui a horas estarei ainda atento, acordado, são 1.23h da manhã e oiço da rádio músicas que me dizem muito, das mulheres que amei e da vida heterossexual que escolhi, por enquanto, porque tenho MEDO da homossexualidade. No café havia somente homens, as crianças que por lá mostraram o rabo em frente à televisão não me preocupavam, preocupava-me3 mais o meu futuro, enfim escrevo um

Parusia

pouco como Saramago e Antunes, o senhor a quem pertenceu a casa onde vivo e que um dia há-de ser minha, pois preocupava-me o meu futuro e se encontraria, nesta geografia curta, intermitente, limitada, em que me movia, o encontro comigo próprio através do encontro com alguém. Talvez tivesse perdido a tendência para amar de tanta foda heterossexual que vejo na net, por isso me pesavam as notas, as palavras, as moedas, as letras, como diagramas inscritos na mente e para onde vai o homem mais daqui a pouco, para Lisboa, em busca de alguma inspiração pois se julga escritor. É claro que tenho receio de ser visto a ver. Tenho esta dependência da pornografia há bastante tempo, desde os tempos de universidade, antes, muito antes até. Sempre vivi fascinado pelas mulheres, tenho MEDO do podere que elas têm sobre mim, porque não me consigo impor como homem, embora o seja bem lá no fundo, julga-se. Daqui a pouco, assim tão pouco também não, transformar-me-ei num zombie que esperava percorrer o mundo todo e que não somente não o fez por falta de dinheiro como não o fez por falta de coragem e preparação. Contudo, até aqui cheguei, ao ponto de elevar o nível (tirando a “pornoachada”) da minha estirpe. Era isso que me preocupava e animava a luta contra meu pai. Agora estou liberto de tudo isso. Estarei mesmo? Toda a gente está na minha cabeça, roubam-me pensamentos e eu roubo aos outros e que história ou estória devo agora contar? O meu sexo dói-me. Em dois anos apenas tive relações uma vez. É desumano o que faço comigo próprio, com a minha falta de competências sociais. Nada de aleatório ou divino há nisto. Apenas um homem que quer prazer e nega ao mesmo tempo o prazer. Ficarei conhecido por isso? Talvez, e sinto que por mais que me esforço. A minha literatura e ciência não são suficientes para um prémio que dê alento a este jovem escritor, pelo menos é esse o auto-retrato que faço de mim mesmo, pois é homem que explica, talvez seja então também homem de ciência, LÁ NO FUNDO, em Riachos, envolto num labirinto donde não consegue sair e que a **res extensa** é a sua mente, não há aqui divisão entre a mente, a **Res Cogitans** e a **res extensa**, o mundo está na minha cabeça, que se preocupa com tudo o que absorve. E absorve. Procuro, assim, um pouco de transcendente numa clarabóia da floresta, como dizia Manuel Bernardes, n’os *Caminhos da Floresta*, e esses caminhos são de engano, de puro engano, o caminho faz-se caminhando, diz-se, para que estou

Parusia

parado há demasiado tempo... Tempo. O Tempo. É nele que habito e será ele a minha libertação. Algum livro que poderá ajudar-me será *Mente, Cerebro y Antropologia en Kant*, de Pedro Jesús Terruel. Já consegui, julgo, ligar a antropologia à filosofia. Até criei uma associação, de entre os vários blogues que mantenho. Entretanto, vou navegar um pouco na logosfera.

Volto aqui a este lugar devido a uma razão obscuro, mas que julgo tem a ver com o amor. Escrevi o que escrevi até agora com ajuda a minha irmã. Acho que ela daria uma boa Presidenta da Câmara de Pombais, enfim, estou sendo mais ou menos directo, há que ter cautela, não me armar em actor, tudo afinal é necessário na vida e tem um propósito transcendente e as respostas estão não só dentro de nós mas também no interior de cada um com quem convivemos, aquilo a que chamamos o “fora de nós”. Catano, que anjinho sou, só agora descobri que a saída para a crise, a minha crise existencial, era o desporto, ser treinador ou de futebol ou de andebol. Portanto, tenho agora uma oportunidade na mão, só tenho de escolher a modalidade, talvez o andebol, porque o futebol, como a política só dá dores de cabeça. Regresso a casa depois de um fim-de-semana algo atribulado no meu interior. Mas o leitor não quer saber disso, quer uma história, ou uma estória, pois deixemos para trás os antigos personagens e voltemos agora a outros que se afiguram no horizonte, como as estátuas do Padrão dos Descobrimentos. Com o tempo, aprendemos a ser escritor, a deixar de lado num certo pretensiosismo e arrogância e enfim dominamos o nosso comportamento de acordo com aquilo que somos. Treinador de andebol!... Parece que estou apaixonado por um casal que segredava palavras de amor num vão de escada, e havia excrementos que povoavam o espaço onde jogávamos futebol, eram uma tarefa árdua evitá-lo até que viesse a neve e os congelasse. A nova leva começa com um conjunto de personagens, não uma orgia, não vamos tão longe, mas um *swing*, o que me parece algo muito apropriado para época de procriação em que vivemos. Sei que vou penar mais uma semana, mas voltarei para passar o fim-de-semana em Lisboa, para apanhar mais umas ideias, ir ao café, ler o jornal, exercer cidadania, por assim dizer, se tu queres, qualquer coisa para “surrealizar por aí”. Ao fim e ao cabo, esta cruz que carrego há-de ser o meu meio de salvação anedótica, mesmo que dê violência e que me quebrem os dentes, ainda poderei sair à rua, como um homem comum, o homem normal, qualquer coisa de habitual para quem não tem compromissos e ainda assim anda obcecado com os

Parusia

seus problemas. Enfim, arranjei um 31 com a comunidade antropológica e filosófica imerso num mundo de desejos que não são meus, apenas porque sou um voyeur. Que mal tem isso? O Big Brother está aí, muitas coisas boas poderão acontecer, o mal está no pessimismo que me persegue e esse pessimismo, mesmo assim, tem um sentido único: a vitória, a superação física e psíquica, em direcção ao transcendental. E em que consiste o transcendente? Não somente, digo eu, carregado de razão, na pureza do diáfano espírito mas na mistura e convivência do sagrado com o pagão. É como a poção mágica de Astérix e Obélix, ah! Mas este era já forte a parece que agora está em terras mais frias do que a França, precisamente por motivos de gestão de carreira, ou uma coisa que lhe deu, isto dos artistas têm uma intuição formidável, já dizia Sampaio Bruno. Aquilo a que chamei aldeia maldita estava apenas dentro da minha cabeça, muitas coisas mais (uff!...) estarão e só só isso, apenas isso que pretendo dizer ao leitor, nem sequer algum dia tive a pretensão de ter um imaginário literário capaz de superar autores franceses ou alemães e americanos e ingleses. Contudo, no contexto em que estou, regresso para mais uma semana penosa, tudo pela minha família e por alguma forma ou reforma de justiça. Falta uma pitadinha de humor nisto tido. Olhe, lê *O Riso*, de Bergson, que nada diz como soltar uma gargalhada e mesmo assim é um livro lógico-filocómico.

Vencido que está o complexo de Édipo, avancemos para outras coisas bem mais importantes, como o Pertencer, O Parecer, muito para além do Estar-aí. Finalmente chegamos a casa, a um lugar na nossa alma, talvez merecêssemos mais do que pensamos que temos, talvez tenhamos mais do que merecemos. Um lugar frio e de uma nostalgia e ressentimento infinitos, onde não há classificações e logótipos, ouve se ouve a voz da natureza e esta se mistura com a de gente que sofre, porque está longe quem fez mal. As vozes vão mal de saúde, felizmente para mim. Entretanto, projecto o meu Ego, para usar o jargão psicanalítico (que aliás sempre achei ser pescada de rabo na boca), para cima, para o alto, e embora o corpo seja ínfimo, o espírito atreve-se a entrever qualquer coisa de positivo, como dizia um amigo meu brasileiro, quando o universo conspira a teu favor, o amor acontece. E é lindo. Afinal, vivemos no país mais bem disposto da Europa, houve um primeiro-ministro que se aproveitou da ocasião, até fez bem, e disse que estava sendo perseguido. Pois na quinta de que voz falo, quem mata, morre. E não leva muito tempo, é quase instantâneo.

Pensar em nada. Pensar num ponto inferior, projectá-lo para longe, quanto mais interiorizas, mais harmonizas, mas entregas teu corpo ao sacrifício, embora para a loucura da normalidade, todos estamos para o mesmo. Sentenças, vivo de sentenças que endireitam meu comportamento e obrigam meu corpo a cumprir o que digo anteriormente e o que vou dizer, posteriormente. Zangas, sangue, crimes, violência doméstica. Coisas que acontecem. Ser Heidegger vivesse neste século não escreveria o Ser e o Nada, escreveria Nada, perante o olhar do que acontece: ódio, inveja, facas e armas milimetricamente encaixadas nalgum osso de alguém. Conforme previsto, avisou-me Artides. Nem sempre se pode ser pacífico. Se não acabarmos com a guerra, a guerra acabará connosco. Elementar, meu caro Watson, diria Sherlock. A coragem de existir é, portanto, algo de intrínseco à natureza humana, nem João nem José Gil diria melhor, afinal tanto palavreado mas reconhecerem a derrota, comprazimento e autocomiseração nas suas palavras, como quem vai ao estrangeiro e volta para enganar o Zé-Povinho. Vá passear.

Existir. Primeira condição do Homem. Depois, Declaração Universal dos Direitos, muita coisa para dizer, muita coisa para fazer, isto a idade faz-nos audazes e os perigos ameaçam o nosso comportamento, mas os estudos judiciais têm a ajuda de psicólogos que impedem que o crime se cometa. Pois, foi um cometa. No cu é que foi, tá bem tá, entretido para aqui estou, gastando o meu tempo em pensamentos, enquanto outros estão fazendo outras coisas. Para que se quer amigos quando se tem o pensamento ocupado? Os amigos podem ser, a longo termo, os nossos piores inimigos, bem como a família, especialmente se somos o irmão do meio, aquele que devia ter sido menina, mas enfim, atentemos na jogada de Juvenal, um jovem legionário que me saiu melhor do que a encomenda. Ele regateia, ele ri em segredo como um macaco, mora para os lados de Coimbra, que há ratos de biblioteca por lá, como os há em Lisboa, muito bem-disposta tem sido nossa conversa e entretanto estou saindo da escola e regresso a mim mesmo, às minhas inquietações, obedecendo ao eterno retorno. Depois disso, mesmo depois das vozes, mesmo que se calam depois que lhe chamemos nomes, o país está uma doçura, morre-se suavemente, noutros países morre-se. Têm razão, nunca serei tão louco como Sartre nem Van Gogh. Porque os compreendo. Mesmo o Nietzsche ou Bento XVI. Também os compreendo. E nesse instante, uma jovem irrompe pela porta onde na caverna estava o velho filósofo que ao se virar e contemplar a beleza da jovem, que não tinha nacionalidade, decerto apátrida era, converte-se o velho filósofo em jovem quando a donzela tem a coragem de dar um beijo naquela boca com sabor a alho francês.

Sim, o *delirium tremens* há-de chegar se não souberes completar a leitura que te ocupa, embora não tenhas cometido nenhum crime, acusar-te-ão de tortura psicológica, como aquela que te infligiram em novo. É a ordem natural das coisas. Nem sequer é inimputável. A isso chamo LivreMente. E brindo a isso, de maneira que uma felicidade maior do que possuir uma mulher me invade e condescendo com a continuidade (diria melhor, continuação, das coisas. Após o crime irão procurar o culpado, aquele que matou em legítima defesa, foi objecto de perseguição, apenas porque decidiu, um dia, ao contrário de Lobo Antunes no melhor e mais positivo sentido, permitir que o analisassem. E muito se escreveu a partir desse passo. O homem que não podia matar, foi morto e morreu quem o matou. Em pouco tempo.

Tinha prometido que tirava férias dias, mas acontece que me reformei e este é único trabalho, ou vício, que me resta. Digamos que homem de poucas palavras. Alguns determinantes actos, como aqueles que mencionei ao falar do personagem Euclides, outrora. Nesta escola não andei sozinho. Quando nos julgamos sozinhos e estamos de facto sozinhos, talvez a humanidade esteja connosco. Beleza interior, diz-se. O que sobrou do rosto de E.M. Melo e Castro? Era feliz e não sabia. No entanto, continuava a ser perseguido, falo de Percival, o homem da montanha dos Urais do de Timor, em busca de uma estratégia para fazer sobreviver o seu povo para além da guerra instalada. Era Percival homem de honra e no mato ninguém o batia. Quando as coisas amainaram no vale, desceu das montanhas e gritou, “Povo de Timor, não mais somos timoratos, somos ganhadores, e o espelho da civilização (estava para dizer espalho....como é traiçoeira a nossa linguagem...) somos agora Nós, e somos, seremos Nós e levar o archote para o povo que a Nós se aliar”. Nisto, a terra tremeu, é verdade que vários edifícios caíram, muitos só souberam pela Net ou pelo jornal que recebiam em PDF ou em papel à porta de casa, como a maior parte dos embaixadores. A coisa tremeu. Afinal a coisa de que fala Heigedder é a TERRA. É o nosso planeta. E fiquei quietinho e ansioso durante horas por calças as pantufas. Entretanto, continuemos nosso relato, acompanhados de uma cerveja sem álcool e café. É claro que pensamos em mulheres e que também temos comichão no rabo. Mas não andamos apaixonados por ninguém de carne e isso, isso que me tem entretido, fazia-me feliz, esse amor sentido à distância esse amor impossível como o de Kierkegaard, mesmo não sendo bom aluno de filosofia, cá me contento com a antropologia e etnoficção. Sim, abandonei a prosa filosófica. Não tinha situação económica para tal, mas tinha sim uma nova condição para continuar a contar histórias ou estórias, é uma forma de expressão, vai daí, Hermengarda contemplou Eurico e este desfaleceu nos seus braços. “Não sou ninguém”!-dizia no final o fantasma. Seria o fantasma da ópera? Deveria ter dito “Sou Ninguém? (pensaria Wittgenstein) Puxa, vamos já todos fugir daqui para o estrangeiro que

Parusia

aqui a coisa vai defendo e isso é sinal de riqueza. Por acaso hoje, enquanto ia sentadinho no lugar mais habitual do bus, depois de descer o elevador com o vizinho do fundo, continuei a olhar para quem entrava, fingindo-me interessante, ou interessado. Claro que há mulheres bonitas por cá! Tomara ter eu uma mais novinha do que eu para me ensinar umas *cositas* à espanhola. Não devias escrever isso, pá, o que vês acontece, o que escreves acontece. Porque é que não acreditas, pá? Não é a Igreja que está em causa, és tu, tolão, tens cá um tola a tiracolo que eu vou-te contar, puxa diacho! Enfim, parece que os meus fantasmas estão voltando, são os filósofos mortos. É claro que já roubei livros...mas bem vistas as coisas, comprometi-me a devolver aos leitores de que privei de livros o equivalente em letras, palavras, livros, de “minha” autoria, se me entendem.

Puxando a escrita para a frente, empurrando e atravessando as palavras que temos no sobrolho, não sei quando terei sorte, o que é certo é que não comi ninguém em dois anos (bem, senão uma vez). É cristo-lógico, isto? Oh! Miséria, diz a minha mãe e com razão, quando é que entro nos carris, estou nos carris e não estou ao mesmo tempo, é para cá e para lá, nada de função, enfim, procuro não pensar nisso que toda a gente pensa, seja Deus, seja o amor, seja o dinheiro, um tecto, enfim, coisas que são necessárias a nós, quotidianamente, no nosso dia a dia, para nos tornarmos pessoas, no mínimo, aceitáveis. Por isso é que os meus romances não vendem, sou complicado e afinal talvez tenha um problema com a hilaridade da questão. Qual é a tua, ó meu? Estás aqui levas uma lufava de ar fresco para respirar essa tua mente pérfida e desejosa. Desejas mas não tens coragem para a bordagem. Fugiste e agora queres recuperar o tempo perdido? Lê Proust. Bem, chega de ser duro comigo próprio. Para isso bastam os outros. E esta agora? A minha família quer que eu ganhe o prémio Nobel? Não chego tão cedo. São 19.33, os números fazem-me confusão, alerto os meus sentidos para o Mal que recomeça, aí vem bomba de elástico, enfim, este computador, o segundo da colheita (enfim, já tive uns sete e dei cado deles todos...), porque o primeiro foi parar às urtigas, corrige a minha escrita e pede sei lá com que voz para que digite na escrita de antes do acordo ortográfico. Um pouco de música e tudo se acalma. Que a alma não é pequena.

Há uma voz ao longe. Só pode ser a natureza. *Natur. Nature.* Entrei nos Nocturnos de Maria João Pires, da Deutsche-Grammophone, naturalmente, sem inírias circunstâncias, só, entregue aos seus dedos que por mim tocavam no teclado, procurando uma antiga forma de pensar, de outrora, de antes, como se tentasse *L'Impossible* de Georges Bataille. É um pouco chata a literatura. Mas é também uma forma de vida. Sobretudo em tempo de crise. Ainda em tempo de crise? Não, eu cá por mim, depois de ter visto a cerimónia dos Óscares, dei por finda a crise, não, não se trata de uma continuação de *Terra Seca* (Dryland, se quiseres), também eu alimento ressentimento para com os outros pois afinal falta um pouco de reconhecimento, talvez não tenha sido convenientemente empenhado nem ortodoxo, talvez tivesse abusado da sorte, pois foi, é esse o meu único problema. Abusei da sorte. Mas ainda aqui estou, agora buscando um novo argumento. Nunca mais irei escrever para cinema, faço o que faço por necessidade, para me sentir são e realizado, para comunicar, ainda que indirectamente com o mundo, o maravilhoso mundo das pessoas, das gentes e das coisas manifestadas por elas. Abandonei há muito o amor pela humanidade. É mentira. Não, não creio que tenha deixado de ser um pobre franciscano, um Doutor de Letras, como António de Lisboa, que percorria as escadas da Sé fugindo às tentações. Eu não fugi tanto, tenho sido vadio, não o escondo, acho que tenho demasiado presente o espírito rebelde de Coimbra ou de um estudante espanhol ou francês de 68. Não, não digo tanto como um iluminista, pois não me julgo iluminado. Estou escrevendo memórias? Isso significa que em breve irei partir. Sim, um destes dias, mas não apressemos as coisas. Saboreemos os pequenos vícios que a vida nos oferece. Um bom vinho, a companhia de uma senhora. Como Amélia. “Tolo! Ela não pensa em ti! Não existe essa elite lisboeta que pretendes afrontar. Existem pessoas, aprende a distinguir. Distinguir, distinguir!” Mas ainda acho que este tipo de letra é muito pequeno. Devia subir

Parusia

para 14. E manter o *Times New Roman*. O que está acontecendo comigo podia ser longe, bem longe dos pais e do país, mas é aqui, talvez tenha sido esse o meu fado. Nada de muito mais significativo a apresentar. É a Vida que se me apresenta- Há que vivê-la!...Foi este o caminho que escolhi, foi este o caminho que aptei por fazer, por trilhar, e vou persegui-lo até ao fim, até desaparecer, como no livro de Calvino, na escuridão da noite. Ao som dos *Noctunes*, de Maria João Pires. Como Hector Berlioz, numa carruagem em fuga de qualquer coisa, de qualquer ameaça parecida com o fim do mundo, para me encontrar com Liszt sentado ao piano. Ou será Chopin? Depois, o tumulto na mente, o mal-estar, o reencontro comigo mesmo, com a fragilidade humana que há em mim, nada de coragem, nada de ousadia, porque afinal sou como todos os outros, quero fazer as coisas legalmente e acabo fazendo merda. Desisto, não desafio mais a realidade, é demasiado peso para um homem só. Não sei o que aconteceu a Cristo, não me atrevo a ler a Bíblia, porque sei que estou manchado por dentro e que isso me destruirá. Se não explodir, implodirei, silenciosamente, tal como silenciosamente a vida corre, com poucas viagens para um ex-professor de Geografia. Sim, ao fim de tanto tempo, falo ainda de mim, continuarei a falar até que morra, pois neste registo me sinto bem, talvez presentindo alguma coisa (importante ou não) que esteja para acontecer. É a mudança. É inevitavelmente. Talvez tenha perdido a batalha comigo mesmo, talvez desejasse duas coisas importantes ao mesmo tempo e por isso atribua defeitos aos outros que em mim são evidentes: o amor carnal e o celibato dos sacerdotes católicos. Agora entendo o celibato. Fugi à vocação de ser padre porque queria ser um artista aventureiro, um chico-esperto e acabei por me tornando tudo isso, um pouco de tudo isso, embora sem vestes próprias para transmitir espírito positivo aos outros. Estou no meu da anarquia porque o meu pensamento é anárquico. A democracia afinal talvez seja apenas uma miragem. Ou um fiel na balança. Talvez, para além desta sala a que chamo *Oficina do Saber* haja um mundo, com tudo o que isso implica. Um mundo lá fora, daqui a nada. Talvez esteja demasiado atento comigo, com o pouco de humanidade que me resta e que queimo em plana noite. Nada mais a dizer. De repente, ao sabor dos dias, evitámos tragédias, vivos corpos misturados (Michel Serres) e ousamos ir um pouco à frente nestas nossas investigações

Parusia

literárias, no sentido em que o método antigo foi substituído pelo método novo de escrever livros, que alguém como o leitor há-de ler um dia, entretanto, percorremos meia Lisboa, tomámos café em vários sítios, uma água com gás na Brasileira e sentimo-nos lisboetas de gema e temos consciência de que a vida está organizada de modo a poder render a nossa escrita, mesmo que regressemos sempre a Riachos, superado o complexo de Édipo e outras correrias e tropelias do espírito.

Januário e Justino resolveram sair naquela noite, levando as mãos à cabeça quando as jovens atraentes por eles passavam, nada de poesia, tudo desejo, que também é poesia e saíram, entraram então, na noite, na ronda da noite. Mas ambos se alimentavam no seu Ego algo de qualquer coisa de transcendental e tímido, pelo que tinham dificuldade em travar diálogo com as mulheres, mesmo aquelas que mais lhes atraíam. É claro que havia mulheres bonitas naquela Lisboa do Velho do Restelo, a Lisboa tolerante, mais do que Amsterdão, onde Rentes de Carvalho pontuava seus escritos rasgados, de sua frente longa e óculos graduados. Estes dois jovens tinham acabado os estudos e procuravam emprego, mas como a situação de emprego jovem naqueles tempos era de 27,6%, como haveriam de ocupar o tempo. Trabalho e miúdas, os estudos haviam ficado para trás e o presente pousava-se sob a testa de Justino, que comprou um ramo de flores para ter em casa, esperando uma visita. Enfim, o corpo está cansado, não há nada de diáfano por hoje para contar, apenas reviver os passos que nos levaram no 708 para o Martim Moniz e depois para o Cais do Sodré, onde oferecemos batatas fritas a um mendigo, com sabor a presunto. Queria não mais dormir a vida que tenho, assim como queria não mais acordar de um sonho onde as imagens-conceito se alargam em situações oníricas. Tomo o último café do dia. Fumo o último cigarro do dia. A cidade parece ter ganhado vida, parece que a crise que mais ou menos a todos assola, está-se dissipando, afinal de contas é para mim a primeira vez que não enterro a cabeça na areia e continuo trabalhando, noite adentro, mar adentro, confusão pelos dias e as vozes, percorrido meu corpo por frêmitos de dor e prazer. Sinto-me tentado a passara limpo um conjunto de textos em dois grossos volumes e três ou quatro cadernos de notas, a fim de ganhar alguma coerência e sistematicidade no que vou dizendo, mas já não o é para esta obra, pois deixemos Justino e Januário descansar com suas esposas que se faz tarde e em casas separadas fazer amor mais uma vez, cada vez

Parusia

é a última vez. Tanta coisa tenho para dizer, depois de dias de alguma penumbra e psicoti-cidade. Mas deixo para os sonhos fazerem alguma coisa de mim, por mim.

Levei uma pancada na cabeça, ando às voltas com uma forma de encontrar maneira de fazer um pouco de dinheiro, mas volto a esta página em branco que me desafia, o fim-de-semana está acabando, Sara Moreira venceu nos Europeus os 3000 metros e meu irmão deve estar trinando. Estou meio resoluto a passar a minha obra escrita à mão para o PC. Este será o meu trabalho, já é tarde para começar a ganhar dinheiro. Estou tonto, ainda da pancada. Só, evitando enlouquecer, evitando empobrecer de espírito, já não consigo ganhar dinheiro, viverei assim os dias, dependente de minha irmã, pois que me chamem chulo, mas continuarei a escrever, olhando para Ti, futuro de mim e do meu coração. Vou pedir alguém que me passe os textos para Word, vou continuar com a minha oficina e continuar a publicar junto da editora, dentro das minhas possibilidades, com as curvas e contracurvas da vida.

Nos meus dias, os olhos incham e doem, com pontadas deles ao coração, perdida que foi a poesia e o romantismo, em nome de um estoicismo utópico, platónico. Bem-me-quer quem me diz, pois quem não me diz talvez deva soltar as pétalas da dita flor, amor ardente inalcançável, onde estás TU, agora que a musa me deixou à minha sorte de marinheiro, abandonado às ondas e tempestades entre as têmeoras do mundo. Continuando, prefiro as segundas intenções, do que as primeiras, pois a beleza e pureza pode esconder muito ressentimento. Creio que é a palavra certa, ou será ressentimento, como dizem alguns filósofos, ou inveja, como dizem alguns antropólogos? Porque as segundas intenções escondem terceiras manifestamente mais puras. É melhor ser temido do que aborrecido, mesmo que não usemos de violência, pois à nossa espreita há qualquer coisa que para além da nossa consciência flutuante, que nos quer tramar. Isto pedia uma remissão para a faculdade de Letras, que fica de frente para a de Direito (ironia ou gozo?), mas não vale a pena, nem bater no ceguinho, nem aborrecer as almas, pois se nunca o fomos, todos um dia seremos almas, renúncia aos gregos é urgente, a exploração do sionismo e do holocausto é de uma esquizofrenia que vai muito para além do concebível neste país. Coisas do mundo. Exploração filosófica, monetária, pois que ambas estão estreitamente, como o camelo que passa pelo buraco da agulha, ligadas. E chega de segundas intenções.

Nestes dias, parece haver falta de diálogo ou diálogo a mais, ou acções a mais, para cumprir o mito do eterno retorno. As referências perdem-se e o que vem do Brasil é bom ou mau segundo as circunstâncias e os cidadãos, se é que o são.

Vinganças, ressentimentos, crimes hediondos, parricídios, tudo por causa de uma mentalidade, dizem os psicólogos. Quem levou este país ao fundo foi algo que se entranhou como a Coca-Cola, terá sido Fernando Pessoa a dar o primeiro sinal disso mesmo. A febre do dinheiro, por pensarmos no futuro, faz-nos perder a religião inacabada, as fezes povoam os campos aleatoriamente (ou não). É o princípio de contradição em acção. Onde se fala bom português, não sei bem, talvez devesse, se tivesse obsessão de sucesso ou ser como Artaud, escreveria em inglês. No entanto, o cirílico está bem perto, assim como a inveja. De onde não há não se pode tirar. A febre resulta de um estado de entrega anatómico ao corpo social que rasga o oxigénio da paisagem, donde irrompe o homem em todo o seu esplendor. Agora, quanto a objectivos, é deixar correr a tinta. A terra invade os corpos e entretanto, entre ciência e sobrenatural, na filosofia dos copos misturados, os ardores do estio começam fazendo sentir-se na pele de que tem pela vida consideração, enquanto o fogo alastra nos corações já de si quentes, ao contrário de Birkenau, muito trabalho há para fazer, algum foi feito, mas disso não nos podemos iludir, pois caminha-se por vezes às voltas, nem sempre em frente, nem sempre com uma explosão na meta. O oxigénio escasseia, teremos de o gerir melhor, este corpo da escrita, a escrita do corpo, como tatuagem invisível a que só os insectos e um pequeno canário (e que bem canta ele!). Fama depois da morte todos conseguem. Bem como muitos conseguem antes da morte e disso tiram proveito e satisfação física, social e intelectual?! Nem tanto ao mar nem tanto à terra, o vento dissipa-se e a vida é o vento, que transporta microorganismos e semeia mais do que semeámos nós, pelos locais onde andámos, marcando território como se se tratasse de um crime perfeito. OK, diria

Parusia

em linguagem militar. Observaríamos, então, a diferença entre acção e pensamento, o facto de que, para o equilíbrio individual e social (a mesma treta de sempre), há que manter o equilíbrio emocional, deixar de pensar por palavras, porque a língua e o palato estão viciados, mas porque também importa estar atento aos ventos da mudança, que se opera interiormente e se reflecte para o exterior. Entretanto, para muitos, a preguiça é filha do génio, para outros, o génio é filho da força de vontade e da persistência e teimosia, já não há educação nem regra, enfim, os tempos são outros, nem uma só cabeça pode contentar todas as outras e o próprio Cristo teve quem lhe limpasse o sebo.

Por vezes testemunhamos rupturas, contracções, desregulamento, no entanto enquanto se pensa na terra, não se está no céu, isso parece óbvio. Mas, poderemos ser livres numa terra onde não há liberdade? A resposta deve estar algures fora do país, não apenas no interior de cada um de nós, pelo que há que desenhar obsessivamente um rasgo, um traço forte no sentido de conquistar a liberdade, aquela mesma de que falava Bertrand Russel quando falava de felicidade, e porque felicidade nem sempre se equivale a liberdade, há que ser vigilante, ter os olhos bem abertos, como dizia a minha avó. Não há que enganar, não há como nos enganarmos a nós mesmos para atraiçoar a nossa identidade, coisa que dizem os antropólogos estará já ultrapassada, no sentido em que Marc Augé lhe dava a volta. O comboio descarrilou, falo das coisas que conheço, não apenas da imaginação balofa literária, mas das coisas que conheço, falarei também, psicanaliticamente, daquelas que não conheço e que experimentei experi-mentando.

Antunes, o senhor que se segue, mergulhado em nicotina e dono das mentes de outras pessoas, avesso à liberdade individual, atómica, nuclear, única. No entanto, essa força projectava-o para além das mulheres que desejara, num ímpeto vital que mais parecia algo de vago, distante, perdidamente cruel. Comprou uma casa, cometeu um crime e fugiu, errando pelo continente asiático onde acabou seus dias, só, triste, abandonado por ter entregue a vitória aos outros, àqueles que sorviam sangue, mas não suor e lágrimas como Antunes. A cada passo, avançava em direcção ao abismo das mulheres que trazia na recordação das noites que lhe atraíam a carteira, a mal de viagem, os fenómenos mais ou menos esquisitos para além das explosões de medo que se insinuavam lá no alto, do alto para a terra, para baixo, para debaixo da terra, cuja força centrífuga tudo confundia. Havia claramente um desfazimento entre aquele crime que havia sido cometido e o segundo inquilino da casa, Justino de seus nomes que escrevia em campo minado, pois parece e talvez seja verdade que seria dali para afrente repórter de guerra. Uma guerra de roubo das almas. Viria alguma salvação do Brasil? Um pensamento positivo, uma argumentação concludente que, muito para além dos sistemas fechados de teorias sociais, projectaria várias nações para seu auge enquanto outras entravam em declínio, entre as quais a nossa, a civilização europeia, se quisermos ser mais amplos, a civilização ocidental. A queda do Ocidente era questão de tempo e era esse crime que Justino se esforçava por compreender e dar conta, alheio aos romances americanos onde tudo acaba bem quando o cavaleiro ou cavalheiro conquista a dama e todo o resto, o que ficou para trás, a aventura, se dá por vencida.

Não é preciso, na realidade, muito, para ser-se feliz. Isto a maioria dos portugueses ainda não percebeu. Preciso esforço. Mesmo na sorte é preciso sofrer. É claro que todos queremos mais de tudo, "tudo de tudo", como diria o meu sobrinho. O atleta quer chegar longe e tem seu treinador para o fazer. O último europeu bem pode estar na cidade mais ocidental da Europa, precisamente, Lisboa. Não falo de mim, sou somente um narrador. Já não me interessam os jornais, o futebol, as paixões talvez me interessam na medida em que as pressinto. Já senti medo de ser violado por um grupo de mulheres. Talvez deseje isso, ou tenha sonhado com isso. Vamos do oito ao oitenta numa fracção de segundo, e alguma coisa há a fazer, quanto mais não seja usar a máxima de Cícero (ou seria Epicuro...): "Nada em excesso". A voz desconhecida do real, de que fala a voz desconhecida do real, de que fala René Girard, é isso mesmo. Escrevi algures à mão, a história (incompleta) deste último europeu. O último europeu responderá pela sua ascendência ante o negro que se perfila para tomar seu trono. Cairá da cadeira que lhe deram, sem que disso venha mal ao mundo.

O estudante solitário detinha-se junto a uma árvore e invejava ser uma planta. O homem descansava sob a oliveira. A mulher passeava-se tendo por companhia o seu cão, o Poupas. A Tv estava desligada. Ninguém estava em casa, pelo que o estudante ainda pensava em termos da tese que tinha de apresentar. Pois ninguém apresenta teses sem orientador, bem podia desligar a tv. Por isso mudou de registro, entrando em descompressão, em roda livre, como uma panela de pressão, soprando vapor por isso buraquinho na roda liguilha que dava piruetas enganando o Tempo. Heidegger fala disto. Não no deserto, para onde Judas se atirou para liquidar as contas, mas sob um cemitério numa terra fria da terra dos teutões. O estudante procurava o seu manuscrito "O Último Europeu" para chegar a uma conclusão, ao final da sua história de vingança pessoal

O síndrome de Toulouse começava a atacar de novo. Como haveríamos de correr com ele, quando grassava na Espanha já, aproximando-se imparavelmente de nós? Que saída tínhamos para essa nova peste senão construir barcos e embarcar de novo em viagens como as das Descobertas? Desta vez seria melhor do que a primeira, pois os nativos eram alguns de nós, não eram totalmente desconhecidos.

Entretanto, os russos invadiam territorialmente, pela mão dos ucranianos, a Europa Ocidental. Os próprios ingleses não se estavam a aguentar. Queriam que nos virássemos para os nórdicos, nós, os celtiberos. Que chatice... Com veneno, partículas mais pequenas que o invisível, corriam pelo ar, sufocando-nos, pouco a pouco, levando-nos a uma morte lenta e um homem, aquele estudante, tinha para escrever o romance, a aventura da sua vida, sim, a vida do último europeu. Como descreveríamos esse último? Tinha visto “Mãe e Filho”, justamente de Sukorov, há bastante tempo, no Nimas, enviei o postal para Montreal e entretanto, o papa canadiano voltou para ver sua mãe morrer. Que destino seria entregue a este estudante? Pensar era perigoso, rezar era perigoso, correr era perigoso, respirar também o era. Só a alegria era legítima. Estávamos perto da Atlântida, o reino que renasceria sob a égide deste último europeu, que precisava, obviamente, de uma companhia para garantir a reprodução desta forma da espécie humana.

Parusia

A história que vos vou contar não devia, podia, não devia ser contada. Devia ser um povo inteiro, não digo todo o mundo, mas um povo inteiro a contá-la. E para que se faça justiça, contá-la-emos, na sua verdade. Esse, o único princípio que respeitaremos. Não sabemos quando o leitor irá ler este livro, estas palavras sucessivas, mas aqui não ensaiamos nenhuma espécie de artifício, avançamos à medida das coisas tais quais elas nos foram contadas.

A verdade chegou com um fiscal das finanças. Menos intimidatório que um polícia, mesmo à paisana, mas mais letal. Como uma espada que cinge o indivíduo de alto a baixo como se ele fosse o corpo social. A ordem vem do topo. Uma das motivações desta obra será a laicidade ou o pretensamente falado ateísmo de Saramago. Sua mulher, Pilar del Rio seria a pessoa indicada para prosseguir as minhas investigações, caso quisesse ser um dia prémio Nobel ou obter um prémio de narrativa que me desse algum dinheiro para continuar, enquanto que a filosofia seria de alguma forma uma outra forma para entender Saramago. E Antero? Por enquanto, via *Tierra y Libertad*, de Ken Loach (1995). Passarei a falar um pouco desta obra. Nem sempre o inimigo está nas fileiras do adversário. Segui então a película. Sobre a guerra a que o meu avô se resgatou. Um desejo de ir à Andaluzia me percorreu a espinha. Sentia-me espanhol mas não sabia falar fluentemente. Estava errado? Mais perto estava o francês. Eu assumir-me-ia como republicano ou anarquista? Bem, tinha saudades daquele livro de Fuerbach...a *Essência do Cristianismo*, daí a Marcuse e à sociedade de consumo industrial ia um passo. Seria Deus o dinheiro em circulação? O filme decerto não mostrara isso. Teias da mente...Para mim, a Catalunha, ainda a propósito do filme, não encerrava nenhum enredo amoroso. Estava mais ligado à Galiza. Mas minha irmã havia estado na Catalunha. Já era um sinal a não desprezar...E seria sincero este meu sentimento “espanhol”? Tinha nas mãos a Politeia, de Aristóteles. Confesso...não tinha toda a minha vida para a filosofia. Morreria disto, desta matéria esparsa...um dia. E o enviado das Nações Unidas visita a Rússia. Que fará o meu vizinho ucraniano? Cuidando do filho, decerto.

Parusia

Muita violência. O treinador do Barça está com cancro de esófago. Também o meu professor da escola primária. O próximo sou eu. Dramas sentimentais, paixões que arrepiam ou potenciam qualquer filosofia. Ainda não cheguei à verdadeira ligação entre antropologia e filosofia. Mas tenho muitos elementos, estou-me distraíndo do verdadeiro assunto que aqui nos traz. Parusia não tem a ver com o evento, mas mais ainda com o evento de um novo Ser. Um novo Cristo, uma nova vinda e vida de Cristo. Tantas vezes invocado. Por mim também. Um livro sobre Cristo? Mais um? Uma sensação de estar sendo seguido? Porquê alguém me disse para não deixar rastro? Porquê? Minha mãe agiu sempre assim. Porque deixo rastro? Porque lhe parece que deixo rastro? Cristo deixou? É evidente que sim. Marcou uma posição, tal como Sócrates, abstraindo-se e lutando. Eu já deixei rastro que chegue. Se não dá chispa, não tem sentido, essa é a resposta que trará consigo, no seu âmago, o novo Cristo. Quando muito foi dito, misturando sexo e religião, muitos seguiram a moda e ganharam milhões com isso, escárnio que tinham pelos outros, fomos surpreendidos na baixeza do queixo de Cristo, que ao desejo entre humanos poucos se referiu, apenas no seio de sua mãe jaz, deixando filho e mulher por criar. Então, sua vida não foi completa e que homem se poderá disso gabar? A morte completa a complexidade do desejo que se invade. Publicado não quer dizer homologado. Quer dizer gravado na mente. Mente...mente. Prometemos a nós próprios que não teríamos mais bloqueios. Passamos a outra situação. O Paraíso é um lugar na Terra, diz a canção dos anos 80...pode ser, se a solidão não for abolida dos nossos calendários rasgados de raiva por não sabermos dizer *amo-te*. Ele estava no meio da multidão, de cabelos longos e barba, como sempre, não seria um mendigo, um a forma de argumentação filosófica e teológica pela imagem no meio da multidão transpirando, esvaziando-se de vida. É assim uma revolta como a dos primeiros cristãos, que acontece, de norte a sul, mais tensa a capital, lugar onde se sucedem manifestações de massas de mendigos e pobres, de sem-abrigo, de desempregados. A mudança é silenciosa. A vida é silenciosa. Vegetal. A vida social apresenta-se como uma **con-fusão**, aparentemente nestes momentos por que passamos. Nos Indignados nasce o ponto de Arquimedes que tem a ver com a relatividade aplicadas às emoções, tópicos negligenciados pelas ciências , ao qual

Parusia

já dedicámos um ensaio (*Uma Ponte entre Psicanálise e Antropologia*(2007) n/ed.). E diz que tem o acesso bloqueado. Vai ser preso para interrogatório, Dâmaso era leve demais para os regimentos que os fardariam, que o caçavam como animal. Político o animal, Aristo. Aorta. Torto. Como Lisboa torta. Mista. Tau. Tau, Splhunch. Das(ein). *If only we knew...*estamos demasiado perto dos americanos e demasiado longe dos ingleses, isto fundamentado na bibliografia que segue no fim desta obra. É uma bibliografia que configura uma obra que poderia ter como núcleo uma tese de doutoramento, é portanto, um desafio ao diálogo, não grosseiro nem psicanalítico, não analítico, mas factual. Porque a antropologia, a filosofia e este livro vivem de factos. De Março a Dezembro de 2012, este que está acabar.

Não sou jornalista. Sou antropologista?! Não mais, portanto acabaram-se os compromissos. Não julgo, para não ser julgado. Assim se regista esta estética narrativa, sem orientador por falta de arcabouço, da parte de lá ou de cá, obviamente. Visitei um dia o meu dicionário. Está convidado. Entretanto....as ligações são demasiadas para podermos explicar só por palavras. Daí a capa deste livro, que pretende ser um manifesto de cidadania pelos que nem sequer têm conta bancária, quando mais rendimentos condizentes com o seu esforço e dedicação à ciência, ao saber, à cultura *Dasein*. Estar, Pertencer, Parecer. O público e o privado. A hermenêutica que se estonteia contra uma parede invisível. Qual Blanes, qual Bolaño qual Vila-Matas, qual quê? O Tavares, enfiou onde o prémio? Fogo aos seus livros. Sangue, a escorrer para os esgotos pútridos, a merda entre pelas narinas em bolhas de sabão, substâncias, já ninguém quer saber do glocal, tudo quer saber acerca de redes....quanto mais redes fazem mais caiem nelas...pois é, bebé....falar através de Coimbra, da Bernarda...dizer és um travesseiro, uma travessia, uma cafeína arrotada...és Julian Mariás...orgulho-me de Ti. Tenho de te visitar, no Tempo.

Jesus está em cada um de nós, as religiões podem entender-se na Babel do mundo em que vivemos, a terra não é redonda, é uma torre onde todos falam línguas diferentes e mesmo assim se entendem, de uma maneira ou de outra, de modo a chegar ao céu, onde descobrirão espaços habitáveis noutros planetas, onde a vida que já lá existe se fundirá com a vida que cada um de nós transporta. Seremos teleportados para além do Tempo, para fora do tempo, no sentido da eternidade, o tempo é só uma marca nos passos de um homem passeando de mão dada com sua companheira à beira-mar, assistindo ao desenrolar das ondas e absorvendo a maresia, onde os pescadores se dedicam a suas actividades. Os Indignados podem ser relacionados com a Parusia na medida em que há um novo Cristo que os conduz, pois Cristo, Cristo sempre abominou aqueles que se preocupam perversamente com a lei e o dinheiro e não sabem procura a sorte daqueles que trabalham, pois a sorte requer esforço, desejo e dedicação.

Parusia

Entretanto, reunido em Conclave, o sucessor de Pedro chama-se Francisco I. Cristo ainda não chegou, não, o tempo não se percorre assim, retumbantemente, mas com paciência de Ser. E Parecer. E Estar. Mas é pouco. Do interior cansado para a frente.

Esta obra está já escrita algures, uma obra que li pouco, de que a minha avó apontou frequentes passagens. A avó materna. Não terei eu de ser eu a dizer com fogo o que a água disse. Não se trata aqui de um relato fugidio, como quem evita a verdade, nem tampouco da fixação da verdade, que também me foge, mas não pretendo também elaborar um tratado de teologia, ou filosofia. O título deste texto pode parecer forte ou inspirado na obra de Saramago. O que é certo é que li Saramago. E não via nele nenhuma forma ou conteúdo de laicismo. Talvez não queira deixar aqui também um registo autobiográfico, afinal talvez tenha dificuldade em colocar-me no lugar dos outros. E fuja a um destino que me foi traçado, que seria ser sacerdote, mas enfim, aproveitei os prazeres laicos ao ponto de aceitar para mim o epíteto de libertino barroco, usando a expressão de Michel Onfray. Não pretendo também mexer com a consciência das pessoas delineando um percurso que muitos têm e tiveram igualmente. Digamos que apenas tentei. E vou tentando argumentar que um certo Cristo já passou por nós, teremos passado por ele e enfim, teremos passado por muitos Cristos, diz o Livro que todos e cada um de nós somos Cristo, de tanto que ele quis ser cada um de nós. Poderia falar na segunda vida, mas prefiro segunda vinda no sentido em que tal eminência de presença nos traz alguma esperança, vida e ajuda-nos a manter-nos à superfície, aqui perto da água. Tenho uma tarefa ingente pela frente e poucas as ideias que me surgem, como a conta-gotas nos olhos para enxergar melhor. Parece-me que já perceberam a minha ideia, não escrevo para a humanidade inteira, longe de mim, mas um pouco ao estilo de quem perdeu a religião e a fé e as tenta resgatar. Como não confundir direito civil de direito religioso? Mas acabo caindo sempre na autobiografia, talvez porque tenha bastante a explicar e bem o gostaria de fazer. Mas restringir-me-ei a fazê-lo aqui, em nome de um Cristo que também sou e da humanidade que também é. Digamos que pretendo falar um pouco daquilo que sei, longe das novelas, das criminologias, no meu lugar chato de reflexão. Assino com pseudónimo para dar conta do magma que é a alma humana, o inconsciente no sentido freudiano ou mais claramente junguiano.

Parusia

Talvez seja demasiado ambicioso pensar por todos, mas afinal, cada um pensa também por todos, em termos kantianos, em termos de razão universal.

Tenho sido um escritor vulgar. Entretanto, li Fierbach. Nessa obra está explicado o título, aparentemente provocador, desta minha obra. Muitos messias já se seguiram àquele que nos querem impingir e no qual eu acredito, juntamente com a minha família. Ideias e pessoas circulam à minha volta. Estou sem direcção certa. Ainda bem. Falar de mim. Falar dos outros. O fim adia-se. Resiste-se. Não me iludo.

Preciso de me apaixonar, estou na cidade, na aldeia e no país errado. Talvez procure a utopia do humano noutra lugar, para além de mim mesmo. Escavei dentro de mim qualquer coisa que se chama humanidade e encontrei absurdo e desrazão dado que tanto absorvi que agora é um desatar de coisas aparentemente sem sentido. Alguns autores falam do Evangelho e do Antigo Testamento com o intuito de os interpretar. À sua maneira. Porque não o poderei fazer, se já li bastante Ricoeur e outros autores cristãos. Nem tudo o que vos falo vem da minha me, que não sou eu, mas o que recebo do exterior. Vem da leitura dos autores cristão, tantos e da confrontação com o secularismo que está secando a Europa em nome de princípios e filosofias hedonistas. Vem, portanto, este trabalho, de muita mastigação de conceitos, por assim dizer.

Para agradar? Uma verdade muito inconveniente, que a religião se encontra ligada ao mecanismo monetário, à religião. Crítica? Simão Prestes desapareceu. É ele o Messias que a Europa precisa. Nesta Europa secular, científica, industrial, especul-activa, ele está sentado todos os dias, com salário ainda por cima. A palavra Cristo, usada e abusada. No toque.

Para além das vozes, multiplicam-se as dos mortos, que a noite escraviza e o dia multiplica, sombras e alentos venenosos, substâncias inúmeras que nos roubam a felicidade. A onda vem, vai e vem, não necessário citar mais alguém. Fazem filmes. Realizam. Desenvolvem. Luto. Energia. Phronesis. Nomenclatura. Videofone.

Tudo começou pelos caminhos ínvios da sorte, misturada com Bem e tendo o Mal à perna. Monogamia, Torre de Babel, etc, o mito bíblico dá dinheiro ainda a muita gente e continuamos nós a acreditar no primeiro Cristo mais de dois mil anos depois. Terão vindo outros entretanto, e terá havido pouco sinal deles, como de Maomé. E outros. Virá então um Baptista e depois baptizará na Atlântida o Cristo que perdemos pelos caminhos insidiosos da fé cristã através dos séculos. A partir de 666, o ano da Besta, virão mais apocalipses e se vieram já outros Cristos vieram. Quem é esse Cristo que chegou até nós, feio, disforme, igual aos seus contemporâneos? O Belo anda de mãos dadas com o perigo e a violência, sob todas as formas e com todos os recursos.

Haverá alguma coisa a escrever depois de tanto esperar? Este Cristo de que vos falo está contido em cada um de nós, sobre com o peso do mundo, com seus pecados e falta de justiça, com aquele que pede estendido no passeio, musicando. Este Cristo, que Nietzsche não conseguiu compreender, estende a mão que lhe é pedida e cura, salva, purifica o interior, pois somente o interior, um interior perfeito, pode curar um interior imperfeito. Doutrina esquecida, essa do maniqueísmo, mas que comanda todos os romances e vida psicanalítica da maior parte das pessoas, sim, falo da eterna luta entre Bem e Mal, sendo que este livro pretende dar uso a outra religião, outra forma de pensar e de agir, outra consequência. Caminhos que levam a parte nenhuma, como diria Heidegger. Só ele sabe o tormento da falocracia que tem estado na origem de todos os males. E agora, a espaços, o tormento da “falosofia”, que comanda o Zeitgeist de todo o mundo pós-moderno, condenando muitos em seus delitos e penas. Teria muito a dizer a este respeito, a este respeito se resume a história da civilização ocidental, onde os homossexuais e as lésbicas, os ciganos, os judeus, os diferentes, são detidos e espremidos juntamente com tantos outros grupos e indivíduos *diferentes*. E se muito já foi dito, muito mais haverá a dizer.

Talvez seja eu mesmo esse Cristo, que se vê condenado por uma tribo de sacerdotes, esse Cristo numa sala vendo *A Paixão*, onde na sala do lado grita o obsceno, é a voz do Diabo. Não há como desistir, teria de expurgar muita coisa, mas muitos mais teriam de o fazer. A primeira pedra. A cura do leproso. Quem não tiver mancha que lance a primeira Pedra. Enquanto isso, para que serve o sal senão para exportação. Nunca saberei para onde. Para lugar algum. Talvez se tenha deixado de colher sal. Passo a explicar.

O Tempo sufoca. Esta necessidade de falar em nome de outro. Esta premência de ter de fazer alguma coisa. Como se nada tivesse existido, como o chilrear do periquito só não chegasse, por si mesmo, aos ouvidos da periquita, lá longe, entretida com outro, de outra cor e feitio. Entretanto, Calíope olha-me, não, não me olha, sorri um pouco, desenha um sorriso em que não se vê os dentes (por isso é um sorriso) e tem os olhos baixos. Talvez não seja a minha musa e esteja ali, desde há mais de 15 anos, vigiando meus passos, minhas passas, meus sons, meus olhares. Lá se vai a coerência da obra. Da hermenêutica. Passamos de um registro a outro com a facilidade com que alguém é teleportado para o passado. Ou para o futuro, esse futuro de que vislumbramos névoas e objectos, incidências e lacunas, objectos, nós mesmos agarrando em objectos e comendo deles para sonharmos de novo com um novo futuro. Em que Tempo? Em que época? Aqui o discurso entra em rota descendente, é preciso mais um pouco de café. Como não há ligação institucional, não estamos obrigados e nada. Criamos a partir do Nada. Por isso nem Pó somos.

A alma humana não se mede. Toca-se. Mas como se pode tocar sem medir? Para que propósito medir a alma humana? Que Deus poderá ter coragem, ao lado de Stephen Hawking e outros, entre os quais Damásio, de medir a alma humana. Que impertinência! E tantos, tantos prémios!....Palestras, conferências, seminários (quando fui para a o seminário surgiram os seminários em Portugal, tanto quanto me lembro), debates, controvérsias, quando a Verdade está numa história, numa moralidade, num destino, em tanta coisa. Lembra-me Espinosa. As filosofias são sempre circunstanciais e aquilo de que mais gostamos não é tanto a filosofia, a teoria a propor, mas a biografia. Por isso tanto nos interessa o crime, o acontecimento. Porque temos ressentimento herdado, herdado no nascimento e na altura em que a criança é lançada ao mundo exterior, dá um grito, dois gritos, imensos gritos de revolta, porque estava dependente e estará, infelizmente. É ressentimento, cólera que é preciso aplacar com muitas palavras e emoções. E tem, finalmente, uma alma, que a neurologia e a psiquiatria, nem a religião explicam. Quanto mais a psiquiatria forense. Ninguém saberá jamais as motivações, as explicações, nas revistas científicas, são meros propósitos e obrigações de carreira, de preenchimento da biografia, de justificação perante o outro. E o Outro, por vezes, não é o semelhante, mas o Poder. Daí a falosofia que tem imperado desde o nascimento do cristianismo. Fuerbach não me perdoaria isto. Nem tantos santos teólogos da Igreja. Mas não quero saber. Prefiro a nuvem do não-saber. Nunca, por mais palavras que se escrevam, chegarão ao verdadeiro âmago da alma humana. Talvez não fosse esse o seu propósito. Apenas queriam, como nos CSI e seguintes, procurar um bode expiatório para lhes retirar a perda.

Como medir então a alma? Sim, porque ânimo pode ser medido por uma ciência de emoções, podemos todos entrar nas dimensões do Tempo numa só biografia e nada ficar a perceber do que se passou. Outros farão uma ideia de nosso caminho e é bom que isso fique registado, mas nunca, nunca mesmo saberão as verdadeiras intenções do sujeito. Nunca!

Nem tampouco a alma se toca, pois é algo de inefável, como o pensamento, que usamos aqui para nos expressarmos. Não se trata de uma Matrix, mas de algo mais do que inominável, palavras por vezes mal utilizada para justificar obscenidades. De que é composta então a alma humana? Como e com que método, se o quisermos fazer, chegaremos, a explicá-la? Não será, ao invés, mais importante, apenas sentir, deixá-la expressar-se, em vez de a tentar explicar? É esta a contradição essencial da filosofia ocidental. Tenta explicar a alma mas não a deixa expressar-se. Sufoca-a com tanto sangue intravenal e tanto químico e tóxico a fim de que ela “cuspa” a sua identidade. A solução poderá, certamente, estar no devir, no sentir, na fruição da própria alma que habita o nosso corpo, deixando-a expressar-se. E por mais terrível e horrendo que tenha sido o nossos passado –traições, paixões violentas, agressividade, morte, etc- há sempre um caminho (finalmente, uma caminho!) por onde andar. Esse caminho para o âmago da nossa alma nem sempre está traçado à partida. A maior parte das vezes não está. Poderá ser qualquer coisa como uma intermitência, qualquer via que nos surge quando dela precisamos. Esse é o caminho. De dentro para fora, de fora para dentro, sorvendo, assimilando (sim, assimilando, como uma esponja) e devolvendo, Bem ou Mal, não interessa. Esse é o caminho da/para a alma. Humana.

Depois, para além do supradito, ouvir a voz da natureza, a “voz desconhecida do real”, de que falava R. Girard, voz que se entricheira e insinua e persiste nos interstícios da aventura humana através dos séculos. Há então, muito de passado

Parusia

neste presente, como haverá no futuro. Os três tempos marcam o ritmo da Vida, Um, Dois, Três, Santíssima Trindade, poderíamos dizer. Como a música. O compasso quaternário pode afigurar-se, desculpe-me Damásio, como um Outro caminho, como uma flecha, uma espada que desembainhada atravessa os três tempos. E nesse compasso haverá lugar para a alma humana? Merecemos nós saber o que significa o Quarto Número?

Eis-nos chegados, então, ao “mistério” do Quarto Número, a que chamaríamos de alma, como se a música, sob todos os gêneros, se soltasse do próprio instrumento e tocasse, em uníssono com a natureza e a voz desconhecida do real, por si própria, como se a alma se transmutasse, se camuflasse, se adaptasse. Não falemos do dilema alma-corpo. O que nos interesse é ir além, numa peregrinação metafísica, para chegar não a explicar a alma, o que já muitos fizeram, mas analisar o mistério do quarto número. Estive convencido, durante a minha vida até agora, com 43 anos, de que o meu número (da sorte e do azar) seria o 4. Mas não, era o sete (7), segundo dizem astrólogos e afins. Ora, o que senão uma infinidade de números entre o quatro e o sete? Será que a alma poderá ser acondicionada nesse intervalo infinito? E o que está antes do quatro? E depois do sete? Teremos de esperar um pouco, talvez mais do que o tempo esperado, para resolvermos este mistério, este enigma. O mistério do número quatro resume-se à minha vida, à minha biografia. Até agora, que mudei de número da sorte (para o sete). Contudo, tanto na astrologia como na ciência, social ou psíquica, alguma explicação deve haver a fim de nos ajudar a justificar toda a essa biografia desfasada da realidade, aparentemente. Porque muito dano foi causado é preciso explicar. Eis, portanto, como em poucas linhas, o mistério do número 4 foi solucionado. Partimos da hipótese e chegámos à conclusão sem qualquer experimentação. Hellás!

Falemos agora acerca da profundidade escondida na superfície das coisas. Coisas do mundo. Do mundo de hoje, do presente que parece eternizar-se através do consumo, nesta sociedade de consumo que se alimenta, doente, da própria causa da sua doença. Seguimos aqui um pouco as ideias de Michel Maffesoli, em *Entre o Bem e o Mal*. Partimos dessa ideia, longe vai o passado, estamos agora analisando o presente e o que ele tem de negativo para ser assim tão negativo...tão MAU. Claro que a Razão não explica tudo, nem sequer as coisas do mundo, nem sequer a alma humana. Desde Platão que se tenta. Autores que nem sequer conheço o terão feito. Mas é desso acúmulo que se gera algum conhecimento, que me atravessa e à minha alma, pequena ou grande não sei, porque o passado já lá vai e se entrevê na razão qualquer coisa de catastrófico, telúrico, violentíssimo. São assim os dias de hoje, cada qual tentando sobreviver, uns com os outros, uns sós, outros misturados na multidão, nas massas. Não, deixámos para trás os mistérios da alma e do número quatro, pois sorvemos agora um café na escuridão, tentando acabar vários livros começados uns, deixados a meio outros, deixados a três quartos, outros.

Eis-nos, então, no promontório, atentos à *magma mater*, à Mãe-Terra. Ou caímos, entregando-nos a um sono profundo e reparador, no qual viremos toda a transitoriedade das coisas vividas, das vivências e emoções, tidas e não tidas, evitadas ou provocadas, ou recuamos um pouco, não no Tempo, mas no espaço que é esta Terra. A Terra-Mãe. De que temos saudades e se há algum destino, será o regresso a esse crisol magnífico e luxuriante, muito para além do seio da Terra, como no filme de Terrence Malick, *A Árvore da Vida*, numa praia onde tudo começa, onde a água se estenda pela terra, com ela se misturando, afinal acto de criação supremos. E sejamos dignos de pisar a Criação...

Regressámos então um pouco atrás, no promontório, podia ser o promontório do artista que pintou Nietzsche, enfim ele próprio um deus atormentado pela visão de coisas más que se sucediam no seu dia, alheia a qualquer tradição, por mais que o negue a história da filosofia. Alheio a tudo, recuando um pouco no espaço, para não se perder no Tempo. Estaria louco no final da sua vida. Mas com certeza está agora ao lado de Deus. Como seria esse Deus que ele, tão ardorosa e ferozmente combatia? Não, seria apenas o espírito da época que o autor combatia, afinal, como diz a canção, somos apenas vítimas das circunstâncias em que vivemos, da época para a qual fomos lançados de pára-quadras. Deixámos algo por dizer atrás, nestas palavras, deixas para que o Leitor prossiga o seu caminho, que não negamos tenha um, não negamos.

Uma música, um lastro, um tempo que se perde na madrugada e se entrega ao sol que ainda não nasceu, os ratos escondem nos túneis que não percorremos, cavernosos como nossos pulmões. Entretanto, caminha-se no ardor da roupa molhada, à espera que o sol e o calor espremam o bacalhau e a sardinha, pois então, como se faz na Nazaré. Pressentimos o eco, lá longe, onde mais alguém espera por nós, falando outras línguas musicais, que é assim mesmo linguagem universal. Entre portas, atravessada a porta, tornamo-nos invisíveis e sabemos mais no sono do que na vigília, a propósito de uma Páscoa que foi e que progride assim para as festividades de verão, onde os emigrantes regressam para alegrar a festa e trazer algum dinheiro para a economia, pois então. Enquanto isso, é primavera, quereríamos estar noutra lugar, viajando, mas estamos ficando cotas e estamos muito bem aqui. “Sabes o que acho? Acabei ficando feliz por aqui. Não sei se teria valido a pena partir, colocar a casa na arrecadação, engavetar tudo e partir, alugar o apartamento aos funcionários da RTP e zarpar, peregrinar por essa Europa que se transfigura ideologicamente”. Sabem que mais, não sei se é hora de fechar a loja, se é hora de continuar, não que os sinais e a inspiração sejam parcos, mas porque de alguma maneira há sempre qualquer coisa que fica por fazer. Isso será, certamente, a deixa para quem vier a seguir...quando dermos o *tilt*...

Com ímpeto vital, regressamos ao convívio das letras, não para dar romãs ou observar plátanos, mas para fazer algum sentido entre criminalidade e filosofia. A filosofia de Cristo e é explícita. Descobre a verdade escondida entre as pedras que abafam sapos e insectos. Assim como Guterres afirmou que “é só fazer as contas”, neste caso diríamos, “é só ler”. Contudo, isso não chega. Há uma filosofia, um padrão na criminalidade, que fascina e perverte. É disso que é feito o mundo. A beleza interior pode significar muito. Mas é rara nestes tempos. Nem tampouco eu me confesso. A descoberta do criminoso nada tem a ver com o conceito de bode expiatório, que não é para aqui chamado. Na filosofia dos corpos misturados, como diria Michel Serres, descobre-se sempre um sujeito culpado de alguma coisa. De fazer, de pensar, de não fazer. É isso que alimenta a máquina da Justiça. É disso que é feita a Lei, dessas mesquinhas vinganças e defeitos biográficos que levam uma pessoa a matar. Ampla ambição, esta, a de querer ligar e abarcar filosofia e criminologia. Talvez a explicação esteja na falocracia em que vivemos, melhor, na falosofia, que tudo desenvolve, especula, tolhe e retira graça e divindade às pessoas. Por isso é tão pobre a filosofia contemporânea. Depois, esta falosofia tem um padrão. Parte de um ponto, cumpre o seu *desideratum* e volta ao mesmo ponto. Sim, o criminoso tem um padrão, o de voltar vezes sem conta ao lugar do crime, como se quisesse compreender, moer, masoquistamente, o que tem na cabeça para fazer, sabendo mesmo que está sendo visto, persegue ainda ou é perseguido (possuído, seria mais adequado) por essa ideia de Mal, mal contra o Outro.

Eis que lhe deu uma tonteira. As vozes que povoavam a sua mente ecoavam em Timor, na Guiana-Francesa, no deslocamento do espaço, para além do Tempo. Ou não se chamasse ele Messias. Ficara em casa naquele dia. Não fora treinar, como ultimamente. Café, tabaco, comida. Contudo, negavam-lhe direitos básicos. Não, não era autor de um crime. Não precisava de padre nem de psiquiatra. Todos os outros estariam loucos? Todos menos ele próprio, evadido dos caminhos, dos lugares da razão. Prisioneiro e liberto da Razão. Lá fora, o estio normal para a época. Saíra cedo, depois de dormir horas mais do que suficientes, a filosofia estava longe, talvez mais longe do que imaginara naquele recanto de pensador que tinha na sala de estar. Farto de ler, de pensar, de cogitar, de ruminar. Seu espírito recuava ante a realidade, acossado. Era preciso pousar as mãos sobre alguém, baptizar, esperar no entanto por João Baptista, que viria ao seu encontro. “Ó meu grande animal, nunca mais apareces?” -pensava insistentemente.

Não forçar. As portas abrem-se, é necessário que as possamos atravessar, com a alma e o corpo. Afinal, elas foram feitas para separar o interior do exterior, onde há oxigénio diferente, como no interior do corpo e no seu exterior, foram feitas para serem franqueadas. Comboio em andamento há dias e dias, levando consigo passageiros que circulam, outros sentados, outros em pé, outros dormindo em beliches. Filmes. Nunca mais. Foram bastantes os que visionei. Tenho essas histórias cravadas no meu cérebro, na minha memória, mas não as escrevo, não as reescrevo, talvez porque procure um *modus operandi* para qualquer coisa de magnífico e inaudito. Depois, um dia normal, um a seguir aos outros, os corpos aproximam-se com o estio e estalam corações de pedra, assumindo forma de carne, preceituando volições íntimas, abolindo o ressentimento através do amor, físico ou romântico. Só eu permaneço só. Mas não me posso queixar. Deixei de investir na vida. Não pertenço aqui, estou emprestado, como um jogador que tem um grande passe. Falta pouco para o sono. Depois da meia-noite, Cristo morreu. Tenho sorte em estar vivo e lutando pela saúde. Cristo trouxe conhecimento e verdade. Eu digo verdades quase verdadeiras, quase instantâneas, não como *flashes* fotográficos ou na imagem-movimento que o cinema é, mas com conceitos, apalavra após palavra, conceito após conceito, na descoberta da intimidade gloriosa (diria Aquilino Ribeiro), do Eu e dos Outros. E não saímos disto!...

Do Bom Uso da Razão para fixar a Verdade. Poderia ser este o mote para mais um volume, mas estando o narrador farto de falar das coisas que conhece, deveria então, supostamente, avançar para as coisas que desconhece. Deixemos a noite tomar o nosso lugar...

O discurso abstracto pouco serve num mundo feito de imagens e paixões, em que o aleatório das relações humanas funciona como bitola para a canalização dos desejos do inconsciente colectivo. Nesta medida, as proporções emanadas de qualquer indivíduo relativamente à paisagem, humana e natural, servem de medida daquilo que ele é em potência quando é lançado ao mundo, que não compreende imediatamente, mas que com a aprendizagem aprende a domar, através dos instintos, da experiência, sem esquecer o seu sexto sentido. É a regra da adaptação de Darwin, que não exclui um sentido de comunidade ainda existente nas nossas aldeias, de norte a sul. Quando estamos limitados em termos de orçamento, das duas, uma, ou viramos para o discurso abstracto, que é mais económico, ou viramos para um discurso concreto, que pode gerar riqueza e relações. A escolha é do autor, pois então, faltam duas horas para chegar o comboio e o maquinista é um homem sem barba nem cabelo grande, de facto até rapou a barba hoje de manhãzinha e mora aqui perto, de onde escrevo. É feriado, 25 de Abril, um jovem, para me sondar, num destes dias atrás disse-me que iria acontecer qualquer coisa neste dia. Pois as coisas continuam na mesma, aos repelões, aos achaques e tosses convulsas, às compulsões e admirações deste estado de coisas que não muda de repente mas vai mudando a pouco e pouco serenamente.

São todos muito cristãos. Para o que lhes convém. Mas nunca estiveram perto de Cristo. Ele nem sequer era cristão. Aliás, este romance, que era para se intitular *Os Indignados* não passa disso, de um romance. Passaram mais de dois mil anos desde a existência de Cristo, a julgar pela arqueologia bíblica. Entretanto, a fé Bahá'i integrou Cristo no seu sistema e juntou-o aos outros profetas. Nem eu queria viver no tempo dele. Nem no tempo nem na cabeça de Nietzsche. Aliás, queria distanciar-me da minha interioridade que é por definição a exterioridade dos Outros e que me sufoca. Anseio por libertação e não é a religião que o vai fazer. Continuem acreditando, faz-vos bem à saúde e à sociedade tecnológica e industrial que pretendeis empreender. Eu por cá vou vivendo feliz. Enfim, tretas.

Nome do ficheiro: Parusia
Directório: C:\Users\Vitor Mota\Desktop
Modelo: C:\Users\Vitor
Mota\AppData\Roaming\Microsoft\Modelos\Normal.dotm
Título: Parusia
Assunto:
Autor: Vitor Mota
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 26-12-2012 17:24:00
Número da alteração: 192
Guardado pela última vez em: 03-05-2013 05:06:00
Guardado pela última vez por: Vitor Mota
Tempo total de edição: 769 Minutos
Última impressão: 03-05-2013 05:07:00
Como a última impressão completa
Número de páginas: 150
Número de palavras: 39.139 (aprox.)
Número de caracteres: 211.354 (aprox.)